

Centro Espírita Léon Denis

Curas Relatadas
nos
Livros Espíritas



Estudo para o Encontro Sobre Medicina Espiritual

Índice Geral

Elucidações Evangélicas – Antonio Luiz Sayão.....4

MATEUS, 4º, 23 ao 25. — MARCOS, 1º, 21 ao 28; e 3º, 7 ao 12. — LUCAS, 4º, 31 ao 37. Predição de Jesus. — Sua fama. — Curas físicas e morais chamadas “milagres”	4
LUCAS, 13º, 10 ao 13. Mulher doente, curvada	6
MATEUS, 8º, 1 ao 4. — MARCOS, 1º, 40 ao 45 — LUCAS, 5º, 12 ao 16. O leproso	7
MATEUS, 8º, 5 ao 13. — LUCAS, 7º, 1 ao 10. O centurião	9
MATEUS, 8º, 14 ao 17. — MARCOS, 1º, 29 ao 34 — LUCAS, 4º, 38 ao 41. Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas	11
MATEUS, 14º, 34 ao 36. — MARCOS, 6º, 53 ao 56. Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus	12
MATEUS, 8º, 28 ao 34. — MARCOS, 5º, 1 ao 20. — LUCAS, 8º, 26 ao 40. Legião de maus Espíritos expulsos. — Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar.....	13
MATEUS, 9º, 1 ao 8. — MARCOS, 2º, 1 ao 12. — LUCAS, 5º, 17 ao 26. Paralítico.....	15
MATEUS, 9º, 18 ao 26. — MARCOS, 5º, 21 ao 43. — LUCAS, 8º, 41 ao 56. A filha de Jairo. — A hemorroíssa	17
MATEUS, 9º, 27 ao 31. Cegos curados.....	19
MATEUS, 9º, 32 ao 34. — LUCAS, 11º, 14 ao 20. Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus	19
LUCAS, 6º, 17 ao 19. Descida do monte. — Curas	20
MATEUS, 12º, 9 ao 14. — MARCOS, 3º, 1 ao 6. — LUCAS, 6º, 6 ao 11. Cura de uma mão parálitica, em dia de sábado	20
MATEUS, 12º, 22 ao 28. — MARCOS, 3º, 20 ao 26. Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. Blasfêmias dos fariseus. — Reino dividido	21
LUCAS, 17º, 11 ao 19 Os dez leprosos	23
MATEUS, 20º, 29 ao 34. — MARCOS, 10º, 46 ao 52. — LUCAS, 18º, 35 ao 43. Cura dos cegos de Jericó.....	25
LUCAS, 14º, 1 ao 6. Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus	26
MATEUS, 26º, 47 ao 56. — MARCOS, 14º, 43 ao 52. — LUCAS, 22º, 47 ao 53. — JOÃO, 18º, 1 ao 12. Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha a um dos do séquito do sumo sacerdote e Jesus a cura. — Fuga dos discípulos	26

Os Padrões Evangélicos – Paulo Godoy29

Curas pela Fé.....	29
Bartimeu, o Cego	30

O Evangelho dos Humildes – Eliseu Rignonatti32

Os Endemoninhados Gerasenos	32
A Cura da Mulher que tinha Fluxo de Sangue	32
A Cura de Dois Cegos e um Mudo	33
A Cura do Homem que tinha uma das Mãos Ressicada	34
Os Dois Cegos de Jericó	37

Parábolas e Ensinos de Jesus – Cairbar Schutel.....38

O Cego de Silóé 38

Recordações da Mediunidade – Yvonne Pereira.....43

Faculdade Nativa..... 43

Os Arquivos da Alma..... 44

O Complexo Obsessão 46

Curas em André Luiz.....48

Libertação – Precioso entendimento 48

Sexo e Destino..... 48

Nos Domínios da Mediunidade..... 49

Serviços e Passes 49

Obreiros da Vida Eterna..... 51

Ação e Reação..... 53

No Mundo Maior..... 55

Missionários da Luz 55

Entre a Terra e o Céu 56

O Nosso Lar 57

Vida e Atos dos Apóstolos – Cairbar Schutel.....58

A Cura de um Coxo e o Discurso de Pedro 58

Os Milagres e as Curas – A Prisão dos Apóstolos 59

Pedro Cura a Enéias 60

Elucidações Evangélicas – Antonio Luiz Sayão

**MATEUS, 4º, 23 ao 25. — MARCOS, 1º, 21 ao 28; e 3º, 7 ao 12. — LUCAS, 4º, 31 ao 37.
Predição de Jesus. — Sua fama. — Curas físicas e morais chamadas “milagres”**

MATEUS: capítulo 4º, versículo 23. E Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e enfermidades do povo. — 24. Sua fama se espalhou por toda a Síria, à sua presença foram trazidos os que se achavam doentes e atormentados por dores e males diversos: — possessos, lunáticos, paralíticos — e ele os curou. — 25. Acompanhava-o grande multidão de gente da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e de além Jordão.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 21. Vieram em seguida a Cafarnaum onde, entrando na sinagoga aos sábados, Jesus os instruía. — 22. Todos se admiravam da sua doutrina, por isso que Ele os Instruía como tendo autoridade para fazê-lo e não como os escribas. 23. — Ora, sucedeu achar-se na sinagoga um homem possuído de um espírito impuro, que exclamou: — 24. Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. — 25. Jesus, em tom de ameaça, disse-lhe: Cala-te e sai desse homem. — 26. Logo o Espírito impuro, agitando-o em convulsões violentas e soltando um grito estridente, saiu do homem. — 27. Tão grande assombro se apoderou de todos, que uns aos outros perguntavam: Que é isto, que nova doutrina é esta? Ele manda com império mesmo nos Espíritos Impuros e estes lhe obedecem. — 28. Sua fama se espalhou assim, rapidamente, por toda a Galiléia.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 7. Jesus se retirou com seus discípulos para os lados do mar, acompanhado por grande multidão de gente da Galiléia e da Judéia, — E, de Jerusalém, da Iduméia e de além Jordão tendo vindo juntar-se-lhe, proveniente de Tiro e Sidônia, outra grande multidão que ouvira falar das coisas que Ele fazia. — 9. Disse Ele então aos discípulos que lhe arranjassem uma barca onde pudesse meter-se para não ser oprimido pela turba. — 10. É que, como curava a muitos, todos os que sofriam de um mal qualquer se precipitavam sobre Ele para tocá-lo. — 11. E os Espíritos impuros, quando o viam, se prosternavam gritando: — 12. És filho de Deus. Ele, porém, com grandes ameaças, lhes proibia que o descobrissem.

LUCAS: capítulo 4º, versículo 31. Ele desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e aí os instruía nos dias de Sábado. — 32. E todos se espantavam da sua doutrina, porque falava com autoridade. — 33. Ora, estava na sinagoga um homem dominado por um demônio impuro, que exclamou em alta voz: — 34. Deixanos; que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és, és o santo de Deus. — 35. E Jesus, ameaçando-o, disse-lhe: “Cala-te e sai desse homem”. E o demônio, atirando o homem ao chão no meio da sinagoga, saiu dele sem lhe ter feito mal algum. — 36. O terror se apossou de todos e uns aos outros diziam: Que é isto? Ele ordena com autoridade e poder aos Espíritos impuros e estes saem logo? — 37. E sua fama se espalhou por todos os cantos do país.

Como se evidencia desses versículos, Jesus passava a sua aparente vida humana a praticar incessantemente a caridade, assim com os humildes e desgraçados, como com os grandes e poderosos, pregando por toda parte o arrependimento, multiplicando ao seu redor as curas do corpo e da alma. E os que o ouviam, pasmados autoridade com que Ele falava, inquiriam: *Mas, que doutrina é esta, que faz que os Espíritos imundos lhe obedecam?*

Nos Evangelhos, portanto, encontramos a prova de que Jesus curava tanto as moléstias do corpo quanto as da alma, isto é, tanto restituía a saúde aos que sofriam de doenças corporais, como libertava os que se achavam presas de Espíritos obsessores, ou, conforme então se dizia, possessos do demônio. Segue-se daí que a crença dos espíritas, com respeito à influência dos Espíritos desencarnados sobre os encarnados, se funda na doutrina que Jesus pregava e exemplificava, bem como nos fatos que a sua ação caridosa tornou manifestos.

Mas, que podem valer esse argumento, ou essa autoridade, para quem sustenta que a alma é o conjunto das faculdades intelectuais, uma simples função do organismo físico, destinada a desaparecer com este, para sempre, pela morte? que o pensamento é uma secreção do cérebro? que as leis da Natureza são simples manifestações de forças incontrastáveis, carentes assim de moral, como de benevolência?

Tal o evangelho dos materialistas, que infelizmente ainda dominam. E são eles que lançam aos espíritas os epítetos de idiotas, de exploradores dos néscios de boa-fé! Nisso, entretanto, nada há

de espantar. A fúria que revelam é idêntica e tem a mesma origem que a daqueles que inventaram as fornalhas ardentes, as cavernas dos animais ferozes. É ainda a mesma que o sacerdócio tem desencadeado, em nome de Jesus. É o fogo das baterias que, desde todos os tempos, margeiam a vereda que conduz a Sião; são as mesmas setas envenenadas que as hostes dos inimigos da verdade, ocultas ao longo dessa vereda, hão sempre desfechado contra os que a percorrem.

Mas, que importa, se, *justificados pela fé, temos a paz com Deus, por intermédio de Nosso Senhor Jesus Cristo, como disse Paulo?* (“Epístola aos Romanos”, Versículo 1). Que importa, se temos por nós o que fora dito a Abraão (Gênese, capítulo 15^o, versículo 1) e aquele de quem falam os Salmos (capítulo 90^o, versículos 2 ao 5 e capítulo 104^o, versículo 10)? Marchemos, pois, para a frente, revestidos da couraça da fé, sob o escudo de Jesus Cristo.

Para imaginarmos o poder dos fluídos magnéticos de que dispunha Jesus, o mais puro de todos os Espíritos, e bem assim o poder que a sua vontade exercia sobre esses fluídos, regeneradores e fortificantes, cuja natureza, bem como combinações, efeitos e propriedades Ele conhecia de modo absoluto, basta atentemos nos efeitos que produz o magnetismo humano e nos que conseguem os médiuns curadores, mesmo os médiuns receiptistas, com os quais inúmeras pessoas se têm tratado de variadíssimas enfermidades, com os mais satisfatórios resultados.

Operando as curas de que, sob o nome de milagres, falam os Evangelhos, Jesus fazia da doutrina de amor que trouxera ao mundo a mais eloqüente propaganda. Por isso mesmo, é esse o meio mais eficiente de que se servem os Espíritos, para, presentemente, fazer a da Doutrina Espírita. É que, a fatos, não há argumento, nem autoridade real que se contraponham. Menos ainda poderão Contrapor-se-lhes as opiniões de simples médicos, que nada sabem de Espiritismo, tanto mais quando muitos deles hão recorrido e recorrem às consultas mediúnicas, em casos desesperados, encontrando sempre a satisfação de seus anseios, com os Bittencourt Sampaio, os Figueiras, os Nascimento e muitos outros médiuns que a esses sucederam, todos alheios à ciência médica, mas cheios de dedicação e de solicitude para acudir desinteressadamente o próximo em suas aflições, servindo de instrumentos a Espíritos elevados, fiéis servos de N. Senhor Jesus Cristo, dos quais recebem a ação fluídico-magnética, que transmitem aos enfermos.

Quanto às curas da alma, isto é, quanto à libertação dos possessos, só mediante estudo sério das obras do mestre Allan Kardec, especialmente de *O Livro dos Médiuns*, obras cuja meditação acurada recomendamos a todos os adeptos do Espiritismo, se pode obter uma explicação racional e completa.

Os possessos, de que falam os Evangelhos, eram os subjugados por Espíritos impuros, dentre os quais, nem mesmo os mais endurecidos e obstinados no mal resistiam às intensamente luminosas irradiações da pureza e da perfeição de Jesus, cujo nome é hoje bastante para, se invocado com fé viva, produzir efeitos análogos aos que Ele pessoalmente conseguia.

Quer isto dizer que, nós outros, só os podemos obter por meio das preces fervorosas, da humildade e da fé na misericórdia ilimitada do nosso Salvador, porquanto nos faltam as mais poderosas armas que existem para a libertação de um subjugado — a força moral decorrente do jejum espiritual a que Ele tantas vezes aludiu, e a pureza de sentimentos, que atrai os Espíritos bons, cuja presença é suficiente para dominar e subjugar, a seu turno, os mais obstinados e ferozes subjugadores. Todavia, a bondade de Jesus é tal e tanta que, mau grado às precárias condições morais em que nos encontramos, a não poucas curas temos assistido de irmãos que recobram o uso da razão e do livre-arbítrio, depois de terem sido dados como loucos incuráveis, pela ainda mais precária ciência dos homens.

O Espiritismo que, repetimos, é revelação e ciência, veio, restaurando na sua pureza aquela doutrina que de tanta surpresa enchia os que presenciavam as curas que o divino Mestre operava, ensinar-nos a distinguir a obsessão e a subjugação da alienação mental, ou loucura propriamente dita, que decorre do dismantelo do aparelho cerebral. Essa distinção quem nô-la faculta é a mediunidade, que também nos fornece os meios adequados a repararmos os estragos que apresenta o organismo material, depois de removida a causa da aparente loucura, como se dá com um prédio incendiado, após a extinção do incêndio.

Esses fatos, de que nos oferecem testemunho as sagradas letras, já têm sido comprovados

por homens notáveis, cujas observações a respeito se acham registradas em livros e jornais.

Esses homens, porém, acreditavam ou acreditam na existência e na imortalidade da alma, qual esta é realmente, e não consideram o pensamento uma espécie de bÍlis, ou qualquer outra dessas secreções que o organismo expele ou absorve, ou, ainda, fixa nas suas cavidades interiores.

Os ortodoxos, a seu turno, não contestam as curas operadas por Jesus, antes as proclamam, mas como milagres. Em conseqüência, declaram e sustentam que tudo o que os homens façam de semelhante ou idêntico é diabólico, sem perceberem que desse modo colocam no mesmo nível a divindade, pois que para eles Jesus é uma fração de Deus, e a suprema potência do mal — Satanás cuja existência afirmam.

Assim, os doutores não admitem senão o que lhes vem por intermédio da Ciência, em cujo nome falam, e repelem a ciência espírita como produto da imaginação de fanáticos ignorantes ou velhacos, considerando mesmo o seu cultivo um crime severamente punível.

De outro lado, os ortodoxos guardam a mesma atitude, não por amor da verdade, que pouco lhes interessa, mas por muito ciosos do prestÍgio do “demônio”, que tanto há contribuído para lhes fortalecer o poderio.

Tal a situação que, embora já algum tanto modificada para melhor, pelos rápidos progressos da Doutrina dos EspÍritos, ainda se apresenta aos profítes desta, patenteando-lhes as dificuldades de ordem exterior que lhes cumpre superar, para, convencidos e confiantes, esperarem se cumpram integralmente as promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Eles, no entanto, se manterão firmes em seus postos, porque vêm que cada vez mais essas promessas se irão cumprindo, quando vêm que já lhes é dado fazerem, sob a égide de Jesus, obras semelhantes às que Ele fazia, o que implica o cumprimento do prometido nestas palavras suas: *Aquele que em mim crer também fará as obras que eu faço e fará outras ainda maiores.* (JOÃO, capítulo 14^o, versÍculo 12).

E, como o dessas, verificam que igualmente se está dando o destas outras, visto que inegavelmente chegariam os tempos nelas preditos e se realizou o advento por elas anunciado:

E o Consolador, que é o EspÍrito Santo¹, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos lembrará tudo o que vos tenho dito. (JOÃO, capítulo 14^o, versÍculo 26).

LUCAS, 13^o, 10 ao 13. Mulher doente, curvada

LUCAS: capítulo 13^o, versÍculo 10. Certo sÁbado em que Jesus ensinava numa das sinagogas deles, — 11, veio aí ter uma mulher possesora de um espÍrito de enfermidade que a tornara doente, havia dezoito anos. Tão curvada era que absolutamente não podia olhar para cima. — 12. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: “Mulher, estás livre da tua doença.” — 13. E, impondo-lhe as mãos, ela se endireitou no mesmo Instante e rendeu graças a Deus.

Os judeus atribuÍam a satanás, isto é, aos EspÍritos, tudo o que não podiam compreender, nem explicar. DaÍ o empregarem muitas vezes o termo — “possessão” — referindo-se a casos que eram apenas de — doente.

O de que falam os versÍculos acima era um destes, de simples doença. Verifica-se isso, notando-se o seguinte: ao passo que o Evangelista, de acordo com o modo de ver de então e usando da linguagem então corrente, diz que a mulher estava possesora de um “espÍrito de enfermidade” — spiritum infirmitatis — Jesus, quando se lhe dirige, apenas diz: Mulher, estás livre da tua enfermidade — “ab infirmitate tua”. Entretanto, quando o caso era de possessão, isto é, de obsessão, de subjugação, Ele intimava o EspÍrito obsessora a que se afastasse.

Aquela mulher sofria de um amolecimento da medula espinhal e, como conseqüência, de enfraquecimento da coluna vertebral, pelo que não podia levantar o busto.

A cura se operou por efeito da aplicação, que Jesus lhe fez, mediante uma ação espÍrito-magnética, ou de magnetismo espiritual, de fluÍdos apropriados a restituir ao órgÁo enfraquecido a

¹ Ver em páginas anteriores o que devemos entender por EspÍrito Santo.

força de que carecia.

A natureza desses fluídos, bem como suas propriedades atuantes nos são desconhecidas e ainda não estamos em condições de os poder conhecer. Pelos efeitos, porém, que conhecemos e que, de boa-fé, são incontestáveis, do “magnetismo humano”, podemos até certo ponto imaginar quais os que produzirá o “magnetismo espiritual”, quando aplicado por um Espírito de sublimada pureza e, portanto, de inexcedível poder, como o de Jesus.

Aliás, dos efeitos da aplicação desse magnetismo (espiritual), em toda a sua amplitude, já podemos fazer idéia mais ou menos aproximada, sem recorrermos à comparação com os que resultam da do magnetismo humano, somente observando o que se passa nas sessões espíritas bem orientadas, onde os nossos guias, embora se nos conservem invisíveis, secundam por essa forma a nossa ação, desde que objetivamos dar alívio a um irmão nosso e que para eles apelamos pela prece feita com fervor e fé.

Vê-se assim que nos corre o dever de estudar e praticar com ardor, desinteresse e perseverança essa ciência celeste, que o Senhor nos confiou, precioso tesouro que nos facultará fazer obras análogas às que Ele fez, o que lograremos com o tempo, a continuidade do esforço, o desprendimento da matéria e a assistência dos nossos guias e, em geral, dos espíritos de eleição.

Acrescentemos que o fato evangélico que apreciamos encerra um outro ensinamento da maior importância, sobre o qual muito devemos meditar, para o aproveitarmos bem, de modo a corrigirmos uma tendência que se vai prejudicialmente generalizando. Essa tendência é a de atribuir-se toda e qualquer doença a uma atuação de Espíritos e o ensino consiste em que devemos examinar cuidadosamente cada caso que se nos apresente, a fim de não confundirmos os que sejam de simples enfermidade com os em que os sofrimentos decorrem, principalmente, da ação de espíritos malfazejos, por índole, ou por inconsciência.

MATEUS, 8º, 1 ao 4. — MARCOS, 1º, 40 ao 45 — LUCAS, 5º, 12 ao 16. O leproso

MATEUS: capítulo 8º, versículo 1. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o acompanhou; — 2, e, aproximando-se dele, um leproso se pôs a adorá-lo, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 3. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse: Quero-o; estás curado. E no mesmo instante lhe desapareceu a lepra. 4. E Jesus acrescentou: Não fales disto a ninguém; mas vai mostrar-te aos sacerdotes e faz a oferta prescrita por Moisés, a fim de que lhes sirva de testemunho.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 40. Aproximou-se dele um leproso e, de joelhos, o implorava, dizendo: Se quiseres, podes curar-me. — 41. Jesus se apiedou do homem e, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Quero-o, fica curado. — 42. Assim que pronunciou estas palavras, a lepra deixou o homem, ficando este curado. — 43. Mandando-o embora, proibiu-lhe terminantemente Jesus que falasse do fato, dizendo: — 44. Não fales disto a ninguém, mas vai mostrar-te aos príncipes dos sacerdotes e oferece, pela tua cura, o que Moisés ordenou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 45. O homem, porém, tanto que dali se afastou, começou a falar da sua cura e a anunciá-la por toda parte, de sorte que Jesus não podia mais aparecer ostensivamente na cidade; permanecia fora, nos lugares desertos, mas de toda parte vinham ter com Ele.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 12. Sucedeu que, achando-se Jesus em certa cidade, um homem coberto de lepra o viu, dele se aproximou e, prostrando-se com o rosto em terra, o implorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 13. Estendendo a mão, Jesus o tocou, dizendo: Eu o quero, fica curado; e a lepra desapareceu no mesmo instante. — 14. Jesus lhe ordenou que não falasse a ninguém. Mas vai, disse-lhe, mostrar-te aos sacerdotes e oferece pela tua cura o que Moisés determinou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 15. Sua fama cada vez mais se dilatava e a ele acorria grande multidão de pessoas que vinham aos bandos para o ouvir e ser curadas de suas enfermidades. — 16. Ele, porém, se retirava para o deserto e orava.²

Jesus recompensou a fé que verificara existir naquele pobre homem, cujo Espírito, por maneira tão dolorosa, expiava suas culpas de vidas anteriores. Mas, sabendo que ainda não era tempo de dar publicidade ampla às graças que espalhava, recomendou ao homem que a ninguém

² Levítico, 14º, 3, 10.

referisse a cura de que fora objeto.

Ainda hoje assim é. O Senhor acode a curar a lepra dos corações de suas ovelhas; porém, nem todos se acham em estado de compreender a graça que Ele lhes faz, pelo que os bons Espíritos, seus enviados, nos recomendam: procedei com prudência.

Relativamente às curas espíritas, talvez ainda não haja também chegado o tempo de serem praticadas abertamente. Assim sendo, com prudência devem agir os que as possam operar como instrumentos dos Espíritos do Senhor, a fim de que os benefícios da sua misericórdia, espalhados pelos que se acham aptos a recebê-lo, não se tornem causa de acréscimo de responsabilidade e de dívidas morais, para os que não se encontrem em condições de apreciá-los, e a fim também de que o Consolador, que aí está entre nós com o nome de Espiritismo, não veja sobposto o seu objetivo capital, que é curar as almas, ao interesse egoístico da cura apenas dos corpos.

E tanto mais compreensível é o conselho, que nos vem do Alto, para que obremos com prudência, quando não há duvidar de que, em sendo oportuno, os benefícios do Senhor sempre se divulgam, faça-se o que se fizer em contrário a essa divulgação. É disso evidente sinal o fato de haver aquele que deixara de ser leproso desobedecido ao que lhe determinara- o divino Mestre.

Sua cura, que foi instantânea, se operou por ato da vontade poderosa de Jesus, atuando sobre os fluídos apropriados a produzi-la e efetuando uma concentração magnética deles sobre o doente.

O magnetismo humano já opera curas que, todavia, não podemos ainda compreender.

Quanto mais, espiritualizando-se pela sua depuração, o homem se aproximar da vida espiritual, quanto mais em condições se puser, conseguintemente, de exercer ação sobre os fluídos que o cercam, tanto mais facilmente os poderá empregar como meio curativo.

Longe estamos de imaginar sequer o que pode o homem conseguir do magnetismo e menos ainda o que poderá a seu tempo.

Nada houve, pois, de sobrenatural na cura do leproso, operada por Jesus. Não houve, por conseguinte, milagre algum senão aos olhos dos homens, aos quais o fato, como tantos outros, pareceu milagroso, por desconhecerem completamente a lei natural que lhe presidiu à realização.

Que fazem os médicos da Terra, para chegarem a purificar a pele de um leproso? Tratam a massa do sangue, procurando despojá-la de tudo o que a corrompe. Do mesmo modo procedem os enviados do Pai.

Enquanto o nosso organismo material não se tornar de natureza elevada, têm eles que depurar a fonte das nossas impurezas. O corpo nos retém cativa a alma. Tempo, porém, virá em que nossa alma recuperará a sua liberdade e desferirá o vôo, elevando-nos o corpo a um alto grau de pureza, isto é, tornando-o inteiramente fluídico.

Os leprosos eram excluídos do convívio social. Para que aquele, a quem Ele curara, pudesse volver a esse convívio, foi que Jesus lhe mandou que se mostrasse aos príncipes dos sacerdotes e levasse, em testemunho da sua cura, a oferenda prescrita por Moisés.

Pelo que respeita a essa oferenda, para se lhe compreender o significado, atenda-se a que tudo era emblemático na legislação mosaica. Assim como se sacrificavam as primícias dos rebanhos, imitando-se a consagração dos primogênitos das famílias; assim como se degolava a vítima propiciatória, para redimir as faltas dos povos, assim também os leprosos eram obrigados a levar uma oferenda ao Senhor, a título de penhor da purificação obtida e de gratidão pelo benefício recebido.

Cada um oferecia o que estava ao seu alcance e aquele que mais oferecia era então, como ainda hoje, aos olhos dos homens, considerado o mais limpo. Com efeito, não é comum, entre os homens, o interesse do juiz influir no julgamento?

Se Jesus se conservava nos lugares ermos, como dizem os Evangelistas, era porque, perseguido, a bem dizer, pelas multidões, mais curiosas de milagres do que do reino dos céus, Ele se via forçado a procurar sítios mais espaçosos.

Quanto ao retirar-se para o deserto, a fim de orar, como pensavam seus discípulos, o que se dava, conforme já foi explicado, era que lhes desaparecia das vistas, fazendo cessar a visibilidade e a tangibilidade do seu corpo celeste, ou, seja, fluídico, a fim de volver às regiões celestiais onde paira de contínuo o seu Espírito excelso.

MATEUS, 8º, 5 ao 13. — LUCAS, 7º, 1 ao 10. O centurião

MATEUS: capítulo 8º, versículo 5. Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, veio ter com Ele um centurião e lhe dirigiu esta súplica: — 6. Senhor, meu servo está de cama, em minha casa, atacado de paralisia e sofre extremamente. — 7. Jesus disse: Irei lá e o curarei. — 8. Mas o centurião lhe ponderou: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; dize apenas uma palavra, e o meu servo estará curado; — 9, porquanto sou um homem submetido a outro; tenho, sob minhas ordens, soldados; — digo a um: vai lá e ele vai; a outro; vem cá e ele vem; a meu servo digo: faze isto e ele faz. — 10. Ouvindo estas palavras, Jesus se encheu de admiração e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que ainda não encontrara em Israel tão grande fé. — 11. Também vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus com Abraão, Isaac e Jacob; 12, mas que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 13. E, voltando-se para o centurião, disse: Vai e seja feito como acreditaste. Nessa mesma hora o servo ficou curado.

LUCAS: capítulo 7º, versículo 1. Acabando de dizer todas estas coisas ao povo, entrou em Cafarnaum. — 2. Um centurião tinha doente, quase a morrer, um servo que lhe era muito caro. — 3. Tendo ouvido falar de Jesus, o centurião lhe mandou suplicar, por alguns anciães judeus, que viesse curar o seu servo. — 4. Falando a Jesus, os anciães o imploraram instantemente, dizendo: 5 um homem que merece lhe faças esta graça; — 5, pois que ama o nosso povo e nos edificou uma sinagoga. — 6. Jesus se pôs a caminho com eles; mas, quando chegaram perto da casa do centurião, este lhe mandou dizer por seus amigos: Senhor, não te dês esse incômodo, pois não sou digno de que entres na minha casa, — 7, como não me julguei digno de ir ter contigo; dize uma só palavra e o meu servo estará curado; — 8, porquanto sou um homem submetido à autoridade de outro; tenho, sob minhas ordens, soldados e, se digo a um: vai lá, ele vai; a outro: vem aqui, ele vem; a meu servo: faze isto, ele faz. — 9. Ouvindo isso, Jesus se mostrou admirado e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Em verdade vos digo que ainda não vira em Israel tão grande fé. — 10. E quando para a casa do centurião voltaram os que este mandara a Jesus, encontraram curado o servo que estava doente.³

A cura do servo do centurião, como a do leproso, também se operou pela aplicação do mesmo princípio, o princípio magnético, e não por milagre. Assim como a pilha galvânica pode momentaneamente dar movimento aos músculos e aos nervos de um cadáver, também a concentração, por efeito magnético, de certos fluídos espalhados na atmosfera pode operar sobre o organismo vivo um abalo violento que o regenere.

Na força daquele que, pela ação exclusiva da sua vontade, obtinha tais efeitos é que se poderia ver um milagre; mas, é natural a explicação dessa força. Do mesmo modo que o solo que pisamos se acha juncado de plantas cujas propriedades curativas ainda se não conhecem, também a atmosfera que nos cerca contém propriedades fortificantes, purificadoras e regeneradoras, das quais só aprenderemos a servir-nos quando nos entregarmos a estudos morais, que nos elevem à altura da Ciência que teremos de adquirir para as conhecermos devidamente.

Dizemos estudos morais, porque só esses estudos nos desembaraçarão dos instintos brutais que escravizam a nossa vontade, tornando-a capaz de os dominar, de dominar os nossos sentidos, de aproximar-nos, portanto, da perfeição e de aumentar os nossos poderes.

Somente a depuração moral nos possibilitará os estudos necessários ao conhecimento dos fluídos magnéticos dotados daquelas propriedades fortificantes, depurativas e regeneradoras.

Antes mesmo, porém, que chegue às condições de se utilizar diretamente desses fluídos, poderá o homem servir-se deles com bom resultado, mediante o auxílio dos Espíritos protetores da Humanidade, os quais, valendo-se do magnetismo espiritual, lhes colocarão ao alcance, como, aliás, já o fazem com os médiuns curadores.

Como, porém, a depuração moral do homem só muito lentamente se vai operando, claro é que ainda muito tardará que ele se ache apto a manejar sempre com eficácia aqueles fluídos.

Enquanto não atinge esse ponto, cumpre-lhe servir-se, oportuna e criteriosamente, assim do sonambulismo magnético e do magnetismo humano, como da ciência médica, que lhe indica as substâncias minerais, vegetais e animais, possuidoras de propriedades curativas já conhecidas e de

³ Salmo, 106º, 20. — 2ª Epístola à Pedro, 2ª, 17. — Judas, 13º.

outras que ainda virão a ser descobertas.

Em última análise, todas as curas, que se obtêm pelo uso de substâncias medicamentosas, são produzidas pelos fluídos a que nos vimos referindo, pois que, quando uma planta, por exemplo, denota possuir virtude curadora para tal ou qual enfermidade, o que se dá é que essa planta tem a propriedade de saturar-se, por efeito da lei de afinidade, dos fluídos apropriados a restabelecer, no organismo humano, o desequilíbrio fluídico que ali se verificou e que é a enfermidade, fluídos que ela leva ao dito organismo, quando é nele introduzida, sob esta ou aquela forma.

Por aí se vê que a medicina não deve constituir um sistema, mas um meio de restabelecer-se no organismo aquele equilíbrio, quando desfeito, e a harmonia das forças vitais, quando perturbada. Os que se consagram à meritória missão de aliviar os sofrimentos físicos da Humanidade devem entregar-se a profundos e perseverantes estudos teóricos e experimentais, para poder lançar mão, com oportunidade e proveito, tanto daquela ciência, adotando o princípio dos contrários, ou o dos semelhantes, bem como do magnetismo humano e do sonambulismo magnético, visto que todos esses elementos são do domínio da Natureza.

Cumpra, porém, que o homem remonte sempre à origem do mal que deseje remediar; que, sobretudo, procure sempre, em todas as dores físicas, dores orgânicas, bem entendido, a causa moral de onde elas se geram. É claro que aquele que quebra um braço a nenhuma dor secreta pode atribuir o fato, ou a maus pendores; mas, nos inúmeros males que afligem o gênero humano, se pesquisarmos o fundo dos corações e das consciências, encontraremos sempre a raiz dessa árvore que se estende por sobre todos os membros. O coração ou a alma estão quase sempre atacados. Daí a perturbação do sistema nervoso, fonte de todas as enfermidades, de todos os sofrimentos. Perscrute o que sofre os seus antecedentes e descobrirá muitas vezes o pesar oculto de uma ação, um acontecimento que interessou a saúde, viciando o sangue que deve circular puro nas veias.

Ainda não encontrara tão grande fé em Israel. — Assim dizendo, quis Jesus assinalar que filho de Deus, no sentido particular em que Ele usava dessa locução, é todo aquele que em Deus tem fé, seja judeu ou gentio; que ter fé em Deus não é privilégio desta ou daquela seita religiosa; e que o que tem fé, seja ele o que for, Deus não o rejeita, como faz a Igreja Romana com os que não se lhe curvam ao jugo, aos quais ela não só repele do seu seio, como presunçosamente os declara repelidos do Senhor.

Orgulhosa dos bens que recebeu, não admite lhe caiba reparti-los, esquecida do caso da Cananeana, de quem Jesus, para dar sublime ensinamento, provocou uma resposta, que foi formulada nos seguintes termos: O cãozinho se nutre das migalhas que caem da mesa de seu dono. (MATEUS, capítulo 15^o, versículo 27; MARCOS, capítulo 7^o, versículo 28.)

Chamada a continuar a obra dos primeiros cristãos, a Igreja começou a desempenhar com zelo a sua tarefa; mas o êxito a embriagou e ei-la sacrificando a Mamon, esquecida da humildade do Mestre divino e dos princípios evangélicos, repelindo, cheia de orgulho, os que procuram abrir-lhe os olhos e opondo-se, pelas conveniências políticas, até às conversões à religião ortodoxa! O véu dos interesses inconfessáveis, da ânsia de predomínio dos mistérios, lhe impede completamente a visão da luz. Esse véu, porém, será arrancado, porque Deus o quer. A grandiosidade dos ensinamentos espíritas, a verdade da ciência espírita irão tirando uma a uma as camadas de obscurantismo que os séculos no seu perpassar lhe colocaram em cima, ocultando-lhe a luz.

A Igreja do Cristo tem por templo o nosso planeta, por fiéis todos os que praticam a sua moral simples e sublime e por sacerdotes todos os corações puros que arrebanham os Espíritos transviados, para os reconduzir Àquele que empunha o grande cajado de pastor.

Mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores (capítulo 8^o, versículo 12 de MATEUS). Isto significa que os que receberam a palavra do Senhor e dela não fizeram o uso que deviam fazer; que os que se julgavam salvos, pela única razão de suporem com o direito de absolver e de condenar, serão pesados na mesma balança em que pesavam os outros e passarão na erraticidade pelas torturas morais apropriadas a fazê-los aperfeiçoar-se.

MATEUS, 8^o, 14 ao 17. — MARCOS, 1^o, 29 ao 34 — LUCAS, 4^o, 38 ao 41. Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas

MATEUS: capítulo 8^o, versículo 14. Tendo ido à casa de Pedro, Jesus aí encontrou a sogra deste de cama e com febre. — 15. Tocou-lhe na mão e a febre desapareceu, ela se levantou imediatamente e se pôs a servi-los. — 16. Pela tarde apresentaram-lhe muitos possessos e de todos expulsou ele com a sua palavra os maus Espíritos e curou os que estavam doentes; — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

MARCOS: capítulo 1^o, versículo 29. Saindo da sinagoga, vieram com Tiago e João à casa de Simão e de André. — 30. Ora, achando-se a sogra de Simão de cama com febre, logo falaram dela a Jesus; — 31, e este, aproximando-se, lhe pegou na mão e a fez levantar-se; no mesmo instante a febre a deixou e ela se pôs a servi-los. — 32. Ao cair da tarde, quando o Sol já se escondia, trouxeram-lhe muitos doentes e possessos; — 33, aglomerando-se à porta da casa todos os habitantes da cidade. — 34. E ele curou muitas pessoas atacadas de diferentes moléstias e expulsou muitos demônios, aos quais não permitia que falassem, porque o conheciam.

LUCAS: capítulo 4^o, versículo 38. Saindo da sinagoga, entrou Jesus na casa de Simão, cuja sogra estava com muita febre e lhe pediram que se compadecesse dela. — 39. Inclinando-se sobre ela, Jesus ordenou à febre que a deixasse e a febre a deixou, ela se levantou imediatamente e começou a servi-los. — 40. Ao pôr do Sol, todos os que tinham doentes atacados de moléstias diversas os traziam e ele, pondo sobre cada um as mãos, os curava. — 41. De muitos os demônios saíam gritando e dizendo. És o filho de Deus. Mas Jesus os ameaçava e não lhes permitia que falassem, por isso que sabiam ser ele o Cristo.⁴

As curas físicas, que Jesus operava, eram sempre efeito da ação magnética que Ele exercia sobre os doentes, pelo poder da sua vontade que, em cada caso, reunia e combinava instantaneamente os fluídos apropriados a curar a enfermidade de que se tratava. Do mesmo modo, pela ação da sua vontade poderosa e incontrastável, é que realizava a cura dos padecentes de obsessão ou subjugação espiritual. Não podendo resistir àquela ação, os Espíritos inferiores se afastavam de suas vítimas, deixando-as livres do jugo que as oprimia, e, as mais das vezes, por intermédio destas, que então se tornavam médiuns falantes, davam testemunho da grandeza espiritual do Cristo, da sua autoridade suprema de enviado divino, da superioridade extrema que lhe advinha da sua qualidade de Espírito de pureza perfeita e imaculada, clamando: És o Filho de Deus!

“Se obedeceres à voz do Senhor teu Deus e obrares o que é reto diante de seus olhos e obedeceres aos seus mandamentos e guardares todos os seus preceitos, eu não enviarei sobre ti qualquer das enfermidades que mandei contra o Egito; porque eu sou o Senhor que te sara.” (“Êxodo”, capítulo 15^o, versículo 26.)

Ao defrontar com os leprosos que se amontoavam nas vizinhanças de Betsaida (LUCAS, capítulo 17^o, versículo 12), Jesus confirma essas palavras, demonstrando ter o poder de os curar, revelando, pois, ser de fato o preposto imediato do Senhor que sara. Ele é bem portanto, o médico das almas, como o disse, capaz de curá-las todas do pecado que as enferma, causando-lhe males atrozes. Portador ao mundo e distribuidor do divino perdão, base da sua medicina, Ele muda a enfermidade em saúde, transformando a morte em vida, que é a salvação.

Anelando por esta, entoemos com o salmista o nosso cântico, dizendo, em testemunho da nossa fé: “Ele perdoa todas as minhas maldades e sara todas as minhas enfermidades. Redime da morte a minha vida. Bendize, ó minha alma, o Senhor.” (“Salmo”, capítulo 102^o, versículos 3, 4 e 22.)

⁴ Isaías, 53^o, 4. — 1^a Epístola à Pedro, 2^o, 24. — Atos, 16^o, 17 e 18.

MATEUS, 14^o, 34 ao 36. — MARCOS, 6^o, 53 ao 56. Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus

MATEUS: capítulo 14^o, versículo 84. Tendo atravessado o lago, vieram eles à terra de Genesaré; — 35, e, reconhecendo-os, os do lugar espalharam a notícia por todo o país e lhe apresentaram todos os doentes; — 36, e lhe pediam que os deixasse apenas tocar na fimbria de suas vestes; e todos os que as tocaram ficaram sãos.

MARCOS: capítulo 6^o, versículo 53. Tendo atravessado o lago, vieram à terra de Genesaré onde aportaram. — 54. Assim que desembarcaram, os habitantes do lugar reconheceram a Jesus. — 55. Transmitiram a notícia a todo o país e começaram a trazer de todos os lados os doentes em seus leitos, para onde quer que ouviam dizer que ele estava. — 56. Em qualquer lugar que entrasse, burgo, aldeia, ou cidade, punham os doentes nas praças públicas e pediam lhes fosse permitido apenas tocar a fimbria de suas vestes; e todos os que nelas tocavam se curavam.⁵

Já temos visto, a propósito de outros casos deste gênero, a grandeza do poder magnético de que Jesus dispunha. O tocar-lhe nas vestes, fato que, devido à ignorância das causas e dos efeitos, os homens de então tinham por necessário para que o “milagre” se operasse, não passava de um meio material que, por isso mesmo, lhes era indispensável.

A cura, porém, neste caso, como em todos os demais, resultou da ação da vontade daquele que exercia poder soberano sobre os elementos etéreos.

Os doentes se curaram todos, não por terem tocado na fimbria das vestes do Senhor, mas pela ação da sua vontade poderosa, pela ação magnética que exercia, pela emissão que fazia de si, sob aquela ação, dos fluídos apropriados a cada espécie de doença, os quais eram dirigidos para o organismo do doente.

Pelos resultados que já alcançamos ou observamos com o magnetismo humano, podemos imaginar quais fossem os que era capaz de produzir o magnetismo espiritual, manejado por um Espírito, qual o de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Já entre nós existem médiuns que curam quase instantaneamente, por meio de passes magnéticos; outros que só com a sua presença obtêm curas admiráveis e fatos já se têm verificado de o médium obter efeitos surpreendentes com o só olhar.

⁵ Atos. 19^o, 12.

MATEUS, 8º, 28 ao 34. — MARCOS, 5º, 1 ao 20. — LUCAS, 8º, 26 ao 40. Legião de maus Espíritos expulsos. — Libertação dos subjogados. — Porcos precipitados no mar

MATEUS: capítulo 8º, versículo 28. Ao chegar Jesus, na outra margem do lago, à terra dos Gerasênios, vieram-lhe ao encontro, saindo dos túmulos, dois possessos tão furiosos que ninguém ousava passar por aquele caminho; — 29. e se puseram a gritar: Jesus, filho de Deus, que há entre ti e nós? vieste aqui para nos atormentar antes do tempo? — 30. Não longe dali havia uma grande vara de porcos pastando; — 31, e os demônios suplicaram a Jesus: Se nos expulsares daqui, manda-nos para aqueles porcos. — 32. Jesus lhes disse: Ide; e eles, saindo dos possessos, passaram para os porcos; logo toda a manada partiu a correr impetuosamente e se foi precipitar no lago, onde os porcos morreram afogados. — 33. Então, os que os guardavam fugiram e, indo à cidade, narraram tudo o que sucedera aos possessos. — 34. Todos os habitantes da cidade saíram ao encontro de Jesus e, ao vê-lo, lhe pediram que se retirasse do país.

MARCOS: capítulo 5º, versículo 1. Tendo atravessado o mar, desembarcaram no país dos Gerasênios; — 2, e, mal Jesus descera da barca, um homem possuído do espírito imundo veio ter com Ele, saindo dos sepulcros, — 3, onde tinha a sua morada habitual, homem esse que ninguém mais conseguia prender nem mesmo com correntes: — 4, pois que muitas vezes já tinha estado com ferros aos pés e preso por cadelas e os quebrara, não havendo quem pudesse dominá-lo. — 5. Vivia dia e noite nas montanhas e nos sepulcros, a gritar e a flagelar-se com pedras. — 6. Ao ver Jesus, de longe, correu para ele e o adorou; — 7, exclamando em altas vozes: Que há entre ti e mim, Jesus, filho de Deus Altíssimo? Eu te conjuro, por Deus, a não me atormentares. — 8. Isso porque Jesus lhe ordenava: Espírito imundo, sai desse homem. — 9. Perguntando-lhe Jesus: Como te chamas? respondeu: Chamo-me Legião, porquanto somos muitos. — 10. E lhe pedia com instância que não o expulsasse daquele país. — 11. Ora, havia ali uma grande vara de porcos pastando na encosta do monte — 12, e os demônios faziam a Jesus esta súplica: Manda-nos para aqueles porcos, a fim de que entremos neles. — 13. E como Jesus lhes desse prontamente permissão para isso, os espíritos impuros, saindo do possesso, entraram nos porcos e toda a manada, que era de perto de duas mil cabeças, correu com grande impetuosidade e foi precipitar-se no mar, onde se afogou. — 14. Os que a apascentavam fugiram e foram espalhar na cidade e nos campos a notícia do que se passara e uma multidão saiu a ver o que acontecera. — 15. Veio ter com Jesus e, vendo o homem que estivera atormentado pelo demônio, assentado, vestido e em seu juízo, os que a compunham se encheram de temor; — 16, e, ouvindo dos que presenciaram os fatos a narrativa do que sucedera ao possesso e aos porcos, — 17, se puseram a pedir a Jesus que deixasse aquelas terras. — 18. Ao volver Ele para a barca, o homem que estivera atormentado pelo demônio suplicou que lhe fosse permitido acompanhá-lo. — 19. Jesus, porém, lho recusou, dizendo: Volta para tua casa, para o meio dos teus e conta-lhes tudo o que por ti fez o Senhor; e que Ele de ti se compadeça. — 20. O homem partiu e começou a espalhar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera, causando admiração a todos.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 26. Vieram navegando até ao país dos Gerasênios, que fica defronte da Galiléia. — 27. Ao saltar Jesus em terra, veio ter com Ele um homem que desde muito tempo estava possuído do demônio, que não trazia roupa alguma e que não morava em casa, mas nos sepulcros. — 28. Logo que viu a Jesus, se prostrou diante dele e, em altos brados, dizia: Jesus, filho do Deus Altíssimo, que há entre ti e mim? Eu te suplico, não me atormentes. — 29. Isso porque Jesus ordenava ao Espírito imundo que saísse daquele homem que, havia muito tempo, era por ele violentamente assaltado. De nada servia prenderem-no com correntes e porem-lhe ferros aos pés; quebrava as correntes e os ferros e era impelido pelo demônio para os lugares ermos. — 30. Jesus lhe perguntou: Qual é O teu nome? Ele respondeu: Chamo-me Legião, pois que muitos demônios tinham entrado nele. — 31. E esses demônios pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo. — 32. Como num monte próximo estivesse pastando uma grande vara de porcos, os demônios pediram a Jesus que lhes permitisse entrar nos porcos, o que lhes foi concedido. — 33. Saíram então do homem, entraram nos porcos e logo toda a manada correu com impetuosidade a se precipitar no lago e aí se afogou. 34. Vendo isso, os que a guardavam fugiram e foram contar na cidade e nas aldeias o que se passara. — 35. De uma e de outras acorreram muitas pessoas a ver o que sucedera e, vindo onde estava Jesus, encontraram o homem que ficara livre dos demônios, sentado a seus pés, vestido e de perfeito juízo, o que os encheu de temor. — 36. E os que tinham visto o que se passara lhes referiram como o possesso fora libertado da legião dos demônios. — 37. Então, toda a multidão de habitantes do país dos Gerasenios pediu a Jesus que se retirasse dali, por se acharem aterrorizados. Jesus tomou de novo a barca e partiu. — 38. O homem de quem os demônios tinham saído suplicava que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Jesus, porém, o mandou embora, dizendo: — 39. Volta para tua casa; narra o que Deus fez por ti. E o homem

foi por toda a cidade, espalhando a notícia do que lhe fizera Jesus. — 40. Regressando este, o povo o recebeu com alegria, pois que todos o esperavam.⁶

A subjugação consiste na ação dominadora que o mau Espírito exerce sobre um outro Espírito que, por mais fraco, se deixou dominar e aquele sujeita temporariamente à sua vontade.

Para produzir esse efeito, o subjugador atua fluídicamente sobre o outro, encarnado, combinando com os fluídos deste os do seu perispírito, utilizando-se de todos os elementos de mediunidade, que lhe ofereça a organização da sua vítima. Fá-la então sentir a sua presença de todas as maneiras, ouvir, falar, ver e praticar os atos a que lhe apraza impeli-lo, efeitos que a medicina oficial capitula de loucura.

No caso de possessão, o domínio é mais completo. O Espírito obsessivo como que se substitui ao do encarnado no seu corpo, donde, por assim dizer, expulsa o outro, para servir-se desse corpo, como se lhe pertencera, ficando a este ligada a vítima, apenas por um cordão fluídico, com o auxílio do perispírito. Combinando os fluídos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o mau Espírito se introduz no instrumento corpóreo deste último e lhe imprime uma ação que é efeito daquela combinação fluídica. Essa substituição tanto pode dar-se no estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado.

Há ainda um caso excepcional de substituição, caso em que esta se dá voluntariamente, da parte do encarnado, e com permissão dos anjos de guarda, para fim útil, qual o da manifestação de um Espírito obsessivo, a fim de ser doutrinado e esclarecido, a benefício seu e de suas vítimas.

Foi nessa condição de possessos de Espíritos maus que dois indivíduos, ou um só, o número pouco importa, se apresentaram a Jesus que, expelindo deles os seus perseguidores, fez que estes se manifestassem visualmente aos porcos, os quais, espavoridos com a visão, debandaram em precipitação tão grande, que foram cair no mar, Os Espíritos obsessivos, obedecendo à vontade de Jesus, apenas se fizeram visíveis aos porcos, espantando-os. Não passaram para estes, como disseram os Evangelistas, pela ignorância do que só agora foi revelado a tal respeito, porquanto o perispírito do Espírito não pode atuar fluídicamente sobre o dos animais, por ser impossível a combinação dos respectivos fluídos, uma vez que os princípios não são idênticos.

Ocorre, porém, dizer, que, se bem não possam ser médiuns, na acepção exata do termo, os animais, alguns pelo menos possuem a faculdade da vidência, tanto que se espantam com as visões que têm, prevenindo desse modo o homem da presença do Espírito.

Quanto ao conhecimento dos meios e processos pelos quais se produzem esses fenômenos de visão nos animais, ainda o não podemos ter, porque nos falta o da natureza dos fluídos, de suas propriedades e das combinações de que são passíveis. Nem por isso, entretanto, nos deve importar a incredulidade e a negação dos sábios, dos materialistas, de todos os que se supõem senhores exclusivos da verdade, do bom-senso, da razão e do mundo, que chamam seu. Para firmarmos a nossa crença, na realidade dos efeitos terríveis e formidáveis da ação dos Espíritos inferiores, temos os fatos autenticados pelos Evangelistas, temos a ciência espírita, cujo estudo leva ao conhecimento de tais fatos, temos a nova revelação, que nos veio desvendar os segredos de além-túmulo, temos as manifestações mediúnicas que, cada vez em maior número, se dão por toda a parte, demonstrando o poder, a extensão e as modalidades várias da atuação dos seres do plano incorpóreo sobre os encarnados.

A subjugação, como a obsessão, em geral, é uma expiação, sempre adequada e proporcionada aos crimes e faltas cometidos pelos que a sofrem e a se verificar em condições de despertar a consciência, de ocasionar o remorso e acarretar o arrependimento, que determina o perdão, cujos misericordiosos efeitos sobre o Espírito já tivemos ocasião de apreciar.

⁶ Deuteronomio, 5º 25. — 3º Reis, 17º, 18. — Atos, 16º, 39. — Apocalipse, 18º. 2 e 20º, 3.

MATEUS, 9º, 1 ao 8. — MARCOS, 2º, 1 ao 12. — LUCAS, 5º, 17 ao 26. Paralítico

MATEUS: capítulo 9º, versículo 1. Tendo tomado de novo a barca, Jesus tornou a atravessar o lago e veio à sua cidade. — 2. E eis que lhe apresentaram um paralítico deitado no seu leito. Jesus, vendo-lhe a fé, disse ao paralítico: Filho, tem confiança; teus pecados te são perdoados. 3. Logo alguns escribas disseram entre si: Este homem blasfema. — 4. Jesus, lendo-lhes o pensamento, disse: Por que abrigais maus pensamentos nos vossos corações? — 5. Que é o que será mais fácil dizer: Perdoados te são os teus pecados”, ou dizer: “Levanta-te e anda”? — 6. Ora, para que saibais que o filho do homem tem na Terra o poder de remir os pecados, — “levanta-te”, diz Ele ao paralítico, “toma o teu leito e volta para tua casa”. — 7. Imediatamente o paralítico se levantou e voltou para casa. — 8. Vendo isso, a multidão, tomada de espanto, rendeu graças a Deus, que deu aos homens tal poder.

MARCOS: capítulo 2º, versículo 1. Alguns dias depois voltou Jesus a Cafarnaum. — 2. Assim que ouviram dizer que Ele estava em casa, reuniu-se lá tanta gente que a casa ficou apinhada até fora da porta; e Ele pregava a palavra de Deus. — 3. Trouxeram-lhe então um paralítico carregado por quatro homens. — 4. Como, por causa da multidão, não o pudessem levar até junto do Mestre, fizeram no teto uma abertura e por aí desceram o leito em que jazia o paralítico. — 5. Observando-lhes a fé, disse Jesus a este Último: “Filho, teus pecados te são perdoados.” — 6. Ora, estavam por ali sentados alguns escribas em cujos corações se aninhavam estes pensamentos: — 7. Que diz este homem? Ele blasfema; quem pode perdoar os pecados senão Deus unicamente? — 8. Jesus pelo seu espírito conheceu logo o que eles pensavam de si para si e lhes disse: “Por que aninhais em vossos corações esses pensamentos? — 9. Que é O que será mais fácil de dizer a este paralítico: Teus pecados te são perdoados? ou: Levanta-te, toma o teu leito e caminha? — 10. Para que saibais que o filho do homem tem, na Terra, o poder de perdoar os pecados — 11. digo-te (dirigindo-se ao paralítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua casa. — 12. No mesmo instante o paralítico se levantou, tomou o leito e partiu diante de toda a gente. Todos se encheram de espanto e, glorificando a Deus, diziam: Nunca vimos coisa semelhante.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 17. Um dia, em que estava a ensinar entre os fariseus e os doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém, e se sentaram ao redor dele, e em que a virtude do Senhor estava com Ele para os curar, — 18, eis que alguns homens, trazendo num leito um paralítico, procuravam meio de fazê-lo entrar na casa e chegar até junto do Mestre. — 19. Como não achassem por onde fazê-lo entrar por causa da multidão, subiram ao telhado da casa e, levantando as telhas, por aí desceram o leito em que se achava o paralítico e o colocaram no meio da sala, diante de Jesus. — 20. Este, observando-lhes a fé, disse ao doente: Homem, teus pecados te são perdoados. — 21. Então, os escribas e os fariseus se puseram a pensar, dizendo de si para si: Quem é este que assim blasfema? Quem pode perdoar os pecados, senão Deus unicamente? — 22. Jesus lhes conheceu os pensamentos e, respondendo, disse-lhes: Que é o que pensais no vosso Intimo? — 23. Que será mais fácil de dizer: Teus pecados te são perdoados, ou: Levanta-te e anda? — 24. Ora, para que saibais que o filho do homem tem, na Terra, o poder de perdoar os pecados, digo-te (dirigindo-se ao paralítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para a tua casa. — 25. No mesmo instante, o paralítico se levantou diante de todos e, tomando o leito em que estivera deitado, voltou para sua casa, rendendo graças a Deus. — 26. Todos, tomados de assombro, glorificavam a Deus e, cheios de temor, diziam: Que coisas maravilhosas vimos hoje.⁷

Jesus curou o paralítico pelo mesmo meio de que se serviu para operar as outras curas de que já temos tratado — pela ação magnética, desenvolvida sob o influxo da sua poderosa vontade.

Como as demais, também essa cura foi qualificada de — milagrosa, foi considerada um milagre pela multidão, pelos escribas e pelos fariseus.

Entretanto, conforme havemos mostrado, semelhantes fatos, por isso mesmo que se acham ao alcance de todos os Espíritos que já chegaram à perfeição moral e que, conseqüentemente, já realizaram imenso progresso intelectual, nada têm de maravilhosos, são, ao contrário, absolutamente naturais.

Os fariseus e os escribas se escandalizaram e o consideraram um blasfemo, por haver dito ao paralítico, ao lhe efetuar a cura — Teus pecados te são perdoados, entendendo que o divino Mestre se arrogava um privilégio da Divindade. Jesus, que lhes lia os pensamentos, observou-lhes que, para

⁷ Salmo, 31º 5 e 138º, 3. — JOÃO, 1º, 24, 25. — Apocalipse, 2º, 23. — Job, 14º, 4. — Isaías, 43º, 25; 44º, 23. — Jeremias, 31º, 34; 50º, 20.

o efeito objetivado, tanto fazia que dissesse o que havia dito, como dizer ao doente: Levanta-te e anda.

Dois ensinamentos da mais alta importância aqui se encerram, que merecem ser assinalados.

Tendo declarado, por mais de uma vez, que — não viera julgar o mundo, que não julgava a ninguém, que só Deus julga, Jesus, quando proferiu a primeira daquelas frases, evidentemente não o fez desempenhando uma função que lhe pertencesse, ou exercendo uma autoridade suprema de que se achasse investido, pois que somente no caso de lhe caber a função de ‘Juiz’, de Julgador, com competência para condenar, lhe caberia a de perdoar.

Mas, sendo assim, como de fato era, o declarar Ele abertamente que ao parálítico os pecados lhe eram perdoados equivalia a afirmar que se achava investido de uma missão divina, que estava no mundo como o enviado, o Cristo do Senhor, como o Messias de há muito prometido aos homens, como o Verbo de Deus, visto que lhe exprimia com exatidão os pensamentos e cumpria fielmente os desígnios, estando em união perfeita com o Criador, sendo um com Ele.

Mas, que Espírito encarnado, por maior que seja a sua elevação, por mais alto que seja o grau de sua pureza, poderia, ou poderá reconhecer-se, em consciência, e proclamar-se investido de um mandato dessa natureza, o mais alto que possamos conceber? Nenhum.

Se, portanto, Jesus, em quem, sem blasfemar, ninguém seria capaz de apontar o mais leve resquício de orgulho, se reconhecia e proclamava na posse de tão sublimada investidura, é que não se encontrava na condição de encarnado, não sofria as limitações da encarnação humana, limitações que, por muito ligeiras que as imaginemos ou suponhamos, lhe impediriam ter dela consciência e o fariam pô-la em dúvida, ainda que algum Espírito elevado lhe viesse revelar. E nenhum lhe fez semelhante revelação, nem pudera fazer, submetidos que todos estavam, como Ele o demonstrou, à sua superioridade de governador do planeta terreno, de diretor e protetor da Humanidade a que pertencemos.

Jesus, pois, era sempre, como consta na Revelação da Revelação, Espírito livre, cômico da sua perfeição e do seu mandato, Espírito que, mesmo quando visível aos homens, se encontrava nas regiões excelsas da mais absoluta pureza, lá onde não podiam ir os que o acompanhavam e seguiam de coração aberto os seus ensinamentos: “Procurar-me-eis e não me achareis e onde eu estou não podeis vir”. (JOÃO, capítulo 7^o, versículo 34.)

O outro ensinamento decorre da circunstância de haver Jesus, para curar o parálítico, usado da fórmula: Teus pecados te são perdoados, por mostrar essa circunstância, claramente, que a causa da enfermidade daquele homem eram os seus pecados, donde logicamente se deduz que outra não é a dos sofrimentos peculiares à encarnação na Terra e, por conseguinte, a da encarnação mesma, que, assim, não significa, para os que a sofrem, como pretende a Igreja Católica, expiação da falta de Adão e Eva (figuras simbólicas), falta a que Jesus certamente não teria deixado de aludir, se fora real, dada a sua capital importância nos destinos da Humanidade que lhe está confiada. Ele, porém, nenhuma alusão fez jamais a semelhante falta.

Em suma, dando a ver que o sofrimento do parálítico lhe advinha de seus pecados e declarando-os perdoados, não por ato seu, mas em cumprimento da vontade de Deus, ou seja — em observância da lei, Jesus revelou, mais uma vez, naquela ocasião, o poder de que dispunha, superior a todas as possibilidades da inteligência humana, por efeito da sua extrema perfeição espiritual, que o constituía agente direto da autoridade divina, ante a qual todas as criaturas têm que curvar a cabeça.

**MATEUS, 9º, 18 ao 26. — MARCOS, 5º, 21 ao 43. — LUCAS, 8º, 41 ao 56. A filha de Jairo.
— A hemorroíssa**

MATEUS: capítulo 9º, versículo 18. Tendo dito essas coisas, aproximou-se dele um chefe de sinagoga que, adorando-o, lhe disse: Senhor, minha filha acaba de morrer; mas vem, impõe-lhe as mãos e ela viverá. 19. Jesus se levantou e, acompanhado pelos seus discípulos, partiu com o homem. — 20. Ao mesmo tempo, uma mulher que, havia doze anos, sofria de um fluxo de sangue, acercando-se dele por detrás, lhe tocou a fímbria da túnica; — 21, pois que dizia consigo mesma: Bastar-me-á tocar nas suas vestes para ficar curada. — 22. Jesus, voltando-se, a viu e lhe disse: Filha, tem confiança, tua fé te curou. E desde aquele momento a mulher se achou curada. — 23. Chegando à casa do chefe de sinagoga, disse Jesus aos tocadores de flauta e à multidão que lá encontrou: — 24. Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme. Todos, porém, zombavam dele. — 25. Afastada a multidão. Ele entrou e tomou a mão da menina, que logo se levantou. — 26. A notícia do fato se espalhou por toda aquela redondeza.

MARCOS: capítulo 5º, versículo 21. Tendo passado na barca para a outra margem, grande multidão o cercou à beira-mar. — 22. Um príncipe da sinagoga chamado Jairo, que viera à sua procura, ao vê-lo, se lhe lançou aos pés, — 23, e lhe dirigiu instantemente esta súplica: Minha filha está moribunda; vem e lhe impõe as mãos para que ela se cure e viva. — 24. Jesus partiu com ele, acompanhado pela multidão que o premia. — 25. Então, uma mulher que sofria de um fluxo de sangue, havia doze anos, — 26, e que padecera muito nas mãos de vários médicos, com os quais gastara todos os seus haveres, sem melhorar do seu mal, que antes se agravara, — 27, tendo ouvido falar de Jesus, se meteu na multidão e, aproximando-se dele por detrás, lhe tocou a túnica. — 28. Dizia: Se eu conseguir tocar-lhe apenas na roupa, estarei curada. — 29. No mesmo instante o sangue deixou de correr e ela sentiu em seu corpo que estava curada do mal que a afligia. — 30. Jesus percebeu imediatamente que de si saíra uma virtude e, voltando-se para a multidão, perguntou: Quem tocou as minhas vestes? — 31. Os discípulos lhe ponderaram: Vês que a multidão te comprime por todos os lados e perguntas quem te tocou! — 32. Jesus, porém, passeando o olhar em torno de si, procurava descobrir quem o tocara. — 33. A mulher, que sabia o que se passara nela, atemorizada e a tremer, aproximou-se e, lançando-se-lhe aos pés, confessou toda a verdade. — 34. Jesus lhe disse: “Filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada de tua enfermidade”. — 35. Estando Ele ainda a falar, chegaram alguns familiares do príncipe da sinagoga e, dirigindo-se a este, disseram: Tua filha morreu, por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? — 36. Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao príncipe da sinagoga: Não temas; tem fé. — 37. E não permitiu que, afora Pedro, Tiago e João irmão de Tiago, mais alguém o acompanhasse. — 38. Chegando à casa do chefe de sinagoga, deparou com um bando confuso de pessoas que choravam e soltavam grandes lamentos. — 39. Logo que entrou na casa, disse a essas pessoas: Por que vos achais aflitos e por que chorais? A menina não está morta, apenas dorme. — 40. Todos, porém, zombavam de suas palavras. Ele mandou que saíssem e, acompanhado pelo pai, pela mãe da menina e pelos que tinham vindo na sua companhia, entrou no aposento onde se achava a menina deitada. — 41. Tomando-lhe as mãos, disse: Talitha cumi, isto é, menina, levanta-te, eu o ordeno. — 42. No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a caminhar, pois já contava doze anos, ficando todos admirados e maravilhados. — 43. Jesus lhes recomendou muito expressamente que ninguém viesse a saber do fato e mandou que dessem de comer à menina.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 41. Veio ter com ele então um homem chamado Jairo, que era príncipe da sinagoga e, lançando-se-lhe aos pés, lhe pediu que entrasse na sua casa, — 42, dizendo ter uma única filha de cerca de doze anos que estava a morrer. Partiu com ele Jesus, apertado pela multidão. — 43. Uma mulher que, havia doze anos, sofria de uma perda de sangue e que gastara com médicos tudo o que possuía, sem que nenhum houvesse conseguido curá-la, — 44, se aproximou dele por detrás e lhe tocou a fímbria da túnica, com o que logo o fluxo de sangue cessou. — 45. Perguntou então Jesus: Quem me tocou? Como todos negassem ter sido quem o tocara, Pedro e os que o cercavam lhe disseram: Mestre, pois que a multidão te aperta e oprime, como podes perguntar: Quem me tocou? — 46. Jesus replicou: Alguém me tocou, porquanto percebi que uma virtude saiu de mim. — 47. A mulher, verificando assim não poder ocultar-se, aproximou-se toda trémula e, prostrando-se aos pés de Jesus, declarou diante de todo o povo o motivo por que o tocara e que ficara imediatamente curada. — 48. Jesus lhe disse: Filha, tua fé te salvou, vai em paz. — 49. Ainda não acabara de falar, chegou alguém e disse ao príncipe da sinagoga: Tua filha morreu; não dês ao Mestre mais incômodo. — 50. Mas, ouvindo isso, Jesus disse ao pai da menina: Não temas, tem fé somente e ela será salva. — 51. Chegando à casa de Jairo, não deixou que aí entrassem senão Pedro, Tiago e João. com o pai e a mãe da menina. — 52. Todos a choravam e lamentavam. Ele, porém, disse: Não

choreis, ela não está morta, apenas dorme. — 53. Zombavam, porém, dele, por saberem que estava morta. — 54. Jesus, pegando-lhe na mão, exclamou: Menina, levanta-te. — 55. Seu Espírito voltou ao corpo, ela se levantou imediatamente e Jesus mandou que lhe dessem de comer. — 56. Os pais da menina se mostraram cheios de espanto e Ele lhes ordenou que não dissessem a ninguém o que sucedera.⁸

Ainda neste caso, o da hemorroíssa, a cura Jesus a operou, como em todos os outros, unicamente pelo poder magnético de que dispunha. Envolto sempre em fluídos vivificantes e reparadores, Ele os distribuía, sempre que oportuno, pelos que de tais fluídos necessitavam.

Foi, em suma, como nos demais, um efeito de combinações fluídicas, que ainda ignoramos, porque ainda não nos achamos capazes de compreender a natureza dos fluídos, seus efeitos e suas propriedades de ação, conhecimento a que só chegaremos, mediante a nossa depuração moral.

Os efeitos curativos que a medicina obtém dos minerais e vegetais de que se utiliza, no tratamento das enfermidades humanas, são devidos aos fluídos, dotados de propriedades terapêuticas, de que se acham saturados os aludidos vegetais e minerais, fluídos idênticos aos que, como inúmeros outros, se acham espalhados na atmosfera terrena, sem que os homens lhes suspeitem a existência. Pois bem, desses mesmos fluídos é que se servia Jesus.

Conhecendo-os todos, bem como as combinações de que são passíveis, ele não precisava recorrer às substâncias que os contêm. Pela ação exclusiva da sua vontade, reunia os que eram aplicáveis ao caso ocorrente, lançava-os sobre o enfermo e a cura se operava. Essa a explicação da mulher que, tocando-o, ficou livre do fluxo sangüíneo de que sofria.

Quanto à filha de Jairo, todos a tinham por morta, tanto que à porta da casa estavam flautistas a tocar os seus instrumentos, como era de uso entre os Hebreus e o é ainda nalguns lugares do nosso país, em os quais se costuma tocar música nas casas onde morreu alguém.

Aquela morte, porém, era apenas aparente; tratava-se exclusivamente de um desses casos de catalepsia profunda, em que, de par com a suspensão de todos os sentidos e a cessação de todos os movimentos, há rigidez e aspecto cadavéricos, ausência absoluta de pulsações, de respiração e de calor, e tão completa insensibilidade física, que nenhuma impressão causam as mais fortes pancadas. A menina se achava, em suma, num desses estados catalépticos, que nem os mais hábeis profissionais da medicina logram distinguir da morte real.

Vê-se, portanto, que era apenas aparente a sua morte. Embora fosse extremo o desprendimento do Espírito que habitava aquele corpo, ele a este se conservava ligado por um tênue cordão fluídico — o do perispírito, coisa que os homens não podem ver e que, na época, ignoravam. Sabia-o, porém, Jesus e, porque o sabia, chamou, com a suprema autoridade que lhe dava a sua excelsitude espiritual, o Espírito da suposta morta, ordenando-lhe que volvesse à sua prisão carnal. E a menina despertou, fato que, como era natural da parte de quantos a tinham por morta, foi considerado uma ressurreição, portanto, um milagre, visto que o julgavam impossível.

Como esse, foram todos os milagres que Jesus operou. Em nenhum houve mais do que um fenômeno absolutamente natural, apenas regido por leis naturais que os homens desconheciam e, na sua generalidade, ainda desconhecem, mas das quais chegarão um dia a ter conhecimento perfeito, tanto que Ele não hesitou em afirmar: Fareis as mesmas obras que eu faço e outras ainda maiores. (JOÃO, 14, 12.)

⁸ 2ª Paralipômenos, 35º, 25. — Levítico, 15º, 25. — JOÃO, 11º, 11, 13 e 43. — Atos, 14º, 9; 20º, 10.

MATEUS, 9^o, 27 ao 31. Cegos curados

MATEUS: capítulo 9^o, versículo 27. Ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: Filho de David, tem piedade de nós! — 28. Quando chegou a casa, os cegos se aproximaram e ele lhes perguntou: Credes que eu possa fazer o que me pedis? Os dois responderam: Sim, Senhor! — 29. Ele então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se conforme a vossa fé. — 30. Os olhos de ambos se abriram e Jesus lhes proibiu terminantemente que falassem do fato, dizendo: Vejam que ninguém o saiba. — 31. Mas os dois se foram e espalharam por todo o país a fama do Mestre.

A cegueira, assim como a mudez e a surdez, quer permanente, quer temporária, constitui provação ou expiação, segundo o grau de culpabilidade, para aquele que recusou auxílio a seus irmãos, que abusou de suas faculdades, fossem elas quais fossem, e que, assim, ficou sujeito a sofrer a pena de talião. Terá que viver na dependência dos outros e suportar as privações resultantes da ausência daquelas faculdades, que foram sua força ou seu orgulho em precedente existência.

Quanto à proibição de Jesus, aos dois cegos, de falarem da cura que neles acabara de operar, não só lhe foi inspirada pela modéstia, que constantemente exemplificava, como também teve por fim envolver o fato numa sombra de mistério, o que era, às vezes, necessário, para que, realçada por esse tom misterioso, crescesse a fama das grandes coisas que ele fazia, e, de outras, determinado pelas circunstâncias e pelo meio onde agia, quando neste os homens não se achavam em condições de apreender a verdade e de reconhecer que os efeitos obtidos derivavam da aplicação de leis naturais.

Não é impossível ao homem conseguir, acidentalmente, por ato da sua vontade e pela ação magnética, resultados semelhantes aos que Jesus produziu; mas, para isso, mister se faz que uma grande pureza lhe dê tão grande poder, e o auxílio, que então não lhe faltará, dos Espíritos Superiores, os quais tomam a si proceder à escolha dos fluídos apropriados à produção do resultado que deva ser obtido e colocar-lhos ao alcance da mão.

É um tesouro que lhe está reservado, mas que lhe cumpre adquirir, elevando o seu Espírito, depurando os seus sentimentos e colocando-se, desse modo, em condições de apreciar os fluídos, de lhes conhecer a natureza, o valor, os efeitos, e de poder contar com aquele auxílio dos Espíritos Superiores. Só então lhe será possível efetuar com segurança curas como as que Jesus operava.

MATEUS, 9^o, 32 ao 34. — LUCAS, 11^o, 14 ao 20. Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus

MATEUS: capítulo 9^o, versículo 32. Logo que eles saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. — 33. Tendo sido este expulso, o mudo falou; e a multidão admirada dizia: Nunca se viu coisa semelhante em Israel. — 34. Mas os Fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios.

LUCAS: capítulo 11^o, versículo 14. Jesus expulsou o demônio de um homem que estava mudo e, logo que expulsou o demônio, o mudo falou e todo o povo se encheu de admiração. — 15. Mas, entre os populares, alguns diziam: — É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios. — 16. Outros, para o tentarem, lhe pediam um sinal do céu. — 17. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo será desolado e casa sobre casa cairá. — 18. Se, pois, Satã está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Sim, porquanto dizeis que é por Belzebu que expulso os demônios. — 19. Ora, se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? — Eis porque serão eles mesmos os vossos juizes. — 20. Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.⁹

Era exercendo uma ação fluídica sobre os Órgãos da voz, da palavra, que o mau Espírito, obsessor daquele homem, a quem chamavam possesso do demônio, o tornava mudo. Jesus o afastou, cessou a ação fluídica, o mudo falou.

⁹ MARCOS, 3^o, 22. — JOÃO, 2^o, 25; 10^o, 20.

Quanto à acusação dos Fariseus e dos Padres da época, que atribuíam o fato à influência de Belzebu, era análoga à que fazem aos espíritas os Sacerdotes de hoje, dignos sucessores dos sacerdotes hebreus. Assim sendo, bem é de ver-se que nenhuma atenção nos pode ela merecer.

Com efeito, aqueles diziam de Jesus que ele era assistido por Belzebu; dizem seus sucessores que a Doutrina Espírita é demoníaca. É natural e não podia ser de outra maneira, uma vez que esta ensina e prega exatamente o mesmo que ensinava e pregava o Divino Mestre: o amor de Deus e do próximo, a renúncia às coisas da Terra, a prática ilimitada da caridade, o perdão sem restrições, a humildade, a benevolência, a observância, em suma, de todos os preceitos e mandamentos divinos, exemplificados pelo manso Cordeiro de Deus.

E não só propaga ensinamentos idênticos aos deste, como explica, em espírito e verdade, o que nos Evangelhos, que encerram toda a verdadeira Doutrina Cristã, se acha encoberto pelo véu da letra, pelo simbolismo da parábola, pela capa do mistério, escoimando-a de todos os mandamentos humanos que, oriundos de interpretações falsas ou tendenciosas e de tradições caducas, adulteraram completamente as palavras e lições do Enviado do Senhor.

Se estamos em erro, se não é esta a verdade, que nô-la mostrem, que nos convençam do nosso erro e abaixaremos a cabeça, porque a mais ardente aspiração de nossa alma é sermos humildes e fiéis servos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

LUCAS, 6^o, 17 ao 19. Descida do monte. — Curas

LUCAS: capítulo 6^o, versículo 17. Jesus em seguida desceu com eles do monte e se deteve numa planície, cercado dos discípulos e de grande multidão de gente de toda a Judéia, de Jerusalém e das regiões marítimas de Tiro e de Sidônia. — 18, gente que viera para ouvi-lo e para ser curada de suas enfermidades. Eram também curados os que se achavam possessos de Espíritos imundos. — 19. Todos procuravam tocá-lo, porque dele saía uma virtude que a todos curava.

Relativamente à cura, de que aqui se trata, das enfermidades e ao afastamento dos Espíritos obsessores, nada temos que acrescentar ao que deixamos dito com referência a outras obras da mesma natureza, praticadas por Jesus.

Também da virtude que dele saía já falamos suficientemente. Constituía essa virtude os fluídos que, por ato da sua vontade e por efeito do seu poder magnético, Ele dirigia sobre os enfermos, especialmente sobre os que se lhe aproximavam.

MATEUS, 12^o, 9 ao 14. — MARCOS, 3^o, 1 ao 6. — LUCAS, 6^o, 6 ao 11. Cura de uma mão paralítica, em dia de sábado

MATEUS: capítulo 12^o, versículo 9. Dali saindo, veio Jesus à sinagoga deles. — 10. Ai se achava um homem, que tinha seca uma das mãos, e, para acusarem a Jesus, lhe perguntaram: É permitido curar em dia de sábado? — 11. Jesus lhes respondeu: Qual, dentre vós, aquele que, tendo uma ovelha e vendo-a cair num fosso em dia de sábado, não pegará nela para retirá-la de lá? — 12. E não vale o homem muito mais do que uma ovelha? Sim, é permitido fazer o bem em dia de sábado. — 13. E disse ao homem: Estende a tua mão. O homem a estendeu e ela ficou sã como a outra. — 14. Os fariseus, porém, saindo dali, se reuniram em conluio contra ele, cogitando do modo por que o perderiam.

MARCOS: capítulo 3^o, versículo 1. Jesus entrou de novo na sinagoga. Como aí se achasse um homem que tinha seca uma das mãos, — 2, eles se puseram de observação para ver se Jesus o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 3. Disse então Jesus ao homem que tinha a mão seca: Vem aqui para o meio. — 4. E perguntou: É permitido em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar ou tirar uma vida? Eles se calaram. — 5. Perpassando então por eles o olhar, tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão; o homem a estendeu e ela ficou sã. — 6. Os fariseus se retiraram logo e, com os Herodistas, fizeram um conciliábulo buscando meio de o perderem.

LUCAS: capítulo 6^o, versículo 6. Entrando num outro sábado na sinagoga, começou a ensinar. Lá estava um homem cuja mão direita era seca. — 7. Os escribas e os fariseus o observavam para ver se ele

curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 8. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse ao homem, que tinha a mão seca: Levanta-te e fica de pé aqui no meio. o homem se levantou e ficou de pé. — 9. Disse então Jesus: Pergunto-vos: É lícito em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? — 10. Depois de olhar para todos, disse ao homem: Estende a tua mão; ele a estendeu e esta ficou sã. — 11. Cheios de furor, os escribas e fariseus perguntavam uns aos outros o que fariam a Jesus.¹⁰

Nas traduções desta parte dos Evangelhos, lê-se: mão árida, mão seca. Segundo a “Revelação da Revelação”, porém, de acordo com o texto original corretamente interpretado, era uma mão parálitica a que Jesus curou, por meio, como sempre, de uma ação magnética, exercida e dirigida pela sua potente vontade.

Quanto aos escribas e fariseus, Jesus não os olhou “tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações”, conforme se lê nas narrativas evangélicas. O pensamento, que essas palavras humanas mal exprimiram, é que o divino Mestre se doía de vê-los resistir voluntariamente aos esforços que Ele empregava para os salvar.

A cólera jamais entrou, nem poderia entrar, no coração do Cristo. Os escribas e os fariseus eram Espíritos culpados que, empedernidos, fechavam os olhos para não ver a luz que o Senhor lhes oferecia e o Senhor com isto sofria realmente, se afligia e indignava ante tal obstinação. Não sofrem os nossos anjos de guarda com o nosso endurecimento? Mas, como os fariseus e os escribas, temos o nosso livre-arbítrio, que não pode ser violentado, como não o foi o deles, uma vez que, enviando à Terra o Messias, Deus a todos abriu uma nova via de purificação e redenção.

Seus anjos guardiães faziam por eles o que por nós fazem os nossos. Eles, porém, os repeliam, do mesmo modo que nós muitas vezes repelimos os nossos, no pleno gozo do livre-arbítrio que o Pai nos concedeu. Com efeito, decorridos que são 20 séculos, ainda hoje ocorre mais ou menos o mesmo que se dava naqueles tempos.

De fato, assim como os escribas, os fariseus e o sacerdócio hebreu combatiam a revelação messiânica, que era a confirmação da revelação mosaica, também os fariseus e os escribas de hoje e o sacerdócio romano guerreiam a revelação espírita, que é a confirmação da messiânica. Ontem, as fogueiras; hoje, os insultos e os sarcasmos.

Entretanto, libertos, como já nos achamos, do terror dos anátemas, use cada um da sua inteligência, da sua razão e do seu livre-arbítrio e compare o que ensina a Igreja Romana com o que ensina a Doutrina Espírita, e por si mesmo decida, em face dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

MATEUS, 12^o, 22 ao 28. — MARCOS, 3^o, 20 ao 26. Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. Blasfêmias dos fariseus. — Reino dividido

MATEUS: capítulo 12^o, versículo 22. Apresentaram-lhe então um homem cego e mudo, possesso do demônio. Ele o curou, de sorte que o homem começou a ver e a falar. — 23. A multidão estupefata perguntava: Porventura é este o filho de David? — 24. Os fariseus, porém, ouvindo isto, diziam entre si: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. — 25. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino que se dividir contra si mesmo será destruído e toda cidade ou casa, que se dividir contra si mesma, não subsistirá. — 26. Ora, se Satanás expulsa a Satanás, está ele dividido contra si mesmo; como poderá então o seu reino subsistir? — 27. Se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Estes, por isso mesmo, é que serão os vossos juizes. — 28. Mas, se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

MARCOS: capítulo 3^o, versículo 20. Entraram em casa e aí se aglomerou tão grande multidão, que nem sequer podiam comer. — 21. Ao saberem disso os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo. — 22. Os escribas vindos de Jerusalém diziam: Ele está possesso de Belzebu e expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios. — 23. Jesus, porém, tendo-os chamado, lhes dizia por parábolas: Como pode Satanás expulsar a Satanás? — 24. Se um reino estiver dividido contra si mesmo, não poderá subsistir. — 25. Se uma casa está dividida contra si mesma, não pode subsistir. — 26. Se, pois,

¹⁰ Êxodo, 23^o, 4, 5. — Deuteronômio, 22^o, 4. — JOÃO, 5^o, 18; 9^o, 16; 10^o, 89.

Satanás se rebelar contra si mesmo, estará dividido, não poderá subsistir e terá fim.¹¹

Aquele homem, tido como “possesso do demônio”, estava subjugado por um Espírito mau que, combinando com os dele os fluídos do seu perispírito e lançando-lhe, sobre os órgãos da visão e da audição, fluídos apropriados a esse efeito, paralisara aqueles órgãos. Jesus o curou pela ação da sua vontade potentíssima, afastando o obsessor.

A subjugação que ele sofria era, como todas, em geral, uma expiação. Seu Espírito expiava graves abusos da palavra, anteriormente praticados, e o não ter sabido aproveitar-se da luz que lhe fora concedida. A multidão, maravilhada com o fato, inquiria: Porventura, é este o filho de David? É que predito fora que o maior dos profetas descenderia da linhagem de David.

As palavras que dirigiu aos escribas e fariseus, bem como as que a seu respeito proferiram os que eram considerados seus parentes, tinham um alcance tanto espírita, quanto evangélico, isto é, foram ditas como ensino para aquele momento e como lição a frutificar na época atual, da nova revelação. As épocas, conforme o sabemos, se ligam umas às outras e, quanto mais nos adiantarmos, tanto melhor compreenderemos a ligação que existe entre o aparecimento de Jesus na Terra e a presente manifestação dos Espíritos.

O aparecimento de Jesus entre os homens, segundo já explicamos, com o governador do planeta terráqueo e diretor da Humanidade que o habita, foi uma manifestação espírita. Ele desceu até nós, para lançar as bases da nova regeneração. Pois bem, atualmente, assistimos a uma outra manifestação espírita, produzida pelos Espíritos que, como enviados do Mestre, vêm continuar e desenvolver-lhe a obra.

Belzebu, Satanás, Príncipe dos demônios são expressões figuradas de que Jesus usava, para se fazer compreendido e escutado. Designavam e designam os Espíritos maus que, tendo falido, perseveraram, endurecidos, na senda do mal, a praticarem-no contra os homens.

Os filhos daqueles que o acusavam de obrar por Belzebu e aos quais o Mestre se referia, dizendo que seriam juizes dos seus acusadores, eram os que, entre os Hebreus, seguiam de coração a lei de Moisés, tendo em vista servir a Deus, os quais, já um tanto purificados e colocados acima de seus pais, conseguiam, algumas vezes, por meio da prece e da perseverança, afastar os Espíritos malfazejos que se manifestavam pela obsessão e pela subjugação.

Os homens de então, como os de hoje, os Escribas e os Fariseus de agora, como os daquele tempo, negam tudo o que não compreendem e condenam o que os incomoda, ou lhes fere o orgulho. Jesus era acusado pelos seus contemporâneos de obrar por influência demoníaca. É precisamente o que diz o sacerdócio romano, diante dos fatos espíritas. A resposta, porém, deve ser a mesma que Jesus dava aos seus injuriadores: “Nenhum reino que se divide contra si mesmo pode subsistir”.

Do mesmo modo que alguns filhos dos Hebreus, também podemos livrar alguns dos nossos irmãos encarnados da ação dos que, no plano invisível, se fizeram agentes das trevas, desde que nos elevemos e purifiquemos, saibamos valer-nos da prece e obremos com perseverança.

A expressão — “espírito de Deus” — considerada em relação a Jesus, significa a influência direta que o Pai exercia e exerce sobre Ele. Em relação a nós, devemos considerá-la como exprimindo a dos Espíritos purificados, que o Senhor nos envia como medianeiros entre a sua vontade e os nossos Espíritos. Deus só se comunica diretamente com os Espíritos puros, de pureza perfeita, aos quais incumbe de presidir à formação dos orbes e de lhes dirigir as respectivas humanidades, em seu progresso moral e científico. Só esses Espíritos podem aproximar-se do foco universal; só a eles cabe com exatidão o nome de “servos do Senhor”.

Mas, através da escala espírita, até nós desce o “Espírito de Deus”. É para que ele chegue a todos os homens que, ontem, os apóstolos, discípulos de Jesus, desobstruíram as sendas que Ele traçara para passarmos, rumo às altas culminâncias da espiritualidade, e que, hoje, com a nova revelação, recebemos a luz de que necessitamos para, com os corações inundados dela, podermos avançar por aquelas sendas.

Ao saberem disso, os parentes de Jesus vieram para o prender, dizendo que perdera o juízo. — Os Hebreus, pelo consórcio dos de uma tribo com os de outra, eram parentes quase todos, ou

¹¹ JOÃO, 2º, 25; 7º, 5, 20; 8º, 48; 10º, 20. — Apocalipse, 2º, 23. — Daniel, 2º, 44.

como tais se consideravam. Assim que, Jesus, aos olhos dos homens, estava rodeado de primos mais ou menos próximos.

Ora, esses parentes, segundo os quais Jesus procedia do mesmo tronco que eles, não podiam admitir que aquele se elevasse tão alto, que instituisse apóstolos, e saíram a prendê-lo, sob o fundamento de que perdera a razão e estava louco. Bem dissera o Mestre que ninguém é profeta na sua terra.

Dá-se hoje o mesmo que com ele se deu. O clero qualifica de demoníaca a Doutrina Espírita; os modernos escribas e fariseus chamam loucos e desequilibrados aos espíritas, tendo chegado mesmo a arranjar uma lei punitiva da prática do Espiritismo! Diante disso, que devemos fazer? Exemplificar pela prática das boas obras, da humildade e da paciência, da doçura e da indulgência, da pureza de sentimentos, e avançar corajosamente pelo caminho que nos está traçado, certos de que o Cristo vela por nós e nos protege. Temos, como prepostos seus, a nos guiarem pela estrada que a Ele conduz, os bons Espíritos, os Espíritos de luz e de misericórdia.

LUCAS, 17^o, 11 ao 19 Os dez leprosos

LUCAS: capítulo 17^o, versículo 11. Ora, sucedeu que, dirigindo-se para Jerusalém, teve Jesus que atravessar a Samaria e a Galiléia. — 12. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos que pararam ao longe, — 13, e lhe bradaram: Jesus, Mestre, tem piedade de nós. — 14. Assim que os viu, Jesus disse: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. — 15. Vendo-se curado, um deles retrocedeu, glorificando a Deus em altas vozes. — 16. E se prostrou, rosto em terra aos pés de Jesus, rendendo-lhe graças. Esse era Samaritano. — 17. Perguntou-lhe Jesus: Os dez não ficaram limpos? Onde estão os outros nove? — 18. Então, nenhum mais, senão este estrangeiro, voltou para glorificar a Deus? 19. E, dirigindo-se ao estrangeiro, disse: Levanta-te, vai, tua fé te salvou.¹²

Com o fato aqui narrado, ensinou Jesus que não basta, a quem quer que seja, haver nascido sob uma doutrina religiosa qualquer, aceitar, praticar mesmo seus dogmas, para adquirir méritos perante o Senhor; que o seu manto de misericórdia se estende sobre todos, sem distinguir o Samaritano do Judeu, o ortodoxo do herético, conforme Ele tornou claro no seu colóquio com a Samaritana (Evangelho de João, capítulo 4^o), onde mostrou aos homens que, para o Pai, não há heréticos, nem ortodoxos, mas tão-somente filhos mais ou menos amorosos, mais ou menos submissos, aos quais Ele transmite suas instruções, sejam quais forem as crenças que professem, a pátria onde tenham nascido, uma vez que seus corações os encaminhem para Ele e que se revelem prontos a receber os ensinamentos, as graças que Ele lhes manda e que abrem ao Espírito as sendas do progresso, assim de ordem física, como de ordem moral e intelectual e o levam à perfeição.

O Samaritano, de que fala o texto evangélico, logo que se viu limpo, voltou, cheio de reconhecimento, para se prostrar aos pés do caridoso Médico e lhe render graças por tamanho benefício, enquanto os Judeus, que se julgavam os filhos privilegiados, trataram de ir cumprir as formalidades legais, para sem demora voltarem ao convívio dos outros homens, convívio de que tinham sido expulsos, porque eram leprosos. Foi também o que se deu com os provincianos da mulher de Samaria, a quem Jesus, à borda do “poço de Jacob”, ofereceu a água nova, que mata para sempre toda sede. Eles logo se reuniram em torno do Mestre, a lhe dizerem: Senhor, a tua palavra penetrou em nossos corações, a tua luz nos deslumbrou, cremos em ti.

Como se explica que, em face de tais ensinamentos e exemplos, a Igreja romana persista em chamar de diabólica a Doutrina Espírita e em considerar excomungados os que a professam? É que ela se acha completamente divorciada do Evangelho, nada tendo de comum com a Doutrina Cristã a de que é chefe o Pontífice Romano.

Em oposição aos ensinamentos de Jesus, ela adota o princípio de ortodoxia, em que se apoiavam os Judeus, e declara heréticos e persegue como tais todos os que professam crenças divergentes dos

¹² Levítico, 13^o, 2, 46, 14^o, 2. — JOÃO, 4^o, 4.

seus dogmas humanos, das suas interpretações humanas, de seus preceitos, fundados principalmente em interesses materiais.

Assim, pois, se considerando o que éramos, pudermos reconhecer, pelo que somos, quanto o Senhor há feito por nós, no sentido de curar-nos da lepra do pecado, de limpar-nos das imperfeições morais, em vez de continuarmos pelo caminho que levávamos e irmos preencher vãs formalidades de culto exterior, retrocedamos, em busca do Senhor, para nos prosternarmos aos seus pés, com os corações transbordantes de reconhecimento e de amor e com o firme propósito de lhe seguirmos os passos.

Quanto à cura dos leprosos, operou-a como todas as outras de que tratam os Evangelhos e como já deixamos explicado, uma ação fluídica exercida por Jesus sobre os doentes.

MATEUS, 20^o, 29 ao 34. — MARCOS, 10^o, 46 ao 52. — LUCAS, 18^o, 35 ao 43. Cura dos cegos de Jericó

MATEUS: capítulo 20^o, versículo 29. Saindo eles de Jericó, grande multidão acompanhou a Jesus. — 30. E eis que dois cegos que se achavam sentados à beira da estrada, ouvindo dizer que Jesus por ali passava, se puseram a clamar: Senhor, filho de David, tem compaixão de nós! — 31. O povo os repreendia, mandando que se calassem; porém eles clamavam cada vez mais alto: Tem compaixão de nós, Senhor, filho de David! — 32. Jesus então parou, chamou-os e lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? — 33. Responderam os dois: Que se nos abram, Senhor, os olhos. — 34. Compadecido deles, Jesus lhes tocou os olhos e, no mesmo instante, ambos recobriram a vista e o seguiram.

MARCOS: capítulo 10^o, versículo 46. Estiveram depois em Jericó. Ao sair daí Jesus, acompanhado dos discípulos e de grande multidão, um cego, de nome Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira da estrada, esmolando. — 47. Tendo ouvido dizer que Jesus Nazareno por ali passava, começou a clamar: Jesus, filho de David, tem compaixão de mim! — 48. Muitos o ameaçavam para que se calasse, porém ele clamava ainda mais alto: Filho de David, tem piedade de mim! — 49. Jesus então parou e mandou que o chamassem. Alguns o foram chamar, dizendo: Tem confiança, levanta-te que ele te chama. — 50. Bartimeu, atirando para o lado a capa, de um salto foi ter com Jesus. — 51. Perguntou-lhe este: Que queres que eu te faça? O cego respondeu: Mestre, faze que eu enxergue. — 52. Disse-lhe então Jesus: Vai, tua fé te salvou. No mesmo instante ele enxergou e foi seguindo a Jesus pela estrada.

LUCAS: capítulo 18^o, versículo 35. Sucedeu que, ao aproximar-se Jesus de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho, pedindo esmola — 36. Ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. — 37. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré que em por ali passava. — 38. Logo clamou ele: Jesus, filho de David, compadece-te de mim! — 39. Os que iam à frente o repreendiam, para que se calasse; ele, porém, clamava cada vez mais forte: Filho de David, tem compaixão de mim! — 40. Jesus parou e mandou que lhe trouxessem o cego. Ao aproximar-se este, perguntou-lhe: — 41. Que queres que te faça? Respondeu ele: Senhor, faze que eu veja! 42. Jesus lhe disse: Vá; tua fé te salvou. — 43. Imediatamente, o que era cego viu e foi seguindo a Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, tendo visto aquilo, louvava a Deus.

Dois fatos de cura aqui há, um referido por MARCOS e LUCAS, outro por MATEUS. Jesus não permaneceu todo o tempo na cidade de Jericó, desde que nela entrou e pediu hospedagem a Zaqueu. Ao contrário, saiu muitas vezes, para instruir o povo. Assim foi que operou a dupla cura, em ocasiões diversas. Isso, entretanto, nenhuma importância tem. São minúcias pueris, com que não nos devemos preocupar.

Quanto às curas, Ele as operou, como as outras de que já tratamos, por ato exclusivo da sua vontade e pela ação do seu poder magnético. Se tocou os olhos dos cegos, coisa de que não tinha necessidade, foi para mostrar aos discípulos o que lhes cumpria fazer.

Operando a de Bartimeu, filho de Timeu, só com o pronunciar estas palavras: Vai, tua fé te sarou, quis impressionar fortemente as massas, mostrando aos homens o poder de que dispunha.

Cegos que somos do coração e da inteligência, digamos com fé: Senhor, que os nossos olhos se abram”, e recobreremos a vista moral e espiritual. Digamos com fé: Mestre, faze que eu veja, e veremos, porquanto a luz espírita clareará as trevas que nos envolvem, projetando o fulgor de seus raios na estrada reta e segura que temos de percorrer.

LUCAS, 14^o, 1 ao 6. Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus

LUCAS: capítulo 14^o, versículo 1. Tendo Jesus entrado em certo sábado na casa de um dos principais fariseus para comer, os que lá estavam se puseram a observá-lo. — 2. Defronte dele se achava um homem hidrópico. — 3. E Jesus, dirigindo-se aos doutores da lei e aos fariseus, perguntou: É lícito curar em dia de sábado? — 4. Todos guardaram silêncio. Jesus então, pondo a mão no homem, o curou e mandou embora. — 5. Disse-lhes em seguida: Qual de vós, cujo boi ou jumento que caia num poço, não o tirará daí por ser dia de sábado? — 6. A isto nada puderam responder.¹³

O hidrópico fora levado à presença de Jesus pelos doutores da lei, pelos escribas e fariseus, para verem se o apanhavam em culpa, ou por violar o sábado, caso, cedendo aos piedosos impulsos do seu coração, o curasse naquele dia, ou por faltar à caridade, se, para guardar escrupulosamente o sábado, não o fizesse. Porém, Jesus, que lhes lia no íntimo os pensamentos, efetuou a cura, inibindo-os de formular contra Ele qualquer acusação, mediante as perguntas que lhes dirigiu e a que eles se viram impossibilitados de responder.

Quanto à cura, o Mestre a operou, como todas as outras que os Evangelhos registram, pelo poder da sua vontade, exercendo sobre o doente uma ação magnética, que lhe saturou o organismo dos fluídos apropriados a restabelecer ali o equilíbrio desfeito.

A hidropisia tem a sua causa num empobrecimento do sangue, cujo quilo diminui, sendo substituído pelas partes aquosas que ele contém, devido isso a uma alteração dos princípios vitais, por efeito de privações ou de excessos.

Bem dirigida, a ação magnética humana pode deter os progressos dessa decomposição do sangue e mesmo fazê-la cessar; mas, só com tempo e perseverança, porquanto os instrumentos ainda não são bastante puros, para não alterarem ou apoucarem, pelo seu contacto, os fluídos de que possam dispor.

Jesus, magnetizador perfeito, empregava os princípios curativos em toda a sua pureza e, conseqüentemente, no máximo grau de eficácia.

Não diz o evangelista que a tumefação produzida pela enfermidade cessou inopinadamente; diz apenas que a enfermidade foi curada. Significa isso que a causa do mal foi destruída, restabelecendo-se o equilíbrio como conseqüência da ação magnética exercida, da ação dos fluídos de que Jesus impregnara o organismo do enfermo.

O mal chegara a uma de suas últimas fases e a fraqueza obstava a que o hidrópico fizesse qualquer esforço. Jesus, entretanto, o mandou embora. É que lhe deu forças, para se retirar, e esse era o prenúncio da cura visível: a desinchação.

MATEUS, 26^o, 47 ao 56. — MARCOS, 14^o, 43 ao 52. — LUCAS, 22^o, 47 ao 53. — JOÃO, 18^o, 1 ao 12. Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha a um dos do séquito do sumo sacerdote e Jesus a cura. — Fuga dos discípulos

MATEUS: capítulo 26^o, versículo 47. Ainda ele não acabara de dizer isso, eis que chega Judas, um dos doze, e com ele grande turba armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciões do povo. — 48. Ora, o que o traia lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele, em quem eu der um ósculo, esse é que é: prendei-o. — 49. E, aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Mestre! e o beijou. — 50. Jesus lhe perguntou: Amigo, a que vieste? Logo avançaram outros, que se lançaram sobre Jesus e o prenderam. — 51. Um então dos que estavam com Jesus, levando a mão à espada, a desembainhou e, brandindo-a contra um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 52. Jesus, porém, lhe disse: Embainha a tua espada, pois que todos os que empunharem a espada à espada perecerão. — 53. Acaso julgas que não posso rogar a meu pai e que

¹³ Êxodo, 23^o, 5. — Deuteronômio, 22^o, 4.

ele não me mandará imediatamente mais de doze legiões de anjos? — 54. Como, porém, se cumprirão as escrituras que declaram dever ser assim? — 55. E, no mesmo instante, dirigindo-se à turba, disse: Aqui viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fora um ladrão. Entretanto, todos os dias, assentado entre vós, estava eu ensinando no tempo e não me prendestes. — 56. É que tudo isto acontece para que se cumpram as escrituras dos profetas. Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram.

MARCOS: capítulo 14^o, versículo 43. Ele ainda falava quando chegou Judas, um dos doze, acompanhado de grande tropa de gente armada de espadas e varapaus, mandada pelos sumos sacerdotes, pelos escribas e pelos anciães. — 44. Ora, o traidor lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele em quem eu der um ósculo, esse é que é; preendi-o e levai-o com segurança. — 45. Tanto, pois, que chegou, dirigiu-se a Jesus e disse: Mestre, eu te saúdo; e lhe deu um beijo. — 46. Logo deitaram as mãos a Jesus e o prenderam. — 47. Um dos presentes desembainhou a espada e, golpeando um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 48. Jesus então lhes disse: Viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fosse um ladrão. — 49. Todos os dias estava convosco no templo ensinando e não me prendestes. É que é preciso que as escrituras se cumpram. — 50. Então, abandonando-o, seus discípulos fugiram todos. — 51. Seguiu-o um manco, coberto unicamente com um lençol, e os soldados o prenderam. — 52. Ele, porém, largando o lençol, lhes fugiu nu das mãos.

LUCAS: capítulo 22^o, versículo 47. Falava ele ainda, quando surgiu uma turba, vindo à sua frente um dos doze apóstolos, o que se chamava Judas, o qual se chegou a Jesus para o beijar. — 48. Jesus O interpelou assim: Pois que, Judas, com um ósculo entregas o Filho do homem? — 49. Vendo os que o rodeavam o que ia acontecer, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? — 50. E um deles com um golpe decepou a orelha direita de um servo do sumo sacerdote. — 51. Jesus, porém, disse: Deixai-os, basta; e, tocando a orelha do ferido, a curou. — 52. Depois, dirigindo-se aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciães que tinham vindo prendê-lo, disse: Viestes armados de espadas e varapaus como contra um ladrão. — 53. Entretanto, todos os dias estava eu convosco no templo e nunca me deitastes as mãos. É que esta é a vossa hora e o poder das trevas.

JOÃO: capítulo 18^o, versículo 1. Tendo dito essas coisas, Jesus foi, com seus discípulos, para além da ribeira do Cedron, onde havia um horto, no qual entraram ele e seus discípulos. — 2. Judas, que o traía, conhecia também esse lugar, porque Jesus lá fora muitas vezes com seus discípulos. — 3. Judas, pois, tendo tomado consigo uma coorte e quadrilheiros que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus puseram à sua disposição, ali veio com lanternas, archotes e armas. — 4. Mas Jesus, que sabia de tudo o que havia de acontecer, saiu-lhes ao encontro e lhes disse: A quem buscais? — 5. Responderam: A Jesus de Nazaré. Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, que o traía, estava também com eles. — 6. Apenas Jesus lhes disse: Sou eu, eles recuaram e caíram por terra. — 7. Perguntou-lhes segunda vez: A quem buscais? Responderam: A Jesus de Nazaré. — 8. Jesus lhes replicou: Já vos disse que sou eu. Se, pois, a mim é que buscais, deixai ir estes. — 9. A fim de que se cumprisse esta palavra que por ele fora dita: “Não perdi nenhum dos que me deste”. — 10. Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela e feriu um servo do pontífice e lhe cortou a orelha direita. Esse homem se chamava Malco. — 11. Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha. Não tenho que beber o cálice que meu Pai me deu? — 12. Então, os soldados, com o tribuno que os comandava e os quadrilheiros prenderam a Jesus e o amarraram.¹⁴

Estes trechos apenas referem fatos históricos que não reclamam comentários.

Juntamos aqui, às dos três outros Evangelhos, com os quais unicamente nos temos ocupado, a parte correspondente do de João, para darmos a narrativa integral dos fatos de que tratamos, visto que as narrações evangélicas se completam e explicam umas pelas outras.

Tudo o que se deu com relação à prisão de Jesus, que de tudo quanto aconteceu sabia de antemão, assim como com relação ao ato de Pedro contra Malco e à cura deste, constituiu um

¹⁴ Gênese, 9^o, 6, 35. — 2^o Reis, 20^o, 9. — 4^o Reis, 6^o, 17. — Salmos, 40^o, 10. — Isaías, 53^o. — Lamentações, 4^o, 20. — Daniel, 7^o, 10. — JOÃO, 18^o, 1 a 12. — Atos, 1^o, 6. Apocalipse, 13^o, 10.

exemplo de caridade, de paciência e de poder.

Pelo que concerne à queda dos primeiros que avançaram para se apoderarem do Mestre, resultou de uma ação fluídica exercida pelos Espíritos que o cercavam. Foi um fato semelhante aos que hoje se podem observar nas sessões espíritas. A cura da orelha de Malco, Jesus a operou, tocando-a. Cumpre notar que ela fora cortada, porém, não decepada.

Quanto às palavras dirigidas a Pedro: Embainha a tua espada, etc., encerram um ensinamento, que o Mestre nos ofereceu, mostrando que jamais devemos defender-nos com violência, com armas materiais; que somente devemos usar das armas morais: a paciência, a doçura, o amor e a caridade; que serão punidos, segundo a lei de talião os que, usando de armas materiais, derem prova de que lhe desprezam os ensinamentos, os exemplos, os mandamentos. Continuam igualmente uma advertência aos que, de futuro, se ririam e constituiriam diretores da sua Igreja, dando-lhes a ver que nunca deveriam fazer deste mundo um reino para si, empunhando armas materiais, como instrumentos de justiça humana, ou de defesa contra os ataques exteriores.

O mancebo que seguiu a Jesus, conforme dizem os Evangelistas, envolto num lençol, simbolizava a lei antiga, que trazia consigo o emblema da morte. Detida no seu curso, ela se despoja de suas insígnias e se mostra tal qual o Senhor a fez. Também nós nos devemos despojar das insígnias da morte.

Estamos envoltos em fraudes, maldades e vícios. Esse o lençol que nos cobre.

Abandonemos esse invólucro fúnebre, como o fez o mancebo de que falam os Evangelistas, nas mãos dos que tentem embaraçar-nos os passos na senda do progresso moral e apresentemo-nos ao Senhor nus, isto é, com um coração puro, tal como Ele no-lo deu.

Acompanhemos o Cristo no seu trajeto para o Pretório, deixando pelo caminho os nossos vícios e paixões, causa da sua ida até lá. Sigamo-lo, trilhando as sendas que Ele traçou e assim abrandaremos os sofrimentos que lhe causamos à sua passagem pela Terra.

Os Padrões Evangélicos – Paulo Godoy

Curas pela Fé

“Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.”
(Lucas, 7:9)

Dentre outras, constam dos Evangelhos duas passagens que ressaltam o poder da fé. Uma delas nos foi propiciada pelo Centurião de Cafarnaum (Mateus, 8:5-13) e a outra pela mulher que sofria de um fluxo sangüíneo (Lucas, 8:43-48).

O Centurião de Cafarnaum tinha um servo a quem muito prezava, o qual estava moribundo. Sabendo que o Mestre estava em sua cidade, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, suplicando-lhe que fosse à sua casa a fim de curá-lo. Entretanto, quando o Senhor estava próximo de sua residência, ele foi ao seu encontro e disse-lhe: *Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado sarará. Pois também sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem.* Diante da portentosa fé do Centurião, o Senhor exclamou: *Vai, e seja feito como acreditas*, e virando-se para os apóstolos, exclamou: *Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé.*

A outra cura surpreendente aconteceu com uma mulher que sofria há doze anos de penosa hemorragia, havendo gasto todos os seus bens com os médicos, estando débil e esgotada no fundo de uma cama.

Sabendo que o Mestre visitava a sua cidade, ela reuniu o restante de forças que ainda lhe sobejava, foi, e, entrando no meio da multidão, tocou em suas vestes, com a certeza plena de que bastava isso para que ficasse curada. Logo que tocou a orla da túnica de Jesus, estancou-lhe o fluxo de sangue. E ele perguntou: *Quem foi que me tocou?* ao que os apóstolos retrucaram: *Mestre, a multidão te aperta e te comprime, e dizes: Quem é que me tocou?* Diante dessas ponderações dos discípulos ele aditou: *Eu senti que de mim saiu uma virtude.* Ele havia sentido que dele haviam emanado fluidos que beneficiaram aquela sofredora, por isso, dirigindo-se a ela, que permanecia receosa, asseverou: *Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz.*

Estas duas curas operadas por Jesus Cristo, como muitas outras, passaram aos olhos do povo como autênticos fatos miraculosos, no entanto elas meramente tiveram o objetivo de revelar o poder da fé, uma vez que o próprio Jesus havia ensinado que *se alguém tiver fé do tamanho de um grão de mostarda basta dizer a um monte: passa-te daqui para acolá, e, se fizer isso sem hesitar, ele passará.*

É sumamente difícil conceber que uma montanha possa transpor-se de um lugar para outro, mediante uma simples ordenação, não obstante o que o Mestre pretendeu demonstrar é que a fé é poderosa alavanca em nossas mãos; com ela poderemos vencer os maiores óbices, mesmo que eles sejam agigantados como uma montanha. O que é sumamente difícil é o homem dotar-se dessa fortaleza de ânimo, dessa fé robusta suscetível de remover do seu caminho todos os obstáculos, mesmo aqueles aparentemente mais intransponíveis.

Por outro lado, nos Evangelhos também deparamos com casos que foram diametralmente opostos aos dois acima citados, nos quais a fé não foi espontânea, tendo que ser motivada pelo Mestre.

No caso da cura do Cego de Siloé, Jesus Cristo teve que praticar um ato material: na falta de um meio mais eficiente para despertar a fé em seu paciente, o Senhor tomou de um pouco de terra, colocou-o em suas mãos, cuspiu, fez uma espécie de massa, a qual aplicou nos olhos do cego, ordenando-lhe em seguida que fosse banhar-se no Tanque de Siloé, onde a cura se completou.

Houve também um segundo caso, no qual o Mestre teve que aplicar saliva nos lábios de um mudo, pronunciando, em tom imperativo, a palavra: *abra-te*, o que serviu naturalmente para despertar a fé naquele moço.

Em todos os quatro casos, a cura processou-se em toda a sua plenitude, graças à fé

espontânea dos dois primeiros, e a fé induzida por Jesus Cristo, nos dois últimos.

No caso específico do moço de Cafarnaum, observamos que o próprio Mestre surpreendeu-se com a fé esposada pelo Centurião, tendo por isso exclamado: *Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé*. Isso nos traz um ensinamento relevante: embora Jesus tenha sido enviado particularmente às *ovelhas desgarradas da Casa de Israel*, nem os seus compatriotas e nem mesmo os apóstolos demonstraram fé tão relevante, o que foi feito por um gentio, por um cidadão romano.

Bartimeu, o Cego

“E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista.

“E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.”

(Marcos, 10:51-52)

Numa das suas andanças pelas cercanias de Jericó, o Mestre deparou com um cego chamado Bartimeu, que estava mendigando à beira da estrada.

Sabendo que o Senhor estava naquela região, Bartimeu levantou-se e começou a clamar: “Filho de Davi! tem misericórdia de mim”.

Muitos dos que estavam nas proximidades passaram a repreendê-lo para que cessasse aquele clamor, porém nada fazia com que parasse de gritar. Jesus, parando a certa distância do cego, ordenou que o chamassem. Ao ouvir o chamamento, cheio de ânimo, largou a sua capa, levantou-se e dirigiu-se para o lado em que ele estava.

Cheio de paciência, o Mestre interrogou-o: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: “Senhor, que eu tenha vista”. Diante daquela patente manifestação de fé, Jesus fez com que ele começasse a ver.

Aqui, mais uma vez, vemos o efeito da fé. Bartimeu evidentemente já tinha conhecimento dos atos praticados por Jesus e alimentava a esperança de encontrá-lo um dia, pois a sua maior ambição era poder ver. Ao tomar conhecimento da aproximação do Senhor, provocou grande alarido, conseguindo assim despertar a sua atenção, resultando dali a cura radical da sua cegueira.

Muita gente se surpreende pelo fato de Jesus não ter restaurado a visão a todos os cegos, levantado todos os paráliticos e curado todos os leprosos que existiam.

Cumpra aqui ressaltar que todos os sofrimentos são conseqüências das transgressões cometidas pelo Espírito em vidas pretéritas. Podem-se contar nos Evangelhos as curas materiais operadas por Jesus Cristo. Elas foram em número insignificante, representando diminuta porcentagem face ao número de sofredores existentes na época, o que prova sobejamente que o Mestre não veio para curar enfermidades materiais, que são de efeito transitório, e que, face à lei de Deus, e em conseqüência das necessidades de reajuste, nem todos estavam em condições de serem curados.

Bartimeu, indubitavelmente, era cego há muitos anos, e uma cegueira tão prolongada havia-lhe conferido a oportunidade de resgatar seus erros do passado. Havia chegado a hora de merecer o benefício da cura, que veio por intermédio de Jesus.

Eis a razão pela qual nem todos podem receber de imediato aquilo que pedem a Deus ou aos seus Espíritos prepostos. Se ainda não saldaram seus débitos para com a justiça divina, não podem merecer alteração no curso de suas vidas, pois não houve ainda um esforço interior que justificasse o benefício solicitado.

Um outro aspecto dessa cura deve ser aqui lembrado. O Mestre veio para curar a cegueira da alma, para isso ele nos legou a mensagem viva dos Evangelhos. Felizes os que se interessam pela

iluminação interior após terem entrado em contato com os ensinamentos evangélicos; devem encher-se de *gozo*, rejubilando-se e não admitindo que ninguém impeça a sua aproximação da luz.

Não é necessário ter apenas a visão material; importa sobretudo ter a visão das coisas nobilitantes do Espírito. Jesus curou Bartimeu, dando-lhe a graça da visão, porém não era esse o gênero de cura que viera trazer. Ele suspirava pela transformação íntima do homem através de um processo de reforma que ele judiciosamente denominou de “conquista do Reino dos Céus”. Essa é a verdadeira iluminação da alma, é a cura permanente, que faz com que quem a receba jamais entre em trevas. Jesus desejava também que aqueles que eram autênticos *cegos que não queriam ver*, passassem a ver, sentindo a extensão da sua mensagem imorredoura. Suspirava para que aqueles que nada viam em torno das coisas do Espírito, passassem a vê-las, sentindo a majestuosidade dos seus ensinamentos.

Afirmou o Senhor: “*quem me segue jamais andarás em trevas*”, o que revela o sentido libertador dos Evangelhos. Essa afirmação de Jesus também está implícita numa outra expressão equivalente: “*conheci a verdade e ela vos fará livres*”. Ora, quem conhecer a verdade que está de forma latente no manancial de luz que são os Evangelhos, liberta-se dos preconceitos, das superstições, das viciações, dos erros, e torna-se um ser compenetrado dos seus deveres de ordem espiritual, enquadrando-se entre aqueles que são na realidade os “filhos da luz”.

Sentenciou ainda o Mestre: “*Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas*”. Há necessidade de fazermos com que os nossos olhos reflitam aquilo que vai dentro de nossas almas. Se estivermos suficientemente iluminados interiormente, nossos olhos revelarão a serenidade e outras qualidades que traduzem a nossa evolução espiritual e então a lei do amor passará a presidir todos os nossos atos.

Quando, pois, tomarmos conhecimento da mensagem evangélica, devemos envidar todos os nossos esforços para assimilá-la. Não devemos permitir que alguém impeça os nossos movimentos nesse sentido, tomando como paradigma o cego Bartimeu, que, ao ouvir dizer que Jesus estava se aproximando, passou a clamar, “não permitindo que ninguém opusesse obstáculo ao seu objetivo”.

O Evangelho dos Humildes – Eliseu Rigonatti

Os Endemoninhados Gerasenos

28 – *E quando Jesus passou à outra parte do lago, ao país dos gerasenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, que saíam dos sepulcros, em extremo furiosos, de tal maneira, que ninguém ousava passar por aqueles caminhos.*

29 – *E gritaram logo ambos, dizendo: Que temos nós contigo, Jesus, filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?*

30 – *Ora em alguma distância deles andava uma manada de porcos pastando.*

31 – *E os demônios o rogavam, dizendo: Se nos lanças daqui, manda-nos para a manada dos porcos.*

32 – *E ele lhes disse: Ide. E saindo eles se foram aos porcos e no mesmo ponto toda a manada correu impetuosamente por um despenhadeiro a precipitar-se no mar; e todos morreram afogados nas águas.*

33 – *E os pastores fugiram; e vindo à cidade, contaram tudo, e o sucesso dos que tinham sido endemoninhados.*

34 – *E logo toda a cidade saiu a encontrar-se com Jesus; e quando o viram, pediram-lhe que se retirasse do seu termo.*

É comum depararmos com espíritos obsessores que não sentem o menor desejo de se regenerarem nem de deixarem suas vítimas. Quando doutrinados, imprecam contra quem os chama ao reto caminho e tudo fazem para não escutarem palavras de bom senso. Nestes casos, o doutrinador deve possuir grande força moral para ser obedecido. É o que nos ensina esta passagem evangélica: os espíritos obsessores não puderam desobedecer a Jesus; porém, como não tinham vontade de se corrigirem, acharam mais fácil atormentar os porcos do que aproveitar a oportunidade de melhoria que Jesus lhe oferecia.

Como a cura dos obsidiados lhes custou a perda dos porcos, os pastores se revoltaram. Estes pastores simbolizam duas espécies de indivíduos: os que dão mais valor às coisas terrenas do que às espirituais e os que recebem graças espirituais e não sabem reconhecê-las. Os primeiros só vêem a matéria e repelem sistematicamente qualquer tentativa que vise despertá-los para a espiritualidade. Os segundos jamais se lembram de agradecer a Providência Divina pelo que recebem, como os gerasenos que não se mostraram agradecidos a Jesus, pela cura de seus endemoninhados. É verdade que Jesus não está à espera de agradecimentos, pois que cada um sempre receberá de acordo com seus merecimentos; contudo, o saber agradecer e ser reconhecido é prova de humildade e de elevação espiritual.

É digno de notar-se o exemplo de tolerância que Jesus nos dá: ao ser convidado a retirar-se das terras dos gerasenos, Jesus não alterca com eles nem lhes lança em rosto o benefício que tinha feito aos obsidiados que sofriam; respeita-lhes a incompreensão, perdoa-lhes a ingratidão e retira-se.

A Cura da Mulher que tinha Fluxo de Sangue

18 – *Dizendo-lhes de estas coisas, eis que um príncipe se chegou a ele e o adorou, dizendo: Senhor, agora acaba de expirar minha filha; mas vem tu, põe a tua mão sobre ela e viverá.*

19 – *E Jesus, levantando-se, o foi seguindo com os seus discípulos.*

20 – *E eis que uma mulher, que havia doze anos padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás dele e lhe tocou a orla do vestido.*

21 – *Porque ia dizendo dentro de si: Se eu lhe tocar, ainda que seja somente o seu vestido, serei curada.*

22 – *E voltando-se Jesus e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou. E ficou sã a mulher desde aquela hora.*

23 – *E depois que Jesus chegou à casa daquele príncipe e viu os tocadores de flautas e uma multidão de gente, que fazia rebuliço, disse:*

24 – *Retirai-vos; porque a menina não está morta, mas dorme. E eles o escarneciam.*

25 – *E tendo saído a gente, entrou Jesus; e a tomou pela mão. E a menina se levantou.*

26 – *E correu esta fama por toda aquela terra.*

Conquanto Jesus possuísse excepcional força magnética, não lhe seria possível fazer voltar à vida um corpo que já estivesse morto. Depois que os laços fluídicos que ligam o espírito ao corpo se desatam, nada mais os poderá atar de novo. A rudimentar medicina dos antigos não sabia distinguir entre a morte real e a aparente, isto é, entre a morte e uma síncope. O próprio Jesus declara: “A menina não está morta, mas dorme.” Em nossos dias, feitos os exames necessários, um médico diria: “A menina teve uma síncope.” E Jesus aplicando-lhe um vigoroso passe, reanimou-a.

Quanto à mulher que tinha um fluxo de sangue, constitui um caso bem interessante. Notemos que para curar a menina foi a vontade de Jesus que agiu; ele fez com que os fluidos penetrassem no corpo da menina. Ao passo que foi a própria mulher que atraiu para si o fluido magnético que emanava do corpo de Jesus.

A cura da mulher que tinha um fluxo de sangue se explica da seguinte maneira: Todos nós irradiamos fluidos e de contínuo os recebemos. Pela nossa vontade podemos fazer com que uma determinada pessoa receba nossos fluidos. E também pela nossa vontade, podemos atrair para nós os fluidos que uma outra pessoa irradia. A mulher que tinha o fluxo de sangue, possuída do intenso desejo de se curar, desenvolveu força de vontade tamanha que, apesar das pessoas que rodeavam Jesus, conseguiu estabelecer entre ela e o Mestre a corrente fluídica magnética que a curou.

A Cura de Dois Cegos e um Mudo

27 – *E passando Jesus daquele lugar, o seguiram dois cegos, gritando e dizendo: Tem misericórdia de nós, filho de David.*

28 – *E chegando à casa vieram a ele os cegos. E Jesus lhes disse: Credes que vos posso fazer isso a vós outros? Disseram eles: Sim, Senhor.*

29 – *Então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos segundo a vossa fé.*

30 – *E foram abertos os seus olhos; e Jesus os ameaçou, dizendo: Vede lá que o tudo saiba alguém.*

31 – *Mas eles, saindo dali, divulgaram por toda aquela terra o seu nome.*

Para curar os dois cegos, Jesus procura despertar-lhes a fé, tanto que lhes diz que o pedido deles seria atendido segundo a fé que possuíssem.

Mas qual é a fé que deveriam possuir? Deveriam possuir a fé em Deus, nosso Pai, que é o único que pode permitir que os desejos de seus filhos sejam satisfeitos. Por isso é que Jesus proíbe os cegos de que digam de quem receberam a cura. É como se lhes dissesse: “Não digam que fui eu quem lhes deu a vista, porque foi de Deus que a receberam.”

Admiramos aqui a humildade de Jesus, fazendo com que suas obras glorifiquem a Deus, nosso Pai.

32 – *E logo que saíram, lhe apresentaram um homem mudo, possuído do demônio.*

33 – *E depois que foi expelido o demônio, falou o mudo e se admiraram as gentes, dizendo: “Nunca tal se viu em Israel.”*

Deparamos aqui com um caso de obsessão. O mudo era um obsidiado. A obsessão é o ato pelo qual um espírito persegue uma pessoa. Um espírito obsessor é um espírito malévolo. Os espíritos bons não obsidiam ninguém. O espírito obsessor atua sobre o organismo todo ou sobre

determinados órgãos da pessoa, prejudicando-a. Aqui vemos o espírito obsessor maltratar os órgãos vocais, tornando mudo o homem.

As obsessões podem ser causadas por deficiências morais, por vingança de inimigos desencarnados, por mediunidade não desenvolvida e por mediunidade mal empregada. Sempre que se manifestar um caso de obsessão, o obsidiado deverá ser levado a um Centro Espírita, a fim de se proceder ao tratamento espiritual. É imprescindível que se trate imediatamente de uma pessoa que apresente sinais de obsessão para evitar-se que seu organismo fique imprestável pela ação dos fluidos venenosos que o obsessor injeta no corpo de sua vítima. Demorando-se muito tempo para procurar a cura, é fácil acontecer que a pessoa obsidiada tenha seu organismo abalado para sempre, embora o espírito obsessor se retire. Neste caso, elimina-se a causa, mas não se remedeiam os efeitos.

Jesus cura o homem, afastando dele o espírito obsessor. Iguais resultados se obtêm hoje nos Centros Espíritas, onde por meio de uma bem orientada doutrinação, consegue-se que os espíritos obsessores abandonem suas vítimas. E estas dc novo passam a gozar de excelente saúde, uma vez que os maléficis fluidos ainda não lhes arruinaram os corpos.

34 – Porém os fariseus diziam: “Ele em virtude do príncipe dos demônios lança fora os demônios.”

Percebendo que os ensinamentos de Jesus contrariavam seus interesses terrenos, o clero não o aceitou como um Enviado Divino. O povo era ignorante e fácil foi aos sacerdotes persuadi-lo a que perdesse Jesus. Sob qualquer forma que o bem se apresente na face da terra, é sempre de origem divina. E como a missão de Jesus era espalhar o bem, logicamente tinha autoridade celeste. Porém, os fariseus pervertem o bem aos olhos do povo, fazendo-o acreditar no absurdo de que o poder de Jesus se originava do mal.

As idéias novas encontram sempre opositores, quer se manifestem no terreno religioso, quer no científico e até no material.

Os sacerdotes mais inteligentes logo viram que Jesus vinha inaugurar uma nova era de paz para os que o compreendiam; e de ranger de dentes para os recalcitrantes. Receosos de perderem a influência material de que desfrutavam, tudo fizeram para não deixar Jesus trabalhar.

Hoje se passa o mesmo com o Espiritismo. Os maiores disparates foram inventados contra essa Doutrina progressista no intuito de abafá-la. Mas também o Espiritismo trabalha em nome de Deus e por isso distribui o bem a todos os que o procuram.

A Cura do Homem que tinha uma das Mãos Ressicada

9 – E depois de partir dali veio à sinagoga deles:

10 – E eis que aparece um homem que tinha rassicada uma das mãos, e eles, para terem de que o argüir, lhe fizeram esta pergunta, dizendo: É por ventura lícito curar no sábado?

11 – E ele lhes disse: Que homem haverá por acaso entre vós, que tenha uma ovelha e se esta lhe cair no sábado numa cova, não lhe lance a mão para dali a tirar?

12 – Ora, quanto mais excelente é um homem do que uma ovelha? Logo é lícito fazer o bem nos dias de sábado.

13 – Então disse para o homem: Estende a tua mão. E ele a estendeu e lhe foi restituída sã como a outra.

As curas que Jesus de propósito realizava nos sábados, eram um eloqüente protesto contra o rigorismo da religião organizada, que tinha sufocado num amontoado de observâncias materiais, os mandamentos divinos. Em obediência à lei de Moisés, o sábado era um dia santificado e nesse dia era proibido a um israelita o trabalho de qualquer espécie. Consagravam o sábado às orações e à frequência às sinagogas. Tão longe levaram a observância desse preceito, que o transformaram

numa prática material rígida, da qual até a idéia de ajudar o próximo, de fazer o bem, fora banida. Ao fazer o bem nos sábados, contrariando assim o costume da época, Jesus ensina aos homens que é necessário fazê-lo todos os dias; porque o Pai Celestial leva em conta os atos de cada um e não a guarda de um determinado dia.

14 – Mas os fariseus, saindo dali, consultavam contra ele como o fariam morrer.

Todos os reformadores deparam com objeções por parte dos que se comprazem na ignorância e dos que tiram proveito do estado de ignorância em que se encontra a humanidade. Esses lutam sempre contra todos os espíritos nobres que se encarnam na terra, para melhorarem as condições em que vivem seus irmãos menores. Árduo é o trabalho dos que aqui vierem para indicar aos povos novos rumos de progresso, trazendo-lhes novos ensinamentos e revelando-lhes novas leis espirituais.

Neste versículo vemos que os beneficiados pela ignorância em que jazia o povo, percebendo que os ensinamentos de Jesus feriam seus interesses, começam a conspirar contra ele. Do mesmo modo, em nossos dias, grande número dos que têm seus interesses contrariados pelos ensinamentos do Espiritismo se insurge contra ele.

15 – E Jesus, sabendo-o, se retirou daquele lugar e foram muitos após ele e os curou a todos;

16 – E lhes pôs preceito, que não descobrissem quem ele era.

Jesus nos ensina como proceder em relação às curas realizadas espiritualmente. Ele não quer que os trabalhadores espirituais façam propaganda das pequeninas curas de que foram humildes instrumentos. Deus, nosso Pai, é quem realiza a cura; sem que a vontade dele se manifeste, ninguém poderá fazer nada. A contribuição do trabalhador espiritual, do médium por excelência, é sempre mínima. Todos os que alardeiam as curas espirituais para as quais concorrem, contrariam este preceito evangélico e demonstram orgulho e presunção; porque se a cura não partisse da vontade de Deus, nada seria conseguido. Erram, por conseguinte, os médiuns que não sabem manter-se humildes diante das graças e da misericórdia que o Pai, utilizando-os como instrumentos, distribui a seus filhos. E o erro se torna mais grave, quando, além da propaganda, ainda guardam para documentário, retratos, muletas, moldes etc., dos que se curaram.

17 – Para que se cumprisse o que foi anunciado pelo profeta Isaías, que diz:

Na terra encarnam-se espíritos em diversos graus de adiantamento; desde os pequeninos que ainda não conseguem compreender nada do que se refere à espiritualidade, até os bastante adiantados que, embora encarnados, facilmente percebem as coisas espirituais. Isaías pertencia ao número destes últimos, motivo pelo qual pôde transmitir à humanidade as advertências sobre a missão de Jesus.

Em todas as épocas há aqueles que estão mais bem preparados para compreenderem melhor a marcha do progresso espiritual da humanidade. Em nossos dias, vemos que os ensinamentos do Espiritismo são bem aceitos por uns, combatidos por outros e indiferentes a muitos. E pela maneira por que são recebidas as revelações do Espiritismo, podemos aquilatar o grau espiritual de quem as recebe.

18 – Eis aqui o meu servo, que eu escolhi, o meu amado, em quem a minha alma tem posto a sua complacência. Porei o meu espírito sobre ele e ele anunciará às gentes a justiça.

Quando a sabedoria do Pai Celestial determinou que se formasse a terra, como uma grande escola e oficina de trabalho para o aprendizado de seus filhos, Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável do tempo, foi o escolhido para dirigir a comunidade terrena. E ele prometeu ao

Pai Celestial guiar seus pequeninos tutelados através de todas as experiências terrenas, até que também eles, por sua vez, se tornassem perfeitos. E no desempenho de seus deveres divinos, Jesus jamais deixou faltar qualquer coisa a seus irmãos menores; na parte material fez com que a natureza produzisse frutos para todos se fartarem; e determinou que a todos se oferecessem magníficas oportunidades de progresso e de realizações. Se ele se esforçou para que a vida material se desenvolvesse normalmente na face da terra, jamais se descurou da parte espiritual de seus aprendizes incipientes. E desde as mais recuadas eras na história da humanidade, tem enviado periodicamente os seus mensageiros que o auxiliaram a preparar o ambiente terreno para os trabalhos de espiritualização dos espíritos encarnados. Na Grécia, na Pérsia, na Índia, na China, encarnaram-se missionários trazendo luzes espirituais, que até hoje iluminam o pensamento humano. E em todas as nações sempre se encarnaram filósofos e pensadores que, procurando a resolução dos problemas espirituais, agitaram a humanidade, fazendo-a ver algo mais do que a simples matéria. Quando o ambiente terreno estava preparado pelos elementos da filosofia, por Moisés e até João Batista, encarnou-se Jesus para superintender pessoalmente aos trabalhos finais de regeneração, evangelização e espiritualização da humanidade. Médiun de Deus, Jesus anuncia a Justiça Divina e nos lega o código celeste que é o Evangelho. Compreendendo isto, foi que Isaías transmitiu esta mensagem dos planos superiores, a qual é um hino de louvor a Jesus e uma exortação à humanidade.

19 – Não contenderá, nem clamará, nem ouvirá alguém a sua voz nas praças.

É bem expressiva esta advertência de Isaías: demonstra-nos que Jesus nunca forçaria a quem quer que seja a aceitar sua doutrina por meio de discussões e jamais faria alarde dos bens espirituais que prodigalizaria, nem clamaria contra os que não queriam ouvi-lo.

Os discípulos humildes de hoje devem aproveitar esta advertência: não clamarem, não contenderem, não alardearem sua caridade, nem suas esmolas, nem seus feitos evangélicos. No desempenho de suas funções mediúnicas e evangélicas, por mais modestas que sejam, é imprescindível muita sinceridade. Nem sempre existe sinceridade, porém ostentação no coração de quem faz questão de espalhar aos quatro ventos a caridade material ou espiritual que pratica.

20 – Não quebrará a cana que está deprimida nem apagará a torcida que fumeja, até que saia vitoriosa a sua justiça.

Por mais oposição que sua doutrina encontre, jamais a palavra de Jesus será abafada. Pelo contrário, quanto mais a humanidade progredir espiritualmente, tanto mais comentará, estudará, assimilará e aplicará os preceitos evangélicos. Por vezes, parece que a vitória pertence ao mal; entretanto, se prestarmos atenção, notaremos que a vitória do mal é efêmera e ilusória; a verdadeira vitória é ganha por tudo o que for para o bem, o que for nobre e útil. Assim sairá vitoriosa a justiça de Jesus, isto é, sua doutrina, por ser boa, nobre e de extrema utilidade para nossa felicidade real.

A felicidade na terra é de curta duração e sempre dosada de acordo com nosso grau de espiritualidade. Somente alcançaremos a felicidade integral no plano espiritual, quando tivermos completado nosso aprendizado das leis divinas e liquidado os débitos contraídos no passado, pela nossa ignorância.

Ao chegar a ocasião de o homem trabalhar para se espiritualizar no ambiente terreno, então se lhe deparam as grandes dificuldades. A sociedade de um lado, e seus familiares do outro, procuram desviar sua atenção do objetivo espiritual que visa. É quando se lhe faz mister impor-se muita fortaleza moral para que não venha a sucumbir aos caprichos da sociedade nem às idéias materiais de seus familiares.

Jesus não quer que os homens se afastem nem da sociedade nem da família; quer que cada um saiba vencer as dificuldades e superar os obstáculos, tendo por norma os preceitos de amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Não apagará a cana deprimida nem a torcida que fumeja, até que saia vitoriosa a sua justiça, são símbolos de que Isaías usa para dizer-nos que Jesus jamais imporá sua lei pela violência; porém sempre guiará com amor seus tutelados até Deus.

21 – E as gentes esperarão no seu nome.

As leis humanas são transitórias, mutáveis e incapazes de promoverem a felicidade dos povos. A única lei capaz de trazer a felicidade, a paz, a harmonia e a compreensão entre os povos da terra, é a lei divina consubstanciada no Evangelho. À medida que o progresso espiritual se for processando no seio da humanidade, as leis terrenas irão tendo por base os preceitos evangélicos e dia virá em que a única lei será o Evangelho. Nessa época, um tanto longínqua ainda, mas que os povos esperam alcançar, haverá espiritualidade na face da terra e gozaremos da real felicidade. Por isso, é necessário que cada um de nós, em particular, procure espiritualizar-se, concorrendo, dessa maneira, para a espiritualização geral.

Os Dois Cegos de Jericó

29 – E saindo eles de Jericó, seguiu a Jesus muita gente.

30 – E eis que dois cegos, que estavam sentados juntos à estrada, ouviram que Jesus passava; e gritaram, dizendo: Senhor, Filho de David, tem com paixão de nós.

31 – E repreendia-os a gente que se calassem. Porém, eles cada vez gritavam mais, dizendo: Senhor, Filho de David, tem compaixão de nós.

32 – Então parou Jesus, e chamou-os, e disse: Que quereis que vos faça?

33 – Responderam eles: Que se nos abram, Senhor, os nossos olhos.

34 – E Jesus, compadecido deles, lhes tocou os olhos. E no mesmo instante viram, e o foram seguindo.

A cura destes dois cegos é um fenômeno material, perfeitamente enquadrado nas leis que regem as curas pelo fluido magnético curativo, que Jesus irradiava em alto grau, e sabia manejar. Todavia, além da parte puramente material deste fato, devemos ver nele também a parte moral. Sentados à beira da estrada da vida, quantos cegos espirituais aguardam a passagem do Mestre para curá-los da cegueira espiritual, em que vivem O Espiritismo é o moderno enviado a percorrer os caminhos da terra, abrindo os olhos das almas para contemplarem os resplendores da imortalidade.

Parábolas e Ensinos de Jesus – Cairbar Schutel

O Cego de Siloé

“Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para que este nascesse cego, ele ou seus pais? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus nele sejam manifestas. É necessário que façamos as obras do que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. Estando eu no mundo, sou a luz do mundo. Tendo assim falado e fazendo lodo com saliva, aplicou-o nos olhos do cego, dizendo: Vai lavar-te no tanque de Siloé (que quer dizer. Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou com vista. Então os vizinhos e os que dantes o conheciam de vista, como mendigo, perguntavam: Não é este o que se assentava para mendigar? É ele mesmo, respondiam uns; não é, mas é parecido com ele, diziam outros. Porém ele dizia: Sou eu mesmo. Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos? Respondeu ele: Aquele homem chamado Jesus fez lodo, ungiu-me os olhos e disse: Vai a Siloé e lava-te: então fui, lavei-me e fiquei vendo. E eles perguntaram: Onde está ele? Respondeu: não sei”.

“Levaram aos fariseus o que fora cego. Ora; era sábado o dia em que Jesus fez lodo e lhe abriu os olhos. Então os fariseus por sua vez perguntaram-lhe como recebera a vista ele respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e agora vejo. Pelo que alguns dos fariseus diziam: como pode um homem pecador fazer tais milagres? E havia dissensão entre eles. Tornaram a perguntar ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? É profeta, respondeu ele. Mas os judeus não acreditaram que ele tivesse sido cego e tivesse recebido a vista, enquanto não chamaram os pais dele e os interrogaram: E este vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora? Responderam seus pais: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego; mas como agora vê, não sabemos, ou quem lhe abriu os olhos, nós não sabemos; interrogai-o, já tem idade; ele mesmo falará por si. Isto disseram seus pais porque tinham medo dos judeus; porquanto estes já tinham combinado que se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga. Por isso disseram seus pais: Ele já tem idade, interrogai-o. Então chamaram pela segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram: Dá glória a Deus: nós sabemos que este homem é pecador. Ele respondeu: Se é pecador não sei, uma coisa sei: Eu estava cego e agora vejo. Perguntaram-lhe, pois: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? Ele lhes respondeu: Já vô-lo disse e não ouvistes: por que quereis ouvir outra vez? Porventura quereis também vós tornar-vos seus discípulos? E injuriaram-no e disseram: Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés mas este não sabemos donde ele é. Respondeu-lhes o homem: É maravilhoso que não saibais donde ele é, e contudo ele me abriu os olhos. Sabemos que Deus não ouve a pecadores, mas se alguém temer a Deus e fizer a: sua vontade, a este ele ouve. Desde que há mundo nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia fazer. Eles lhe replicaram: Tu nasceste todo em pecados e nos estás ensinando? E lançaram-no fora.”

“Soube Jesus que o haviam lançado fora e encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem? Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele? respondeu o homem.

“Disse-lhe Jesus: Já o viste e é ele quem fala contigo. E ele disse: creio Senhor; e o adorou. Jesus prosseguiu: Eu vim a este mundo para um juízo, afim de que os que não vêem, vejam; e os que vêem, se tornem cegos. Ouvindo isto alguns dos fariseus que estavam com ele, perguntaram-lhe: Porventura somos nós também cegos? Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas agora dizeis: Nós vemos; fica subsistindo o vosso pecado.”

(João, IX, 1-41)

A vida de Jesus é uma lição extraordinária. Fonte de ensinamentos inesgotáveis que jorra para a Vida Eterna, só por ela seremos capazes de nos fortalecer para o cumprimento dos desígnios divinos.

Todos os mestres da Terra têm errado e continuam a errar, só Jesus falou a Eterna Verdade, que irá sendo assimilada à proporção que crescermos no seu conhecimento e à medida que as graças de Deus abundarem em nós.

Jesus passava e viu um homem que era cego de nascença, e logo que viu o cego conheceu tudo. Pela natureza da cegueira conheceu não só que o cego era de nascença, mas também que seus pais não haviam pecado para que o cego assim nascesse, isto é, que a “mazela” não era hereditária.

Conheceu mais o médico excelente que; a cegueira desse homem não provinha de pecado que ele houvesse cometido; mas, antes, que aquela enfermidade longe de ser um castigo, era uma graça de Deus, para que suas obras fossem manifestas.

Três coisas podemos supor deste trecho que acabamos de ler:

1^o – Que a cegueira de nascença é produzida por pecados dos pais.

2^o – Que a cegueira de nascença é produzida por pecados do próprio cego.

3^o – Que a cegueira de nascença é graça de Deus para que suas obras sejam manifestas.

Vamos analisar estas três proposições em ligeiros detalhes.

A cegueira de nascença é produzida Por pecados dos pais?”

Dura coisa é ir contra os ensinamentos sagrados, ou sofismar com o sentido das Escrituras.

Como poderemos afirmar, de um lado, que “os filhos não pagam pelos pecados dos pais”, e, de outro, dizer que “a cegueira de nascença é produzida por pecados dos pais?”

Não será, porventura, uma injustiça e uma blasfêmia afirmar-se que, se os pais roubaram, injuriaram, mataram, perseguiram, os filhos venham a sofrer as consequências destes desatinos, destes pecados, destes males praticados por seus progenitores?

Se Jesus disse aos seus discípulos que cada um é responsável por suas obras, como posso eu responder pelos pecados de meus pais?

Jesus nunca faltou com a verdade; sua palavra é de vida e de luz; nele não há trevas; como afirmar que a “cegueira pode ter como causa os pecados dos pais?”

Está escrito no trecho do Evangelho, que acima transcrevemos, que, havendo os apóstolos perguntado ao Mestre: “Quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais?”, Jesus respondeu: “Nem ele pecou nem seus pais.”

Pela pergunta dos apóstolos compreendemos que eles acreditavam ser a cegueira de nascimento ocasionada, ou por pecados dos pais, ou por pecado do próprio Espírito.

E pela resposta que Jesus lhes deu, também podemos compreender que essa crença não era destituída de fundamento, porque, se fosse, Jesus, que lhes estava ensinando, que era o Mestre de todos eles, lhes diria: “Errais, no vosso pensamento, porque o pecado dos pais não pode cegar os filhos, assim como ninguém pode pecar antes de nascer.”

Mas Jesus não lhes disse isto; deixou que alimentassem a sua crença, o seu modo de pensar, e se limitou a afirmar, *quanto àquele cego*, que: “nem ele pecara, nem seus pais, mas se havia produzido aquela cegueira para que as obras de Deus fossem manifestas”.

De fato, de acordo com os ensinamentos do Cristo, iluminados pelo Espiritismo, os filhos não podem pagar pelos pecados dos pais, mas os pecados dos pais podem chegar ao auge de cegar os filhos.

Eis aqui a interpretação da crença dos apóstolos que Jesus não quis destruir: Se os pais furtam, os filhos não são responsáveis pelo furto; se eles matam, os filhos não são responsáveis pela morte; se eles mentem, caluniam, difamam, os filhos não têm de responder pela mentira, pela calúnia, pela difamação; mas se os pais educam os filhos nessas paixões, nesses vícios, esses defeitos dos pais se refletem nos filhos e os filhos pagam as consequências funestas dessa má educação; pela mesma forma, os pais têm de prestar severas contas a Deus pelas faltas que seus filhos praticarem, visto serem elas causadas pela educação que receberam no lar.

De modo que, quer falando moralmente, quer falando espiritualmente, os pais são condenados pelas faltas dos filhos, e os filhos são condenados pelas faltas dos pais.

Conta-se a história de uma mulher que nunca soube dar educação ao filho e que, tornando-se este ladrão e, assassino, fora condenado à forca. Solicitado, como era de uso noutros tempos, a fazer o seu último pedido, disse ter desejo de beijar sua mãe antes de morrer. Foi-lhe dada permissão e

para tal fim fizeram a velha subir as escadas da forca, onde se achava o filho prestes a ser executado. Ele abraçou a mãe, e, chegando o seu rosto ao dela, com os dentes arrancou-lhe um pedaço de carne da face, e disse: “Tu és culpada do meu suplício; ele é o resultado da educação que me deste”.

Eis aí um fato que resume milhares de outros fatos: que se verificam no mundo: *de filhos sofrerem o pecado dos pais e pais sofrerem o pecado dos filhos.*

Assim como acontece no plano moral, também acontece no plano espiritual.

Haverá mal que mais tenha feito sofrer os filhos do que a “religião” chamada “dos nossos pais?”

Não é este o maior dos pecados dos pais pelo qual pagam os filhos?

O que acontece aos filhos .de católicos e de protestantes que herdaram, como se a religião fosse dinheiro, casa ou fazenda, a “religião de seus pais”?

Nós, que temos tido a felicidade de estar em relação com o mundo espiritual e de conversar com os “mortos”, sabemos bem de perto quão grandes são os sofrimentos dos que carregam para o Além-Túmulo essa herança sem valor. Embora os comunicantes não deixem de ser Espíritos de certa categoria, passam muito tempo em grande perturbação; caminham de um lado para outro sem encontrar o Céu, o Inferno e o Purgatório, que haviam recebido por “herança” de seus pais; e começam a verificar que os sacramentos que receberam nenhum benefício lhes fez, e até despertarem desse terrível pesadelo, bebem o fel que lhes foi dado, em vez da água pura da Revelação Espiritual! E a dor por que passam também os pais, perturbados, ao verem assim alucinados seus filhos, a ponto de não os conhecerem, nem quererem ouvi-los, para se iniciarem na Vida Espiritual!

Mesmo excluindo esse quadro muito comum, que se desenrola no outro plano da Vida, não será um sofrimento atroz para um pai, pensar que seu filho foi para o Inferno Eterno, que lhe ensinaram existir do outro lado do túmulo! Ou então o filho que vê morrer seu pai ou sua mãe, julgar esses entes queridos condenados para sempre ao Reino de Plutão?

Eis como o pai paga pelo filho, e o filho pelo pai.

Quando Jesus disse que: “quem amasse mais a seu pai, a sua mãe, a seus irmãos, a seus amigos, do que a Ele não seria digno dEle”, quis afirmar que o pecado de crenças falsas e preconceitos dos pais é tão venenoso, tão prejudicial, que chega a contaminar os filhos, obscurecendo-lhes a visão da Vida Espiritual.

Donde vêm as guerras, o ódio, o egoísmo, as dissensões? Não será das más crenças dos pais refletindo-se nos filhos?

Diz a sentença popular: “tal pai, tal filho”, fazendo alusão a essa herança prejudicial que impede o progresso da família e da sociedade.

Encontrando Jesus o “cego de nascença”, viu logo que a cegueira era de nascimento e não provinha do pecado dos pais, por isso deliberou curar o cego.

Se a cegueira desse cego viesse do pecado dos pais, é bem possível que o Mestre não se arrojasse a fazer tão dificultosa cura.

De quantos cegos espirituais está cheio o mundo, sem que o próprio Jesus atualmente os possa curar!

E isso por que? Porque a cegueira é proveniente do pecado dos pais; a “religião enganosa” dos pais fez belidas nos olhos dos filhos, e como a vista é coisa melindrosa, eles não permitem que se lhes tire a catarata.

A cegueira pode ter por causa o pecado do próprio cego.

Como analisar esta hipótese sem admitir a Lei da Reencarnação?

Como pode Deus criar uma alma pecadora, e por ser pecadora condená-la à cegueira?

Admitindo uma única existência terrestre para cada indivíduo, não se explica porque uns nascem cegos, outros surdos, outros aleijados, outros idiotas, outros estúpidos; *ao passo* que outros são sadios e inteligentes!

As religiões dominantes não explicam essas anormalidades.

Encarando-se a questão em face da Filosofia Espírita, aquilo que parecia hipótese, o viver muitas vezes na Terra, torna-se realidade. Chega-se à conclusão de que o Espírito já existia antes do nascimento do corpo, e continua a existir depois da morte desse mesmo corpo, e por uma série de vidas sucessivas se vai aperfeiçoando, passando por provas necessárias ao seu progresso e adquirindo conhecimentos indispensáveis à sua evolução.

O que é deformado fez mau uso dos seus membros; o aleijão é o resultado do mau emprego dos órgãos que o Espírito fez quando encarnado de outra vez na Terra.

A língua foi dada ao homem para falar bem; se ela falar mal, estará desviando o seu itinerário e paralizar-se-à. um dia, como a locomotiva fora dos seus trilhos.

Os olhos são duas luminárias para guiar o corpo, como diz o Evangelho — se eles não desempenham esse mister, se escurecem.

É a isto que se chama “cegueira produzida pelo próprio cego.”

Entretanto este pecado é mais fácil de extinguir-se do que o outro, esta cegueira é mais fácil de ser curada do que a outra que resulta do pecado dos pais, porque quando foi o próprio cego que pecou, o pecador é um só, e quando foram os pais que pecaram, os pecadores são três: o pai, a mãe e o filho; o pai porque ensinou, a mãe porque confirmou, o filho porque aceitou e referendou o pecado, passando-o à sua descendência.

De cegos por pecados próprios, diz o Evangelho haver Jesus curado muitos durante a sua peregrinação na Terra. Além daqueles a quem abriu os olhos diante dos mensageiros de João Batista e em outras ocasiões narradas pelos Evangelistas, refere Mateus que, logo após a ressurreição da filha de Jairo, curou a dois que O seguiam e clamavam: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”.

Quando Jesus passava na Estrada de Jericó, outros dois clamavam: “Filho de Davi, tem misericórdia de nós.” E o Divino Mestre fê-los recuperar a vista.

Passemos à terceira hipótese:

A cegueira de nascença é graça de Deus para que suas obras sejam manifestas

Todas essas doenças incuráveis que Jesus curou, durante a sua passagem por este mundo, são graças de Deus; e os doentes, longe de serem pecadores ou sofrerem a consequência do pecado de seus pais, eram Espíritos missionários, Enviados para que neles as obras de Deus fossem manifestas. Foi isto que Jesus quis dar a entender, quando curou o “cego de nascença”, e disse, em primeiro lugar, “que nem ele nem seus pais pecaram, mas deu-se isso para que as obras de Deus fossem manifestas”; e em segundo lugar, quando mandou o “cego” lavar-se na *piscina de Siloé*.

Siloé quer dizer Enviado, e mandando Jesus lavar-se o cego naquela piscina, quis mostrar a seus discípulos e aos mais, que assistiria à cura, que aquele “cego” era “Enviado”. Enviado para que as obras de Deus fossem manifestas publicamente por seu intermédio.

Passemos agora ao cego propriamente dito.

Exame feito no cego

Jesus passou, viu um homem cego, viu que a causa da cegueira não era pecado próprio do cego, nem de seus pais.

Viu mais, que a cegueira, em vez de ser treva, era luz, e deliberou curar o homem, porque, curando-o, as obras de Deus seriam manifestas.

Havia muitos anos vivia o homem que era cego, e vivia andando pelas ruas porque era mendigo esmolava.

Todos os dias os fariseus encontravam esse homem e nunca se deram ao incômodo de examiná-lo, nem de tentar curá-lo. Foi preciso que os vizinhos do cego o levassem à sinagoga, à igreja para ser examinado pelos sacerdotes do farisaísmo que, apesar de todos os testemunhos de cegueira, não quiseram crer que o homem tivesse sido cego de nascença!

Inquiriram as testemunhas, mas não creram nas testemunhas; inquiriram os pais do cego, e não acreditaram nos pais do cego; inquiriram o cego e não acreditaram no cego; finalmente, por causa de todas as informações e afirmações o cego foi expulso da igreja!

Sabendo Jesus disso, deliberou, dar uma lição aos fariseus, pois era mister fazer a obra de Deus resplandecer ainda com mais intensidade.

Chamou, então, o que fora cego e lhe perguntou: “Crês tu no Filho de Deus?” “Quem é ele, Senhor?”, perguntou o cego. “Sou eu que falo contigo”, respondeu Jesus. O homem que fora cego tornou: “Creio Senhor”, e o adorou. Jesus então disse: abertamente: *Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem vejam; e os que vêem se tornem cegos.*

Esta sentença mostra a justiça dos desígnios de Deus e a sua admirável sabedoria.

O cego que era pobre, que mendigava, despido de sabedoria, de aparatos, fora da igreja, foi curado, viu Jesus, afirmou sua crença no Filho de Deus e o adorou.

Os fariseus, que não eram cegos, que não eram pobres, que não mendigavam, que eram cheios de sabedoria terrena, que eram sacerdotes e estavam dentro das igrejas, viram Jesus, mas não creram em Jesus, não o receberam e até o perseguiram e crucificaram!

Que triste contraste entre os fariseus e o cego!

E por que é assim? Porque o cego se fez cego por amor à glória de Deus, para que a glória de Deus fosse manifesta; ao passo que os fariseus se fizeram videntes. por ódio à glória de Deus, para que a glória de Deus não fosse manifesta.

O que não via começou a ver, e os que pensavam ver se tornaram cegos! Cegos, completamente cegos; cegos da pior casta de cegueira: a cegueira espiritual, moléstia que permanece na Vida Eterna!

Tão cegos eram os fariseus, e tanto mais cegos se tornaram, que chegaram ao auge de não mais se conhecer e de nem mesmo saber que eram cegos! Tal foi a confusão com que se achavam que perguntaram a Jesus: “Porventura somos nós também cegos?”

E Jesus respondeu-lhes, fazendo alusão ao cego de nascença a que havia curado, porque não tinha pecado e por ser necessária a manifestação das obras de Deus: “Se fosseis cegos não teríeis pecado algum, mas o vosso pecado fica subsistindo, porque vós dizeis: *Nós vemos.*”

Mas, que viam os fariseus?

Viam o mundo, viam as ruas, viam as casas, viam as coisas da Terra, viam o dinheiro!¹⁵

Mas, será isto, verdadeiramente, *ver*? Se assim é, qualquer asno também vê. O asno também vê as ruas, as casas, os carros.

Os fariseus viam como vêem os asnos, mas não viam como vêem aqueles que querem ver manifestas as obras de Deus. Na verdade, eles *não* viam Jesus, não viam a cura do cego, *não* viam o cego, *não* viam as obras de Deus que foram manifestas a todos! Entretanto, o cego fora curado diante deles, Jesus estava à sua frente, e as obras de Deus foram manifestas ante os seus olhos!

As graças de Deus são luzes que nos iluminam o caminho da Vida, que nos mostram as obras divinas, desvendando-nos o reino da felicidade imortal.

Quem ama a Deus e procura cercar-se de suas obras, se é cego, fica vendo; se é surdo, ouve; se é mudo, fala; porque as obras de Deus vivificam os nossos sentidos para nos extasiar com as suas maravilhas.

¹⁵ Viam a Lei, e diz Paulo: “É evidente que pela Lei ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá da fé.” (Gál., IV, 11.)

Recordações da Mediunidade – Yvonne Pereira

Faculdade Nativa

(Página 24)

Tendo vindo ao mundo na noite de Natal, 24 de Dezembro, a 23 de Janeiro, durante um súbito acesso de tosse, em que sobreveio sufocação, fiquei como morta. Tudo indica que, em existência pretérita, eu morrera afogada por suicídio, e aquela sufocação, no primeiro mês do meu nascimento, nada mais seria que um dos muitos complexos que acompanham o Espírito do suicida, mesmo quando reencarnado, reminiscências mentais e vibratórias que o traumatizam por períodos longos, comumente.

Durante seis horas consecutivas permaneci com rigidez cadavérica, o corpo arroxeadado, a fisionomia abatida e macilenta do cadáver, os olhos aprofundados, o nariz afilado, a boca cerrada e o queixo endurecido, enregelada, sem respiração e sem pulso. O único médico da localidade — pequena cidade do Sul do Estado do Rio de Janeiro, hoje denominada Rio das Flores, mas então chamada Santa Teresa de Valença —, o único médico e o farmacêutico, examinando-me, constataram a morte súbita por sufocação, à falta de outra “causa mortis” mais lógica. A certidão de óbito foi, portanto, legalmente passada. Minha avó e minhas tias trataram de me amortilhar para o sepultamento, à tarde, pois o “óbito” ocorrera pela manhã, bem cedo. Eu era recém-chegada na família e, por isso, ao que parece, «minha morte» não abalava o sentimento de ninguém, pois, havendo ao todo vinte e oito pessoas na residência rural de minha avó materna, onde nasci, porquanto a família se havia reunido para as comemorações do Natal e do Ano-Novo, ninguém demonstrava pesar pelo acontecimento, muito ao contrário do que se passara na residência do fariseu Jairo, há quase dois mil anos...

Vestiram-me então de branco e azul, como o «Menino Jesus», com rendinhas prateadas na túnica de cetim, faixas e estrelinhas, e me engrinaldaram a fronte com uma coroa de rosinhas brancas. Chovia torrencialmente e esfriara o tempo, numa localidade própria para o veraneio, como é a minha cidade natal. A eça mortuária, uma mesinha com toalhas rendadas, com as velas e o crucifixo tradicional, encontrava-se à minha espera, solenemente preparada na sala de visitas.

Nem minha mãe chorava. Mas esta não chorava porque não acreditava na minha morte.

Opunha-se terminantemente que me expusessem na sala e encomendassem o caixão mortuário. A fim de não excitá-la, deixaram-me no berço mesmo, mas encomendaram o caixãozinho, todo branco, bordado de estrelinhas e franjas douradas... Minha mãe, então, quando havia já seis horas que eu me encontrava naquele estado insólito, conservando-se ainda católica romana, por aquele tempo, e vendo que se aproximava a hora do enterro, retirou-se para um aposento solitário da casa, fechou-se nele, acompanhou-se de um quadro com estampa representando Maria, Mãe de Jesus, e, com uma vela acesa, prostrou-se de joelhos ali, sozinha, e fez a invocação seguinte, concentrando-se em preces durante uma hora:

— “Maria Santíssima, Santa Mãe de Jesus e nossa Mãe, vós, que também fostes mãe e passastes pelas aflições de ver padecer e morrer o vosso Filho sob os pecados dos homens, ouvi o apelo da minha angústia e atendei-o, Senhora, pelo amor do vosso Filho: Se minha filha estiver realmente morta, podereis levá-la de retorno a Deus, porque eu me resignarei à inevitável lei da morte. Mas se, como creio, ela estiver viva, apenas sofrendo um distúrbio cuja causa ignoramos, rogo a vossa intervenção junto a Deus Pai para que ela torne a si, a fim de que não seja sepultada viva. E como prova do meu reconhecimento por essa caridade que me fareis eu vo-la entregarei para sempre. Renunciarei aos meus direitos sobre ela a partir deste momento! Ela é vossa! Eu vo-la entrego! E seja qual for o destino que a esperar, uma vez retorne à vida, estarei serena e confiante, porque será previsto pela vossa proteção.”

Muitas vezes, durante a minha infância, minha mãe narrava-me esse episódio da nossa vida por entre sorrisos de satisfação, repetindo cem vezes a prece que aí fica, por ela inventada no momento, acrescentando-a do Pai-Nosso e da Ave-Maria, e, igualmente entre sorrisos, era que eu a ouvia dizer, tornando-me então muito eufórica por isso mesmo:

— Eu nada mais tenho com você... Você pertence a Maria, Mãe de Jesus...

Entrementes, ao se retirar do aposento, onde se dera a comunhão com o Alto, minha mãe abeirou-se do meu insignificante fardo carnal, que continuava imerso em catalepsia, e tocou-o carinhosamente com as mãos, repetidas vezes, como se transmitisse energias novas através de um passe. Então, um grito estridente, como de susto, de angústia, acompanhado de choro inconsolável de criança, surpreendeu as pessoas presentes. Minha mãe, provável veículo dos favores caritativos de Maria de Nazaré, levantou-me do berço e despiu-me a mortalha, verificando que a grinalda de rosinhas me ferira a cabeça.

As velas que deveriam alumiar o meu cadáver foram retiradas e apagadas, a ęa foi destituída das solenes toalhas rendadas, o crucifixo retornou ao oratório de minha avó e a casa funerária recebera de volta um caixão de «anjinho», porque eu revivera para os testemunhos que, de direito, fossem por mim provados, como espírito revel que fora no passado... e revivera sob o doce influxo maternal de Maria, Mãe de Jesus.

Os Arquivos da Alma

(Página 71)

Mas não cessaram ai os acontecimentos do plano espiritual a meu respeito, durante aqueles dois meses de agonia do presente. Vi-me também assistida por médicos espirituais como se eles nada mais fossem do que médicos do plano terreno. Ingeria remédios, em espírito, e fui submetida a uma operação em meu corpo astral, ou perispírito, pois este era, realmente, o que enfermara. Eu me via na inteira dependência daqueles médicos, e, como doente grave, não reagia a coisa alguma nem opinava, inteiramente entregue à ação protetora daqueles beneméritos amigos. Mas para ingerir os remédios passava-se o seguinte:

Os tutores espirituais ou, mais acertadamente, os enfermeiros do plano astral traziam-me para junto do leito onde permanecia meu corpo carnal inerte. O perispírito, pois, aproximava-se do corpo sem, contudo, despertá-lo, nem mesmo tocá-lo. Ministravam o remédio ao perispírito, a fim de que suas essências interferissem no envoltório físico. Eu tudo via, a tudo assistia, em espírito, inclusive o corpo semimorto e o aposento em que este se encontrava, aposento que então se me afigurava feericamente iluminado por luz cujo fulgor é intraduzível, quando a verdade era que o mesmo era conservado em penumbra; compreendia o que se passava e até sentia o paladar do medicamento, com a sensação de tudo no próprio aparelho carnal, pois sentia a extraordinária afinidade, ou correlação, do perispírito com o corpo, fato impressionante, que faz crer numa comunicação eletromagnética intensíssima entre ambos. Tal fenômeno, como vemos, era idêntico ao que se passa com o recém-desencarnado, divergindo apenas no sentido inverso, ou seja, aqui, o que se passava com o perispírito era que se refletia no corpo carnal, enquanto que com o recém-desencarnado se dá o contrário: o que se passa com o corpo, embora cadáver, é que se reflete no perispírito, nos casos em que sejam muito acentuadas as ligações eletromagnéticas ainda existentes, por não ter havido ainda o desligamento total com a extinção do fluido vital. Tratava-se, porém, o remédio ingerido, de um líquido pesado e oleoso, lembrando a nossa glicerina, muito doce e incolor, e, ao ingeri-lo, apresentado numa colher, pelo dedicado assistente espiritual, eu sentia nos lábios o contacto frio da prata da colher, ou seja, tanto nos lábios do perispírito como nos do corpo carnal. A sensação era instantânea em ambos, sensação que me parece de origem mental, pois eu mesma criaria a frialdade da colher, mentalmente, recordando sensações de fatos terrenos análogos ocorridos comigo mesma. Por sua vez, a colher era como qualquer colher de prata de baixelas antigas: cabo artístico, bojo muito côncavo, de grossos rebordos. E o frasco do remédio, igualmente artístico, esguio, tipo aristocrata de garrafa em cristal lavrado. Tudo quanto me há sido possível observar nos planos normais do mundo espiritual possui um cunho de distinção e beleza intraduzível, ordem, disciplina, observância dos bons costumes, refinada educação. O médico apresentava-se com o clássico avental de serviço, ancião de barbas brancas e cabeleira farta, branca também. Mas não se tratava de Bezerra de Menezes e sim daquele “Dr. Carlos de Canalejas”, que vemos em “Memórias de um Suicida”, um dos meus amigos e protetores espirituais.

No dia da operação realizada em meu perispírito (foi à noite, pela madrugada, ocasião em que o ambiente terreno apresenta menores dificuldades para a ação dos trabalhadores espirituais), aquela mesma entidade espiritual mostrou-me certo detalhe do mesmo, à altura do coração, e disse, podendo eu, dessa vez, reter as palavras:

— Vê! São fibras luminosas, impressionáveis e delicadas ao inconcebível pelo teu pensamento... e por isso algumas foram rompidas pela intensidade da dor moral que te atingiu... advindo, então, o estado de depressão nervosa, incompatível com o sistema de vibrações necessárias à existência. Em tais condições o perispírito não suportará o contacto carnal...

Em seguida mostrou-me as tais fibras, e então tive possibilidade de ver a mim mesma, à altura do coração, como num espelho mágico e muito eficiente. Com efeito, muito luminosas, como se fossem raios de Sol concretizados, as fibras dir-se-iam também tenuíssimos fios elétricos que se tivessem partido (as partidas encolhiam-se, tais como fios elétricos arrebitados). Eram apenas três assim danificadas, e despendiam chispas ainda mais luminosas, exatamente como fagulhas de força elétrica de um cabo que se arrebitasse. Será o nosso perispírito então um composto de fibras de luz? O que sei, consoante a Doutrina Espírita, é que ele, o perispírito, se compõe de certa modificação do fluido cósmico universal (quinta-essência da matéria), do fluido elétrico e do fluido magnético, e sabe-se que todos três têm a mesma origem e são luminosos. No corpo carnal, justamente à altura do coração, era que eu me queixava de dores intensas e nem mesmo podia suportá-las, o que me fez cair naquele estado comatoso. No perispírito, era nesse mesmo local que eu via as fibras partidas. O médico terreno examinava o corpo material diariamente, e não encontrava afecção alguma. O médico espiritual, porém, tratava carinhosamente o corpo espiritual, medicando-o e operando-o, provavelmente religando os fios que eu vira partidos, ou as ditas fibras luminosas, com os processos do mundo astral, pois, em verdade, não assisti ao trabalho, apenas me foi concedido o ensejo de ver o dano existente em meu ser perispirítico.

Entrementes ouvia, como através de um sonho, que o médico em apreço acrescentava, enquanto agia, no serviço da operação, não sabendo eu se ele assim dizia desejando ser por mim ouvido para que eu mais tarde transmitisse a lição ou se realmente ministrava alguma instrução acadêmica a assistentes seus, talvez Espíritos em aprendizado no mundo astral, talvez até mesmo espíritos de médicos encarnados, que durante o sono do corpo alçassem ao Invisível a fim de colherem novos cursos para a sua clínica humana. Dizia a eminente entidade, respondendo a uma daquelas personagens, que indagara:

— São, verdadeiramente, órgãos? — pois se referiam ao conjunto do perispírito.

— Órgãos, propriamente, como os do corpo físico humano não são nem poderiam ser. Não possuindo vocábulos para nos fazermos compreender melhor, convenhamos em chamá-lhes órgãos. São, porém, a forma semimaterial ideal dos mesmos órgãos humanos, como que baterias, acumuladores de vida intensa, poderosas e sensíveis ao mais alto grau que podereis compreender, formas-sede de energias vibratórias incalculavelmente ricas. Essa vida, aí existente, é constituída pelas várias modificações do magnetismo ultra-sensível e da eletricidade, cujos poderes totais o homem ainda não pôde abranger, ao passo que o conjunto é protegido pela camada vibratória da matéria mais rarefeita existente no planeta, a qual tudo reveste, modelando a figura humana ideal. Cada uma de tais baterias, ou órgãos, armazena uma força eletromagnética de grau ou sensibilidade diferente, ativando as funções do corpo humano: umas dão vida e energia ao cérebro, pólo de maior importância em ambos os aparelhos, perispírito e físico terreno; outras ao coração, mais outras à circulação do sangue, outras mais às funções gástricas, hepáticas, genitais, etc., etc., enquanto que tudo será como que observado, dirigido ou fiscalizado pelo sistema nervoso, cuja sede, como sabeis, é este mesmo corpo. E assim sendo, as mesmas «baterias» trarão como que o desenho dos órgãos que deverão acionar no corpo humano...¹⁶

¹⁶ O leitor se admirará de que me fosse possível reter essa lição e descrevê-la vinte anos depois de tê-la ouvido. Mas temos de nos lembrar de que aquilo que se grava em nossa memória, durante os chamados “semitranses”, se torna inesquecível para o estado de vigília, decalca-se em formas indeléveis e, quando necessário, estas se levantam dos arquivos em que estão contidas, pelos canais da intuição. Assistido o médium, ao demais, pelos mentores espirituais, durante o exercido mediúnico torna-se-lhe tão mais fácil a reprodução do que foi ouvido e visto muitos anos antes.

Tudo isso retive na lembrança, sonolentemente, enquanto me operavam, tendo eu a impressão de que, realmente, a ocasião fora aproveitada para uma aula, pois, como sabemos, o tempo nunca é perdido, no mundo espiritual, com uma só individualidade, tudo sendo motivo para esclarecimento e instrução à coletividade.

Auxiliavam o médico duas outras entidades desconhecidas para mim, ao passo que eu, em espírito, durante a operação, permanecia deitada sobre uma mesa em tudo idêntica às mesas de operação dos modernos hospitais, acima do corpo carnal inerte, o que quer dizer que o serviço era realizado no próprio aposento onde o corpo físico jazia inanimado.

Depois desse estranho acontecimento entrei em convalescença. Não obstante, ainda hoje tanto a fadiga física como o sofrimento moral fazem reaparecer as dores então sentidas e eu adoço, sem, contudo, se constatar qualquer enfermidade do aparelho carnal.

O Complexo Obsessão

(Página 193)

— Um jovem de doze anos de idade, único filho varão de modesto sitiante dos arredores da cidade (Lavras), cujo nome era José Teodoro Vieira¹⁷, fora atacado de uma espécie de paralisia infantil desde os seus dois anos de idade, paralisia que lhe deformara terrivelmente as pernas, tornando-as tortas, unidas pelos joelhos; os braços eram arcados e retesados, e até a fisionomia se apresentava abobalhada e como que intumescida por um esforço ignoto. Era, além de tudo, também mudo.

Ao penetrar a sede do Centro, acompanhado pelo pai, os dois videntes então presentes e também eu mesma, também presente, fomos concordes em perceber uma forma escura e compacta cavalgando o rapaz, como se ele nada mais fosse que uma alimária de sela, visto que até as rédeas e o freio na boca existiam estruturados na mesma sombra escura. O enfermo, com efeito, mantinha o dorso curvado, como se submetendo ao jugo do seu cavaleiro, chorava de dores musculares, de dores lombares, de ouvido e de garganta, e tudo indicava que uma espécie de reumatismo incurável, uma paralisia parcial, originária da sífilis, o infelicitaria para sempre, pois os médicos consultados já haviam esgotado os seus recursos científicos para o curarem; o pobre pai dispendera o máximo das suas posses para o tratamento, mas o mal permanecia desafiando o tempo e as tentativas de cada um. Tratava-se, como vemos, de obsessão típica daquelas citadas nos Evangelhos de Jesus, as quais tinham até mesmo o poder de tomar surdo e mudo o paciente, e que Jesus e seus apóstolos com tanta facilidade curavam com a aposição das mãos. No decurso de dez anos de domínio, essa terrível obsessão afetara músculos e nervos, glândulas e sistema nervoso do passivo, o que desorientara os próprios médicos, que, tratando do enfermo com os métodos ditos científicos e indicados para o caso, não logravam sequer alívio para ele.

Eu era então o médium responsável pelo intercâmbio espiritual no “Posto Mediúnico” da “Assistência aos Necessitados” do Centro acima referido, verdadeiro templo de amor e ciência transcendente que era aquela organização. Já por essa época o Espírito Dr. Bezerra de Menezes me honrava com sua assistência para todos os trabalhos mediúnicos empreendidos, e fiz imediatamente a consulta necessária, obtendo o simples esclarecimento que se segue:

— “Façam o pedido para o enfermo nas vossas sessões comuns. Que ele se submeta a um tratamento de passes diários, no próprio Centro, com uma corrente de três ou mais médiuns, e assista às reuniões que puder. O caso é simples...”

Concedeu receita homeopata, que foi religiosamente observada, com os medicamentos fornecidos pela própria «Assistência aos Necessitados», gratuitamente.

¹⁷ Os nomes próprios aqui citados serão fictícios ou alterados, para fins literários. Os verdadeiros nomes não deverão ser revelados ao público, porque a lei da Fraternidade, que o Espiritismo acata, o proíbe, a não ser que exista licença especial, das personalidades citadas, para que os seus nomes sejam declarados na íntegra, o que não me foi possível obter para os casos presentes.

Logo na primeira sessão realizada e quando o paciente só havia recebido passes, aplicados conforme a indicação, apresentou-se um antigo escravo africano, do Brasil, revoltado contra a violência que faziam, retirando-o à força do dorso do seu “corcel”:

— “Porque então não posso também castigá-lo, ele já me castigou tanto — dizia. — Ele foi meu Senhor e me subjugou enquanto vivi... Agora é a minha vez de subjugá-lo com o meu chicote e a minha espora... Não era eu o burro de carga que ele chicoteava? Pois agora o burro é ele e a carga sou eu... Chumbo “berganhado” não dói...”

— Mas não vêes que este rapaz conta apenas doze anos de idade, e não podia ter sido teu Senhor, quando a escravatura foi abolida há tantos anos?... — retrucou o presidente da mesa com inteligência, tentando esclarecimentos doutrinários.

— “Ora, ora, ora... — tornou a entidade — eu bem sei o que digo e quem é ele, o meu burro... Ele é Nhonhô Teodoro Vieira, sim, não me engano não... eu nunca o perdi de vista...”

Facilmente esse opressor foi retirado e encaminhado às estâncias do Invisível convenientes ao seu estado, talvez a uma reencarnação imediata, e, prosseguindo o tratamento recomendado, o moço enfermo tornou-se radicalmente curado em trinta dias.

Conversando com o pai do jovem, soube-se que “Nhonhô Teodoro” fora o bisavô do próprio enfermo, e que possuía alguns escravos, pequeno fazendeiro que fora na zona rural da velha cidade. Pela lei da reencarnação, os próprios acontecimentos autorizam a dedução de que o jovem José Teodoro Vieira mais não era do que a reencarnação do próprio bisavô. Colocado agora na quarta geração da própria família, padecia a vingança de um escravo odioso que não fora capaz de perdoar os males recebidos, e, assim, descrendo da justiça de Deus, fazia justiça pelas próprias mãos. Lembro-me ainda da última receita concedida pela entidade Dr. Bezerra de Menezes ao jovem obsidiado: Beladona e China da 5^a dinamização e seis vidros de antigo reconstituente muito usado pela época.

Deslumbrado, o pai do rapaz tornou-se espírita com toda a família, desejoso de se instruir no assunto, enquanto o filho, falando normalmente, explicava, sorridente:

— “Eu sabia falar, sim, mas a voz não saía porque “uma coisa esquisita” apertava minha língua e engasgava a garganta.”

Essa coisa esquisita» seria, certamente, o “freio” forjado com forças maléficas invisíveis...

Curas em André Luiz

Libertação – Precioso entendimento

Certo, acreditando haver transmitido a nós outros os ensinamentos que podíamos receber, a nobre mensageira recomendou a Elói trouxesse Margarida àquele plenário amoroso, deixando perceber que pretendia consolidar-lhe o equilíbrio e fortalecer-lhe a resistência.

Transcorridos alguns minutos, a esposa de Gabriel, que se convertera em objeto de nossas melhores atenções naqueles dias, desligada do envoltório denso, compareceu no cenáculo.

Mostrava passo vacilante e estranho alheamento no olhar, revelando a semi-inconsciência em que se demorava.

Ao que me pareceu, a luz reinante não lhe afetou o olhar.

Caracterizava-se, naquela hora, pelos movimentos impulsivos, caminhando, em nosso meio, qual se fora sonâmbula vulgar.

Maquinalmente se asilou nos braços maternos que Matilde lhe oferecia e, tão depressa se acolheu no regaço da benfeitora que a envolvia em doce ternura, reagiu, favoravelmente, contemplando-nos, então, assustadiça. Parecia acordar, pouco a pouco...

A protetora, interessada em despertar-lhe alguns centros importantes da vida mental começou a aplicar-lhe passes ao longo do cérebro, operações que não pude compreender tão bem quanto desejava. Reparei, contudo, que Matilde lhe aplicava recursos magnéticos sobre os condutores nervosos do órgão de manifestação do pensamento, tanto quanto ao longo de toda a região do simpático, esclarecendo-me o Instrutor, mais tarde, que o estado natural da alma encarnada pode ser comparado, em maior ou menor grau, à hipnose profunda ou à anestesia temporária, a que desce a mente da criatura através de vibrações mais lentas, peculiares aos planos inferiores, para fins de evolução, aprimoramento e redenção, no espaço e no tempo.

Fenômenos de metabolismo, na organização perispiritica, fizeram-se patentes à nossa observação, porque Margarida expelia, através do tórax e das mãos, fluidos cinzento-escuros, em forma de vapor tenuíssimo, a desfazer-se no vasto oceano de oxigênio comum. Logo após semelhante “operação de limpeza”, as zonas do sistema endócrinico emitiam radiações diamantinas, figurando-se uma constelação de caprichosos contornos a brilhar nas sombras do perispírito, até ali opaco e vulgar.

Do peito de Matilde ondas luminosas partiam ininterruptas e tudo nos fazia crer que a tutelada de Gúbio se achava, naquela hora, num banho autêntico de essências divinas.

A certa altura do singular processo de despertamento, a jovem senhora abriu desmedidamente os olhos, qual criança espantada, e fixou-nos com ex-pressão de assombro, ensaiando movimentos de recuo e pavor. Mas, em se voltando para o semblante doce e iluminado da benfeitora, aquietou-se, brandamente, como que magnetizada por indefinível amor.

Matilde osculou-a, enternecida, e, ao contacto daqueles lábios sublimes, Margarida, mostrando-se tocada nos recessos do ser, abraçou-lhe o busto, evidenciando ânsia suprema de integração espiritual.

Sexo e Destino

(Página 168)

Lamentou-se e chorou, longo tempo, enquanto Félix e eu esperávamos que dormisse para enfrentarmos os problemas eventuais.

Marita despejou os dez comprimidos na boca e engoliu-os de um sorvo com água pura. Em seguida, arrimou-se no encosto do passeio de pedra, qual se se dispusesse a meditar... Dos olhos, penderam as lágrimas que ela acreditou fossem as últimas e deixou que a brisa lhe afagasse os cabelos.

Brando torpor anestesiou-a.

Consultamos o horário. Cinquenta e cinco minutos depois da meia-noite.

Félix orou por instantes.

Não pude compreender, de imediato, se por obrigações de vigilância ou se correspondendo aos apelos do instrutor, dois rondantes desencarnados apareceram, ofertando serviço. Félix aceitou, reconhecido, e, enquanto os recém-chegados passaram a velar, ele e eu empreendemos a tarefa restaurativa. Providências para que a jovem não se afastasse, em espírito, do corpo desgovernado, passes reconfortantes nos centros de força, estímulos variados em diversas seções do campo cerebral, insuflações nos vasos sanguíneos. Operações minuciosas e demoradas.

Acupuntura magnética do plano espiritual, em que o orientador patenteava notável mestria.

Quase quatro horas foram despendidas, ao fim das quais, Marita repousava tranqüilamente.

Sexo e Destino

(Página 331)

Mobilizei compreensão e resistência para não sensibilizar-me em demasia, prejudicando, ao invés de auxiliar.

Perplexo, ouvi do enfermeiro o resumo da tragédia em que se envolvera aquele homem, dantes tão bajulado e tão rico.

Cedendo à paixão que lhe empolgava os sentidos e excitado pelos obsessores que o abandonaram tão logo lhe viram o corpo arruinado e inútil, Torres pai se decidira a exterminar Marina e suicidar-se em seguida. Ao praticar o crime, porém, verificou que atropelara Nogueira e não a filha, entrando em desespero e esse desespero lhe cresceu tanto no espírito que o corpo doente não resistira. Sobreviera o derrame. Ele, Amaro, avisado por amigos, fora encontrá-lo semiparalítico e sem fala, no automóvel, parado longe do local em que se desenrolara o delito.

Parecia prestes a desencarnar, mas Félix aparecera de improviso e requisitara o apoio de todos os órgãos espirituais de assistência, situados nas imediações, acumulando fatores de intervenção em favor dele. Orara, suplicando aos Poderes Divinos não lhe permitissem a saída do plano físico sem aproveitar o benefício da enfermidade no veículo carnal, que se desarranjara sem probabilidades de conserto. O diretor do “Almas Irmãs” advogara para ele as vantagens da dor, que reputava santas, e o processo desencarnatório tinha sido imediatamente sustado. Quem era ele, Amaro, para censurar as decisões do irmão Félix — alegava o amigo, confidencioso —; no entanto, indagava a si mesmo se valia continuar um homem ativo e inteligente, qual Nemésio, atado a um corpo desajustado assim... Desde a intercessão de Félix, o velho Torres era aquilo que eu via, um farrapo de gente, largado à cama. A casa fora devassada pelos credores e empregados desonestos haviam fugido carregando copioso fruto de saque. Baixelas, pratarias, cristais, porcelanas, roupas, telas, pequenos tesouros dos ascendentes das famílias Neves e Torres e até mesmo o piano e as jóias de Dona Beatriz jaziam perdidos na voragem. Apenas Olímpia, antiga companheira, vinha até ali duas vezes por dia, a fim de prestar ligeira assistência ao enfermo, que, embora perfeitamente lúcido, não conseguia articular palavra, em vista das alterações nos centros nervosos. E isso tudo — rematava o informante, desencantado — há menos de uma semana...

Nos Domínios da Mediunidade

Serviços e Passes

(Página 168)

Para isso, aproximou-se de idosa matrona que acabava de entrar, à cata de auxílio e, com permissão de Conrado, convidou-nos a examiná-la com cuidado possível.

A senhora, aguardando o concurso de Clara, sustentava-se dificilmente de pé, com o ventre volumoso e o semblante dolorido.

— Observem o fígado!

Utilizamo-nos dos recursos ao nosso alcance passamos a analisar.

Realmente, o órgão mencionado demonstrava a dilatação característica das pessoas que sofrem de insuficiência cardíaca. As células hepáticas pareceram-me vasta colméia, trabalhando sob enorme perturbação. A vesícula congestionada impeliu-me a imediata inspeção do intestino. A bile comprimida atingira os vasos e assaltava o sangue. O colédoco interdito facilitava o diagnóstico. Ligeiro exame da conjuntiva ocular confirmava-me a impressão.

A icterícia mostrava-se insofismável.

Após ouvir-me, Conrado reafirmou:

— Sim, é uma icterícia complicada. Nasceu de terrível acesso de cólera, em que nossa amiga se envolveu no reduto doméstico. Rendendo-se, desarvorada, à irritação, adquiriu renitente hepatite, da qual a icterícia é a conseqüência.

— E como será socorrida?

Conrado, impondo a destra sobre a fronte da médium, comunicou-lhe radiosa corrente de forças e inspirou-a a movimentar as mãos sobre a doente, desde a cabeça até o fígado enfermo.

Notamos que o córtex encefálico se revestiu de substância luminosa que, descendo em fios tenuíssimos, alcançou o campo visceral.

A senhora exibiu inequívoca expressão de alívio, na expressão fisionômica, retirando-se visível-mente satisfeita, depois de prometer que voltaria ao tratamento.

Hilário fixou os olhos interrogadores no Assis-tente que nos acompanhava, solícito, e indagou:

— Nossa irmã estará curada?

— Isso é impossível — acentuou Áulus, paternal —; temos aí órgãos e vasos comprometidos. O tempo não pode ser desprezado na solução.

— E em que bases se articula semelhante pro-cesso de curar?

— O passe é uma transfusão de energias, alterando o campo celular. Vocês sabem que na própria ciência humana de hoje o átomo não é mais o tijolo indivisível da matéria... que, antes dele, encontram-se as linhas de força, aglutinando os princípios subatômicos, e que, antes desses princípios, surge a vida mental determinante... Tudo é espírito no santuário da Natureza. Renovemos o pensamento e tudo se modificará conosco. Na assistência magnética, os recursos espirituais se entrosam entre a emissão e a recepção, ajudando a criatura necessitada para que ela ajude a si mesma. A mente reanimada reergue as vidas microscópicas que a servem, no templo do corpo, edificando valiosas reconstruções. O passe, como reconhecemos, é importante contribuição para quem saiba recebê-lo, com o respeito e a confiança que o valorizam.

— E pode, acaso, ser dispensado a distância?

— Sim, desde que haja sintonia entre aquele que o administra e aquele que o recebe. Nesse caso, diversos companheiros espirituais se ajustam no trabalho do auxílio, favorecendo a realização, e a prece silenciosa será o melhor veículo da força curadora.

O serviço, em torno, prosseguia intenso.

Aulus considerou que a nossa presença talvez sobrecarregasse as preocupações de Conrado, e que não seria lícito permanecer junto dele por mais tempo, já que havíamos recolhido os apontamentos rápidos que nos propúnhamos obter e, à vista disso, despedimo-nos do supervisor, buscando o salão central para a continuidade de nossas abençoadas lições.

Possessão (Página 82)

Necessitará, portanto, curar-se. Depois disso, então...

— Se é assim — objetou meu colega —, não resultará infrutífera a sua freqüência a esta casa?

— De modo algum. Aqui recolherá forças para refazer-se, assim como a planta raquítica encontra estímulo para a sua restauração no adubo que lhe oferecem. Dia a dia, ao contacto de amigos orientados pelo Evangelho, ele e o desafeto incorporarão abençoados valores em matéria de compreensão e serviço, modificando gradativamente o campo de elaboração das forças mentais.

Sobrevirá, então. um aperfeiçoamento de individualidades, a fim de que a fonte mediúnica surja, mais tarde, tão cristalina quanto desejamos. Salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofreadores em foco expressam melhoria e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se vêem, as idéias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais.

Diante da nossa atitude cismarenta, no exame das questões complexas de que nos sentíamos nodeados, o Assistente ponderou:

— Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio.

Voltando, porém, a atenção para o doente adormecido, Áulus continuou:

— Nosso amigo está preso a significativo montante de débitos com o passado e ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem. Por esse motivo, Pedro traz consigo aflitiva mediunidade de provação. É da Lei que ninguém se emancipe sem pagar o que deve. A rigor, por isso, deve ser encarado como enfermo, requisitando carinho e tratamento.

Em seguida, como se quisesse recolher dados informativos para completar a lição, tocou a frente de Pedro, auscultando-a demoradamente.

Decorridos alguns instantes de silêncio, informou:

— A luta vem de muito longe. Não dispomos de tempo para incursões no passado, mas, de imediato, podemos reconhecer o verdugo de hoje como vítima de ontem. Na derradeira metade do século findo, Pedro era um médico que abusava da missão de curar. Uma análise mental particularizada identificá-lo-ia em numerosas aventuras menos dignas. O perseguidor que presentemente lhe domina as energias era-lhe irmão consangüíneo, cuja esposa nosso amigo doente de agora procurou seduzir. Para isso, insinuou-se de formas diversas, além de prejudicar o irmão em todos os seus interesses econômicos e sociais, até incliná-lo à internação num hospício, onde estacionou, por muitos anos, aparvalhado e inútil, à espera da morte. Desencarnando e encontrando-o na posse da mulher, desvairou-se no ódio de que passou a nutrir-se. Mar-telou-lhes, então, a existência e aguardou-o, além-túmulo, onde os três se reuniram em angustioso processo de regeneração. A companheira, menos culpada, foi a primeira a retornar ao mundo, onde mais tarde recebeu o médico delinqüente nos braços maternos, como seu próprio filho, purificando o amor de sua alma. O irmão atraído de outro tempo, todavia, ainda não encontrou forças para modificar-se e continua vampirizando-o, obstinado no ódio a que se rendeu impensadamente.

Respondendo com um olhar amigo à nossa expressão de assombro, acrescentou:

— Penetramos forçosamente no inferno que criamos para os outros, a fim de experimentarmos, por nossa vez, o fogo com que afligimos o próximo. Ninguém ilude a justiça. As reparações podem ser transferidas no tempo, mas são sempre fatais.

Obreiros da Vida Eterna

(Página 259)

De fato, não se demorou mais de um dia. E, ao regressar, cientificou-nos da novidade. A irmã Albina fora autorizada a permanecer na Crosta Planetária por mais tempo, razão por que a desencarnação fora adiada “sine die”. Certa rogativa influíra decisivamente no assunto. Entrara em jogo imperiosa exigência que nossa colônia examinara com a devida consideração. Em vista disso, renovara-se o programa da missão que trazíamos. Ao invés de auxílio para a liberação, a velha educadora receberia forças para se demorar na Crosta. Devíamos procurar-lhe a residência, sem perda de oportunidade, propiciando-lhe ao organismo os possíveis recursos magnéticos ao nosso alcance.

Quis perguntar alguma coisa, inteirar-me das particularidades. Todavia, Jerônimo costumava dizer com proveito tudo o que necessitávamos saber, e não me cabia constrangê-lo a qualquer informação antecipada. Porque se modificara decisão de tamanho relevo? quem possuía, afinal,

tanto poder na oração, para ter influência nas diretivas de nossa colônia espiritual? seria justo o adiamento? por que motivo determinada súplica impunha a renovação do roteiro a seguir?

O Assistente percebeu as indagações que se me entrecrocavam no cérebro e adiantou:

— Não se torture, André. Saberá tudo no momento oportuno.

E, traçando sintética programação de serviço, acrescentou:

— Vamo-nos, Hipólito e Luciana velarão pelos convalescentes.

Em caminho, porém, não resisti. Pedi permissão para ouvi-lo, de maneira sumária, quanto à nova deliberação, e Jerônimo aquiesceu, esclarecendo:

— A medida não deve provocar admiração. Ninguém, senão Deus, detém poderes absolutos.

Todos nós, no desenvolvimento das tarefas conferidas às nossas responsabilidades, experimentaremos limitações nos atributos ou no acréscimo de deveres, segundo os desígnios superiores. O futuro pode ser calculado em linhas gerais, mas não podemos prejudicar quanto ao setor da interferência divina, O Pai efetua a organização universal com independência ilimitada no campo da Sabedoria Infalível. Nós cooperamos com relativa liberdade na obra do mundo, sujeitos a necessária e esclarecedora interdependência, em virtude da imperfeição da nossa individualidade. Deus sabe, enquanto nós nem sequer imaginamos saber.

E, com expressivo gesto de bom humor, prosseguiu:

— Não existe, portanto, novidade propriamente dita. Aliás, é justo considerar que a desencarnação de Albina não é suscetível de ser adiada por muito tempo - O organismo que a serve está gasto e a nova resolução destina-se apenas a remediar difícil situação, de modo a trazer benefícios para muita gente. A prece, em qualquer ocasião, melhora, corrige, eleva e santifica. Mas somente quando estabelece modificação de roteiro, igual à de hoje, é que paira, acima das circunstâncias comuns, o interesse coletivo. Ainda assim, a medida prevalecerá por reduzido tempo, isto é, apenas enquanto perdurar a causa que a motiva.

Recordei uma experiência anterior¹⁸, em que observara certo irmão recebendo alguns dias de acréscimo à existência no corpo, para poder solucionar problemas particulares, e compreendi a alteração havida. De qualquer modo, porém, minha surpresa não era desarrazoada, porque constituíamos comissão de trabalho definido, com atividades traçadas por superiores hierárquicos. No caso a que me reportava, vira amigos de nossa esfera intercedendo junto de outros amigos, em benefício de terceiro. Todavia, na questão em exame, tratava-se de pedido da Crosta, atuando diretamente em nosso núcleo distante.

Conservando, pois, minha curiosidade insatisfeita, acompanhei o Assistente até ao apartamento confortável em que residia a interessada.

Os prognósticos acerca do estado físico da enferma eram desanimadoras. Seu espírito, no entanto, mantinha-se calmo e confiante, a despeito da profunda perturbação orgânica.

Não só o coração e as artérias apresentavam sintomas graves: também o fígado, os rins, o aparelho gastrointestinal. A dispnéia castigava-a, intensamente.

Chegáramos no instante em que gracioso grupo de jovens, catorze ao todo, fazia em derredor da enferma o culto doméstico do Evangelho. Enquanto oravam, antes dos comentários construtivos, de alma voltada para a sublime fonte da fé viva, atiramo-nos ao trabalho, seguidos, de perto, por outros amigos de nosso plano, ligados à missão da nobre educadora.

O ambiente equilibrado pela prece e pelos pensamentos de elevação moral contribuía eficazmente na execução de nossos propósitos.

A zona perigosa do corpo abatido era justamente a que situava o aneurisma, provável portador da libertação — O tumor provocara a degenerescência do músculo cardíaco e ameaçava ruptura imediata. Jerônimo, entretanto, revelou-se, mais uma vez, o médico experimentado e competente de nosso plano de ação. Começou aplicando passes de restauração ao sistema de condução do estímulo, demorando-se, atencioso, sobre os nervos do tónus. Em seguida, forneceu certa quantidade de forças ao pericárdio, bem como às estrias tendinosas, assegurando a resistência do órgão — Logo após, meu orientador magnetizou, longamente, a zona em que se localizava o

¹⁸ Vide cap. 7º de “Missionários da Luz” — Nota do Autor espiritual.

tumor bastante desenvolvido, isolando certos complexos celulares, e esclareceu:

— Poderemos confiar em grande melhora, que persistirá por alguns meses.

Com efeito, finda a complexa operação magnética, observei que o coração doente funcionava com diferente equilíbrio — As válvulas cardíacas passaram a denotar regularidade. Cessou a aflição, o que foi atribuído, e de fato, com razões poderosas, ao efeito da prece.

Albina sentiu-se reconfortada, mais calma. Fitou, comovida, as discípulas que se achavam presentes em afetuosa homenagem a ela, e considerou, satisfeita:

— Como me sinto melhor! motivos fortes possuía o apóstolo Tiago, recomendando a prece aos enfermos!

Ação e Reação

(Página 132)

— E a nossa irmã Laudemira? Recolhemos hoje notícias graves...

— Sim — concordou o interpelado —, tudo faz acreditar que a pobrezinha sofrerá perigosa intervenção. Envolta nos fluídos anestésicos que lhe são desfechados pelos perseguidores, durante o sono, tem a vida uterina sensivelmente prejudicada por extrema apatia. O cirurgião voltará dentro de uma hora e, na hipótese de os recursos aplicados não surtirem efeito, providenciará uma cesariana como remédio aconselhável...

Nosso amigo mostrou funda preocupação a vincar-lhe o semblante habitualmente calmo, e ajuntou:

— Uma operação dessa espécie acarretar-lhe-á grandes prejuízos para o futuro. Consoante o programa organizado, em favor dela, cabe-lhe receber ainda mais três filhos no templo do lar, de modo a utilizar-se do presente estágio humano, com tanta eficiência quanto se torne possível...

O guarda fixou um gesto de respeito e ponderou:

— Creio, então, que não há tempo a perder.

Silas tomou-nos a dianteira e conduziu-nos a pequena enfermaria, onde jovem senhora se lamentava, aflita.

Simpática matrona de nevados cabelos, em cuja ternura percebíamos a presença materna, velava, atenta, acariciando-lhe as mãos inquietas.

Notando a expressão de pavor que os olhos da doente exibiam em pranto, procurei a palavra de Silas, quanto à causa de tão agoniado padecimento.

— Nossa irmã — esclareceu, prestativo — será novamente mãe, em minutos breves. Encontra-se, porém, algemada a provas difíceis. Demorou-se muito tempo, em nossa Mansão, antes de retornar ao corpo denso de carne, sempre vigiada por inimigos que ela mesma criou em outro tempo, quando se valeu da beleza física para acumpliciar-se com o crime. Bela mulher, atuou em decisões políticas que arruinaram a estrada de muita gente. Padeceu muitos anos nas trevas infernais, entre a carne e a sombra, até que mereceu agora a felicidade de renascer com a tarefa de restaurar-se, restaurando alguns dos companheiros de crueldade que, na feição de filhos, com ela se levantarão para mais amplos serviços regeneradores...

Silas, contudo, lançou-me expressivo olhar e acrescentou:

— Historiaremos o assunto mais tarde. Agora, é indispensável agir...

Sob a atenção de Clarindo e Leonel que nos seguiam, surpresos, convocou-nos, a Hilário e a mim, para o socorro imediato.

Determinando permanecêssemos ambos em oração, com a destra colada ao cérebro da doente, começou a fazer operações magnéticas excitantes sobre o colo uterino.

Substância leitosa, qual neblina leve, irradiava-se-lhe das mãos, espalhando-se sobre todos os escaninhos do aparelho genital.

Decorridos alguns minutos de pesada expectativa, surgiram contrações que, pouco a pouco, se acentuaram intensamente.

Silas, atencioso, controlou a evolução do parto, até que o médico ingressou no recinto.

Longe de registrar-nos a presença, sorriu, satisfeito, reclamando o concurso de competente enfermeira.

A cesariana foi esquecida.

Convidou-nos o Assistente ao regresso, informando-nos mais tranqüilo:

— O organismo de Laudemira reagiu brilhantemente. Esperamos possa continuar na obra que lhe compete, com o êxito necessário.

No Mundo Maior

(Página 115)

Reteve-me Calderaro, com vigor, e exclamou:

— Deixa-o, André. Acompanhem-lo. Não podemos olvidar que Marcelo não se encontra perfeitamente curado.

Indicando as entidades provocadoras, a peque-na distância, prosseguiu esclarecendo:

— A simples reaproximação dos inimigos de outra época altera-lhe as condições mentais. Receoso, aflito, teme o regresso à situação dolorosa em que se viu, há muitos anos, nas esferas inferiores, e busca, apressado, o corpo físico, à maneira de alguém que se socorre do único refúgio de que dispõe, em face da tempestade iminente.

Os espíritos erradios bateram em retirada, e tomamos ao interior doméstico, onde encontramos o jovem tomado de contorções.

Abracei-o, como se o fizesse a um filho que-rido.

O ataque amainou, sem, contudo, cessar de todo. Ergui os olhos para o orientador, em muda interrogação. Porque tal distúrbio? A câmara de Marcelo permanecia isolada, quanto ao contacto direto com as entidades inferiores. Permanecíamos os três em palestra edificante. Por que motivo a perturbação, se nos mantínhamos em salutar atmosfera de santificantes pensamentos?

O instrutor contemplou-me, bondoso, e recomendou:

— Observa o campo orgânico, examinando particularmente o cérebro.

Notei que a luz habitual dos centros endócrinos empalidecera, persistindo somente a epífise a emitir raios anormais. No encéfalo o desequilíbrio era completo. Das zonas mais altas do cérebro partiam raios de luz mental, que, por assim dizer, bombardeavam a colméia de células do córtex. Os vários centros motores, inclusive os da memória e da fala, jaziam desorganizados, inânimes. Esses raios anormais penetravam as camadas mais profundas do cerebelo, perturbando as vias do equilíbrio e destrambelhando a tensão muscular; deter-minavam estranhas transformações nos neurônios e imergiam no sistema nervoso cinzento, anulando a atividade das fibras. Via-se totalmente inibido o delicado aparelho encefálico. As zonas motoras, açoitadas pelas faíscas mentais, perdiam a ordem, a disciplina, o autodomínio, por fim cedendo, baldas de energia. Enquanto isso, Marcelo-espírito contorcia-se de angústia, justaposto ao Marcelo-forma, encarcerado na inconsciência orgânica, presa de convulsões que me confrangiam a alma.

Após detido exame, indaguei de Calderaro:

— Como explicar essa ocorrência? Afinal de contas, nosso amigo não se encontra aqui sob o guante dos perseguidores desencarnados, mas em nossa exclusiva companhia.

O orientador, agora em ação de socorro magnético, interferia, restaurando o equilíbrio, recomendando-me aguardar alguns minutos. Em breve, dominou a desarmonia. Envolvendo-lhe o campo mental em emissões fluídico-balsâmicas, o desastre não chegou a termo. Marcelo aquietou-se. Refez-se a atividade cerebral, qual praça em tumulto logo descongestionada. As células nervosas retomaram sua tarefa, normalizaram-se as vias do tráfego, o sistema endocrínico regressou à regularidade, as redes de estímulos restabeleceram os serviços costumeiros.

Marcelo, desapontado e abatido, caiu em pro-fundo sono, pois Calderaro entendeu conveniente proporcionar-lhe maior repouso, não lhe permitindo a retirada em corpo perispiritual nos primeiros minutos de paz que se sucederam à forte crise.

Missionários da Luz

(Página 325)

— Vejamos esta irmã — exclamou Anacleto, prontificando-se ao auxílio afetuoso —, observe-lhe o coração e, principalmente, a válvula mitral. Detive-me em acurado exame da região mencionada e, efetivamente, descobri a existência de tenuíssima nuvem negra, que cobria grande extensão da zona indicada, interessando ainda a válvula aórtica e lançando filamentos quase

imperceptíveis sobre o nódulo sino-auricular. Expus ao novo amigo minhas observações, ao que me respondeu:

— Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais. Se a mente da criatura encarnada ainda não atingiu a disciplina das emoções, se alimenta paixões que a desarmonizam com a realidade, pode, a qualquer momento, intoxicar-se com as emissões mentais daqueles com quem convive e que se encontrem no mesmo estado de desequilíbrio. Às vezes, semelhantes absorções constituem simples fenômenos sem maior importância; todavia, em muitos casos, são suscetíveis de ocasionar perigosos desastres orgânicos. Isto acontece, mormente quando os interessados não têm vida de oração, cuja influência benéfica pode anular inúmeros males.

Indicou o coração de carne da irmã presente e continuou:

— Esta amiga, na manhã de hoje, teve sérios atritos com o esposo, entrando em grave posição de desarmonia íntima. A pequena nuvem que lhe cerca o órgão vital representa matéria mental fulminatória. A permanência de semelhantes resíduos no coração pode ocasionar-lhe perigosa enfermidade. Atendamos ao caso.

Sempre sob minha observação, Anacleto assumiu nova atitude, dando-me a entender que ia favorecer suas expansões irradiantes e, em seguida, começou a atuar por imposição. Colocou a mão direita sobre o epigástrico da paciente, na zona inferior do esterno e, com surpresa, notei que a destra, assim disposta, emitia sublimes jatos de luz que se dirigiam ao coração da senhora enferma, observando-se nitidamente que os raios de luminosa vitalidade eram impulsionados pela força inteligente e consciente do emissor. Assediada pelos princípios magnéticos, postos em ação, a reduzida porção de matéria negra, que envolvia a válvula mitral, deslocou-se vagarosamente e, como se fora atraída pela vigorosa vontade de Anacleto, veio aos tecidos da superfície, espalhando-se sob a mão irradiante, ao longo da epiderme. Foi então que o magnetizador espiritual iniciou o serviço mais ativo do passe, alijando a maligna influência. Fez o contacto duplo sobre o epigástrico, erguendo ambas as mãos e descendo-as, logo após, morosamente, através dos quadris até aos joelhos, repetindo o contacto na região mencionada e prosseguindo nas mesmas operações por diversas vezes. Em poucos instantes, o organismo da enferma voltou à normalidade.

Entre a Terra e o Céu

(Página 121)

Clarêncio recomendou-nos seguir-lhe o passo, enquanto prestaria assistência ao ferroviário e à esposa, em colaboração com Blandina. O enfermeiro, decerto — informou o Ministro prestimoso —, retomaria o corpo denso em aflitivas condições de saúde. Passes anestésiantes deviam favorecê-lo. Não podia lembrar a experiência grave daquela hora. A aventura provocada pela insistência mental dele mesmo era suscetível de perigosas conseqüências.

Num átimo, Hilário e eu achamo-nos ao lado de Silva, que aderira ao envoltório de carne com o automatismo da molécula de ferro, atraída pelo imã.

Examinamo-lo, atentamente.

O peito arfava-lhe, sibilante.

O coração acusava-se desgovernado, sob o império de insopitável arritmia.

De imediato, entramos em ação, sossegando-lhe o campo mental, quanto possível, através de sedativos magnéticos.

Ainda assim, apesar dos passes, pelos quais foi completamente envolvido de energias revigoradoras, o moço acordou agoniado, hesitante e trêmulo, como se estivesse fugindo de medonhas tempestades no mundo Íntimo.

Semi-inconsciente, despendeu vários minutos para identificar-se.

O pensamento surgia-lhe atormentado, nebuloso...

Tentou locomover-se, mas não conseguiu. Sentia-se chumbado à cama, quase na situação de um cadáver repentinamente desperto.

Buscou alinhar recordações, contudo, não pôde. Sabia tão somente que atravessara grande pesadelo cujas dimensões lhe não cabiam na memória.

Suarento, aflito, sentia-se morrer...

Instintivamente orou, suplicando a Proteção Divina.

Bastou essa atitude dalma para ligar-se, com mais facilidade, aos fluidos restauradores que lhe administrávamos.

Pouco a pouco, readquiriu os movimentos livres e levantou-se, ingerindo uma pílula calmante.

Amedrontado, sentou-se no leito e, mergulhando a cabeça nas mãos, falou, sem palavras, de si para consigo: — “Estou evidentemente conturbado. Amanhã, consultarei um psiquiatra. É a minha única solução”.

Sim — concordei comigo mesmo —, o ódio gera a loucura. Quem se debate contra o bem, cai nas garras da perturbação e da morte.

Com semelhante raciocínio, afastei-me.

Clarêncio aguardava-nos.

Era preciso continuar na lição.

O Nosso Lar

(Página 278)

Era Narcisa que atendia, sorrindo:

— Ouvi seu apelo, meu amigo, e vim ao seu encontro.

Não cabia em mim de contentamento.

A mensageira do bem fixou o quadro, compreendeu a gravidade do momento e acrescentou:

— Não temos tempo a perder.

Antes de tudo, aplicou passes de reconforto ao doente, isolando-o das formas escuras, que se afastaram como por encanto. Em seguida, convidou-me com decisão:

— Vamos à Natureza.

Acompanhei-a sem hesitação, e ela, notando-me a estranheza, acentuou:

— Não só o homem pode receber fluidos e emití-los. As forças naturais fazem o mesmo, nos reinos diversos em que se subdividem. Para o caso do nosso enfermo, precisamos das árvores. Elas nos auxiliarão eficazmente.

Admirado da lição nova, segui-a, silencioso. Chegados a local onde se alinhavam enormes frondes, Narcisa chamou alguém, com expressões que eu não podia compreender. Daí a momentos, oito entidades espirituais atendiam-lhe ao apelo. Imensamente surpreendido, vi-a indagar da existência de mangueiras e eucaliptos. Devidamente informada pelos amigos, que me eram totalmente estranhos, a enfermeira explicou:

— São servidores comuns do reino vegetal, os irmãos que nos atenderam.

E, à vista da minha surpresa, rematou:

— Como vê, nada existe de inútil na Casa de Nosso Pai. Em toda parte, se há quem necessite aprender, há quem ensine; e onde aparece a dificuldade, surge a Providência. O único desventurado, na obra divina, é o espírito imprevidente, que se condenou às trevas da maldade.

Narcisa manipulou, em poucos instantes, certa substância com as emanções do eucalipto e da mangueira e, durante toda a noite, aplicamos o remédio ao enfermo, através da respiração comum e da absorção pelos poros.

O enfermo experimentou melhoras sensíveis. Pela manhã, cedo, o médico observou, extremamente surpreendido:

— Verificou-se esta noite extraordinária reação! Verdadeiro milagre da Natureza!

Zélia estava radiante. Encheu-se a casa de alegria nova. Por minha vez, experimentava grande júbilo na alma. Profundo alento e belas esperanças revigoravam-me o ser. Reconhecia, eu mesmo, que vigorosos laços de inferioridade se haviam rompido dentro de mim, para sempre.

Vida e Atos dos Apóstolos – Cairbar Schutel

A Cura de um Coxo e o Discurso de Pedro

Pedro e João subiram ao templo, para a oração da hora nona. E era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham cada dia à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam; e este vendo a Pedro e a João, que iam entrar no templo, implorava-lhes que lhe dessem uma esmola. Pedro fitando os olhos nele, juntamente com João, disse: Olha para nós. E ele, esperando receber deles alguma coisa, olhava-os com atenção. Mas Pedro disse: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou; em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda. E tomando-o pela mão direita, o levantou; e logo os seus pés e artelhos se firmaram e, dando um salto, pôs-se de pé, e começou a andar; e entrou com eles no templo, andando, saltando, e louvando a Deus. E todo o povo o viu andar e louvar a Deus, reconhecendo ser este o homem que se assentava a esmolar à Porta Formosa do Templo, todos ficaram cheios de admiração e pasmo pelo que lhe acontecera. – Atos, III – 1 a 10.

Esta narrativa muito simples, cujo fato nenhum caráter miraculoso encerra, pois, são inúmeros os casos de curas narrados nos Evangelhos e até no Antigo Testamento, vem demonstrar mais uma vez que a “Cura dos Enfermos”, por ação psíquico-magnética faz parte do programa de Jesus, como bem compreenderam os Discípulos e o Espiritismo apregoado.

De fato, o trabalho, ou antes, a missão do Apostolado não consiste em cultos, nem está sob a ação de ritos desta ou daquela espécie. O seu desiderato não pode deixar de ser o de fazer o bem.

“Ide por toda a parte, disse o Cristo, curai os enfermos, expelí os demônios e anunciai o Evangelho”. E estudando a vida dos Apóstolos e seus atos, nós vemos que todos eles, assistidos pelos Espíritos do Senhor, a essas recomendações limitaram a sua tarefa Espiritual.

A vida dos Apóstolos começou com a aprendizagem destes durante o tempo que seguiram a Jesus, desdobrando-se em grande atividade após a passagem do Mestre para a Outra Vida, depois de terem recebido o Espírito no Cenáculo. Antes do Pentecostes nada, absolutamente nada eles fizeram, a não ser aprenderem com o Senhor o modo pelo qual deveriam agir, para que a grande Religião, o Cristianismo, pudesse ser, ou antes, pudesse constituir-se a Religião Mundial.

Nesta passagem observamos: 1^o que os Apóstolos eram destituídos de bens; prata e ouro não tinham; mas tinham coisa muito superior à prata e ao ouro, coisas que com estes metais não se pode fazer, pois que, eles as faziam com o “dom de Deus”; 2^o que a cura do coxo foi feita por processo psico-magnético; tendo eles empregado a fixação dos olhos (“olha para nós”, disse Pedro), e também estabelecido o contacto com o doente (Pedro to-mando-o pela mão direita, o levantou). A cura foi rápida, os membros entorpecidos adquiriram vigor, firmando-se os pés e artelhos do paciente.

Como é muito natural, todo o povo, cheio de admiração e pasmo pelo que acontecera, ficou em torno de Pedro e João, de olhos fixos para estes dois Apóstolos, sem compreender o escopo dessa cura e como puderam eles operar.

Foi quando Pedro, no Pórtico de Salomão, deliberou falar-lhes exaltando o poder do Deus, de Abraão, de Isaac e de Jacob, que glorificou a Jesus, com o auxílio de quem e por cuja fé, aquele homem se havia restabelecido.

“Não foi, disse Pedro, por nosso poder ou por nossa piedade, que o fizemos andar”. E estendeu-se em considerações doutrinárias, lembrando a Paixão do Cristo, as profecias feitas a esse respeito, as recomendações de Moisés aos israelitas sobre a adoção do Moço Profeta que Deus deveria suscitar, assim como as profecias de Samuel e os que o sucederam, a tal respeito.

No cap. que respigamos o leitor encontrará, do v. 11 ao 26, o discurso de Pedro no templo.

Deixamos de nos estender em mais considerações sobre a “Cura do Coxo”, porque, na nossa obrinha — “Histeria e Fenômenos Psíquicos — As Curas Espíritas” já deixamos essa tese bem defendida, pelo que, convidamos os estudantes do Evangelho a passar em revista dita obra.

Não convém repetir e repisar o assunto, pois, o nosso tempo é escasso, e não nos convém sair da tese anunciada, que é “Vida e Atos dos Apóstolos”.

Os Milagres e as Curas – A Prisão dos Apóstolos

E faziam-se muitos milagres e prodígios entre o povo pelas mãos dos Apóstolos; e todos estavam de comum acordo no pórtico de Salomão; dos outros, porém, nenhum ousava ajuntar-se a eles, mas o povo os engrandecia; e cada vez mais se agregavam crentes ao Senhor, homens e mulheres em grande número; a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os porem em leitos e enxergões, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse algum deles. E também das cidades circunvizinhas de Jerusalém afluía uma multidão, trazendo enfermos e atormentados de espíritos imundos; os quais eram todos curados.

Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele (que eram da seita dos saduceus), encheram-se de inveja, prenderam os Apóstolos e os recolheram à prisão pública. Mas um anjo do Senhor abriu de noite as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, disse-lhes: Ide e, no templo, postos em pé, falai ao povo todas as palavras desta vida. E tendo ouvido isto, entraram ao amanhecer no templo e ensinavam. Mas comparecendo o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o Sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel, e enviaram os oficiais ao cárcere para trazê-los. Mas os oficiais que lá foram não os acharam no cárcere; e tendo voltado, relataram: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e os guardas às portas, mas abrindo-as, a ninguém achamos dentro. E quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas palavras ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto, e chegou alguém e anunciou-lhes: eis que os homens que meteste no cárcere, estão no templo postos em pé e ensinando o povo. Nisto foi o capitão e os oficiais e os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo. E tendo-os trazido, os apresentaram no Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: Expressamente vos admoestamos que não ensinásseis nesse Nome, e eis que tendes enchido Jerusalém com o vosso ensino e quereis trazer sobre nós o sangue desse homem. Mas Pedro e os Apóstolos responderam: importa antes obedecer a Deus que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, que vós matastes, pendurando-o num madeiro; a Eles elevou Deus com a sua dextra a príncipe e Salvador, para dar arrependimento a Israel e remissão de pecados. E nós somos testemunhas destas coisas e bem assim: o Espírito Santo, que Deus deu aos que lhe obedecem. – Atos, V – 12 – 32.

O Cristianismo é uma reunião, um congregado completo de boas obras. Assim como o mundo não consiste unicamente de terras, de mares e de rios, mas é tudo o que nele existe de bom, de útil, de indispensável à vida, à instrução e ao progresso, também o Cristianismo é substância, é luz, é vida para todos os que ingressam em suas fileiras.

Todos os dons, todas as faculdades, quais clareiras abertas a um mundo novo, tudo o que é indispensável à vida moral e espiritual, que exalta o coração, que consubstancia o cérebro, que enobrece a alma, que eleva, dignifica e espiritualiza o homem, tudo encontramos no Cristianismo.

Observemos a união daqueles crentes que formavam a Comuna Cristã, — o seu desinteresse, o seu espírito de concórdia, de paz, de humildade, e de outro lado as extraordinárias lições que os Espíritos Santos lhes davam por intermédio dos Apóstolos; observemos os fatos maravilhosos que se desdobravam a todo o momento às suas vistas, o desenrolar de cenas admiráveis, patéticas que repercutiam de quebrada em quebrada na Judéia, atraindo homens, mulheres, crianças; são os que iam beber no Cálice da Revelação a Sabedoria que enaltece, o Amor que embalsama, a Fé que salva; enfermos — uns caminhando trôpegos, mas por seus próprios pés, — outros carregados por mãos piedosas em leitos e enxergões, para que ao passar Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse algum deles!

Imaginaí as romarias que enchiam as estradas, vindas de todas as cidades circunvizinhas em direção a Jerusalém, conduzindo atormentados pelas enfermidades, e subjugados por Espíritos obsessores, que recebiam a saúde, o remédio que os libertavam do mal!

Observai ainda mais as pregações dos Apóstolos que conduziam numa urna triunfal a Doutrina do Ressuscitado, ao mesmo tempo que enfrentavam a sanha herodiana, dos sacerdotes e governos com aquele denodo que lhes era peculiar, com aquela coragem que só mesmo os Santos Espíritos lhes podiam dar, e tereis estampado às vossas vistas um quadro ainda muito mal delineado, do heroísmo em sua mais alta expressão, da Verdade com suas fulgurações modeladas em cores inéditas, não só para aquele povo de então, como até para o povo de hoje!

Poderemos, porventura, admitir que os grandes daquele tempo, os sacerdotes que se diziam guardas da Lei, não vissem diante de seus olhos o que outros, de longínquas terras observavam e compreendiam?

Viam e sabiam que uma Nova Luz havia baixado ao mundo, mas a inveja quando chega a denegrir a alma, modifica todas as cores, obscurece todo o entendimento, endurece o coração e desorienta o espírito, atirando-o nos bátratos da descrença e da materialidade.

O Sumo Sacerdote e todos os que estavam com ele, feridos no seu orgulho, cheios de inveja, pois, apesar de sua grandeza não podiam fazer o que faziam os Apóstolos, a despeito da sua sabedoria, sendo absolutamente impotentes para imitar os humildes pescadores, fizeram-nos prender e os recolheram na prisão.

Eles não podiam prever que aquele recurso extremo que usavam, contra a lei, contra a justiça, contra a verdade, seria mais uma oportunidade, proporcionada ao Espírito, para a sua ostensiva manifestação, destruindo o poder dos poderosos e dando forças aos humildes.

E assim aconteceu, o Espírito que movimenta os ares e faz tremer a terra, o Espírito que traz em suas mãos potentes, as chaves de todas as prisões, o fogo que tudo consome, não poderia permitir que seus representantes e intermediários permanecessem no cárcere sob o jugo dos grilhões.

E deste modo libertos da prisão e com ordem expressa para pregarem no templo, assim foram encontrados aqueles que, seqüestrados, afastados de sua tarefa espiritual, tiveram, a seu turno, ocasião de ver e sentir a misericórdia de Deus e seu grande poder.

Que fenômenos maravilhosos! E quem os poderá esclarecer, explicar, confirmar e melhor glorificar do que o Espiritismo!

Pois, mesmo após a deslumbrante manifestação a que acabavam de assistir, o sumo sacerdote e seus companheiros, não se deram por vencidos e tentaram, mais uma vez, subjugar os Apóstolos, valendo-se para isso da sua autoridade e seu prestígio.

Mas suas pretensões não surtiram efeito, “Importa antes obedecer a Deus que aos homens”, disse Pedro.

Quão luminosas são estas palavras e quão poucos são os que as obedecem no dia de hoje, mesmo decorridos 1900 anos desde a manifestação do Filho do Altíssimo na Terra!

A vida dos Apóstolos e seus atos constituem um espelho que reflete as luzes do Puro Cristianismo. Quem os estudar e se esforçar por imitá-los não deixará de ter as bênçãos de Jesus, e a proteção dos eminentes Espíritos que dirigem a falange do Consolador que já se acha no mundo.

Pedro Cura a Enéias

Passando Pedro por toda a parte, desceu também aos santos que habitam em Lyda. Achou ali um homem chamado Enéias, que havia oito anos jazia numa cama, porque era paralítico. Pedro disse-lhe: Enéias, Jesus Cristo te sara; levanta-te e faze a tua cama. Ele logo se levantou. Viram-no todos os que moravam em Lyda e Saroná, os quais se converteram ao Senhor. – Cap. IX, v. v. 32 – 35.

Um dos principais característicos dos Apóstolos, era a cura de enfermos. Pedro possuía esse dom em alta escala.

As curas espirituais produziã grande contribuição para conversão dos incrédulos. Não só era o enfermo curado que se convertia, mas todos os que tinham seguro conhecimento do caso.

Dotado de faculdades magnéticas e ainda auxiliado pelos Espíritos, que constituem a Falange do Consolador, que agiam em nome de Jesus, Pedro fez inúmeras conversões, mais por meio de curas do que mesmo pela palavra.

É que a cura é um fato que toca logo o coração, o sentimento, mais fácil de percepção do que a palavra que precisa passar pelo cérebro e atravessar o crivo do entendimento.

O amor opera milagres, ao passo que a Sabedoria é tardia em sua ação.

Enéias, cujos nervos se achavam entevados, tendo recebido os fluídos vitalizantes de que necessitava para pô-los em ação, à voz de Pedro, ergueu-se e ficou são.

As curas espíritas constam, como se vê, dos anais do Cristianismo, e acrescentando estas palavras à narrativa de Lucas, não fazemos mais do que confirmar o que já temos dito em outras obras anteriores, principalmente a intitulada “Histeria e Fenômenos Psíquicos — Curas Espíritas”, que recomendamos aos leitores.

Poder e Humildade dos Apóstolos – A Cura do Coxo

Em Lystra estava sentado um homem aleijado dos pés, coxo desde o seu nascimento, e que nunca tinha andado. Ele ouvia falar Paulo, e este, fitando os olhos nele e vendo que tinha fé de que seria curado, disse em alta voz: Levanta-te direito sobre os teus pés. E ele saltou e andava.

A multidão, vendo, o que Paulo fizera, levantou a voz em língua Iycaônica, dizendo: Os deuses em forma humana desceram a nós, e chamavam a Barnabé, Júpiter e a Paulo, Mercúrio, porque era este quem dirigia a palavra. O sacerdote de Júpiter, que estava em frente da cidade, trouxe para as portas touros e grinaldas e queria sacrificar com a multidão. Mas os Apóstolos Barnabé e Paulo, quando ouviram isto, rasgaram os seus vestidos e saltaram para o meio da multidão clamando: Senhores, porque fazeis isto? Nós também somos homens da mesma natureza que vós e vos anunciamos o Evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o Céu, e a Terra, o Mar e tudo o que neles há; o qual nos tempos passados e permitiu que todas as nações andassem nos seus próprios caminhos; e contudo não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do Céu chuvas e estações frutíferas, enchendo-vos de mantimento e os vossos corações de alegria. Dizendo isto, com dificuldade impediram a multidão de lhes oferecer sacrifícios. – Cap. XIV, v. v. 8 – 18.

A cura do coxo de Lystra foi efetuada pelo mesmo processo que a cura do coxo do templo da porta Formosa, efetuada por Pedra.

Paulo possuía também, como Pedro, o grande dom de curar os doentes. Era, como dissemos, um dos sinais que envolviam os Apóstolos. A fé contribui muito para o sucesso dessas curas. Jesus dizia aos que lhe pediam o restabelecimento da saúde: “Se tiveres fé, tudo é possível”.

Sem dúvida, esse fenômeno, como todos os demais catalogados nos Evangelhos e que o Espiritismo reproduz, produzem grande sensação.

Foi o que aconteceu em Lystra. Admirados do fato; surpreendente que acabavam de observar, não só o cura do, como todos os que presenciaram o fato, julgaram, de acordo com suas idéias primitivas, que Paulo e Barnabé eram deuses baixados à terra.

Submissos ao politeísmo, sem noção da verdadeira religião que ensina aos homens todas as coisas, estavam eles já prontos para oferecer a “esses deuses” touros e grinaldas, como era de seu costume, mas os Apóstolos, compenetrados de seus deveres e fiéis à missão que desempenhavam repudiaram imediatamente as ofertas, os holocaustos e as ovações, fazendo-lhes ver que Deus não permite essas coisas, pois, sendo Ele o dono de tudo, não compete a nós oferecer-lhe dádivas nem sacrifícios.

O sinal do aposto lado é o desinteresse e a humildade, e estes Apóstolos deviam fazê-lo realçar para que a doutrina que pregavam fosse aceita em seus princípios constitutivos, a fim de verdadeiramente poder salvar as almas.

Observe com atenção o leitor a vida dos Apóstolos, os seus atos, a sua pregação e digam com a mão na consciência, se os sacerdotes atuais imitam, por ventura, algum dos feitos desses grandes instrutores da humanidade.

Eles davam e não recebiam, eram perseguidos e não perseguiam, todas as suas palavras, todos os seus atos eram outros tantos louvores ao Deus vivo, que fez a Terra, o Céu, o Mar e tudo o que neles há. Repeliam as glórias, repudiavam os louvores, execravam o maldito ouro que tanto escraviza os sacerdotes do nosso tempo, e sofriam injustas perseguições, louvando sempre ao Senhor e dando bom testemunho que, de fato, eram cristãos.

Eles eram cheios de poder, porque eram humildes e verdadeiros, por isso o Espírito seguia seus passos provendo-os de tudo o que necessitavam.